



VOTO DISTRITAL MISTO

Câmara prepara votação sobre novas regras para Eleições 2030

Presidente da Casa, Hugo Motta, quer pautar a derrubada do sistema proporcional ainda neste ano. **Página 13**

Foto: Divulgação/Semas



Elevação de temperaturas ameaça fauna e flora da Caatinga

Processo de desertificação é a principal preocupação ambiental por contribuir para a redução da cobertura florestal, degradação do solo e perda de biodiversidade. Mesmo adaptadas para sobreviver ao clima semiárido, populações de répteis e anfíbios estão entre as mais ameaçadas.

Página 20

Marcelino: o escravizado em fuga que se tornou símbolo de resistência

Na segunda metade do século 19, um homem ganhou as páginas de jornais por não aceitar a opressão da sociedade da época. Agora, seus passos ajudam a recontar a história dos povos negros na Paraíba.

Página 25

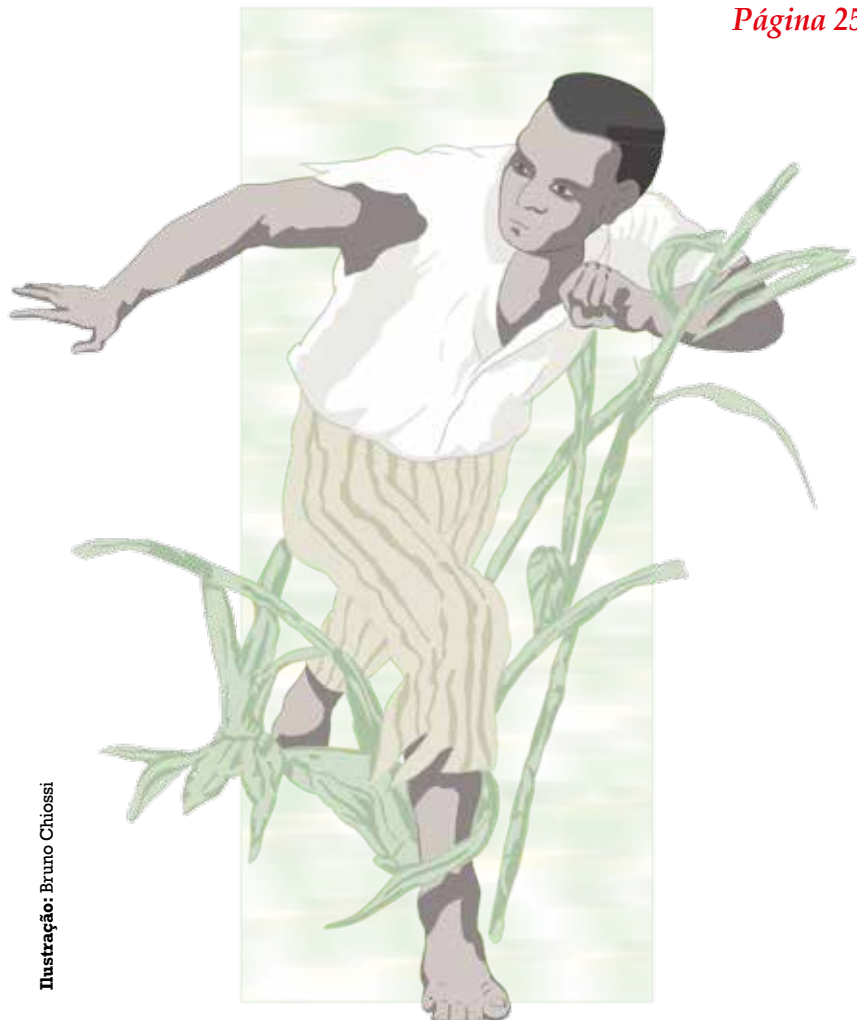


Ilustração: Bruno Chiossi

De olho nos salários, estudantes apostam na área de tecnologia

Engenharia da Computação e Ciência de Dados estão ao lado de Medicina na relação de cursos mais procurados.

Página 17

Foto: Divulgação



Excesso de trabalho adocece professores e leva a afastamentos

Contratos precários, pressão por resultados e o desrespeito em sala de aula provocam exaustão nos docentes.

Página 6

Nadador de 16 anos é esperança de medalhas para a PB

Guilherme Soares vai representar o estado nas Paralimpíadas Escolares, que começam amanhã, em São Paulo.

Página 21

Festival de Coros começa amanhã, em JP, com 54 grupos de oito estados

Evento, que vai até o próximo domingo, será realizado no Espaço Cultural. Coral Infantil da OSPB (foto) fará apresentação.

Página 9

■ “Não é fácil fracionar uma megalópole como São Paulo, aproximá-la em tantos núcleos de interesse quanto exijam os seus habitantes. Há meio século a maioria acorda às quatro da manhã para chegar ao trabalho”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2



Editorial

A ética cabisbaixa

São tantos os escândalos que abalam a sociedade brasileira que, às vezes, fica-se sem saber que peso atribuir a determinadas desordens, no sentido de especificar com maior precisão seus níveis de periculosidade. Mas de uma coisa pode-se ter certeza: o desconto ilegítimo de mensalidades associativas de milhões de aposentados e pensionistas do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) é uma das maiores ignomínias do país.

Quem acompanha os desdobramentos da nova fase da Operação Sem Desconto, deflagrada pela Polícia Federal (PF) e pela Controladoria-Geral da União (CGU), embora tudo dependa da palavra final da justiça, tem uma ideia muito precisa do tamanho da afronta à consciência da nação, representada pelo desvio de dinheiro de milhões de trabalhadores e trabalhadoras, a maioria sobrevivendo com parcas pensões e aposentadorias.

Constata-se, pelo que foi apurado até agora, quão longos e fortes são os tentáculos da organização inescrupulosa que sufocou o INSS, por dentro e por fora, desviando, para os bolsos de delinquentes de variadas patentes, de acordo com as investigações, bilhões de reais — dinheiro que seria destinado pelas pessoas lesadas para a compra, por exemplo, de comida e remédios, e ao quase impossível pagamento do plano de saúde.

A Operação Sem desconto apurou, até o momento, que a estrutura fraudulenta, que funcionava ativamente desde 2019, e teve como palco central o INSS, além de diversos outros cenários exteriores, como a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag), tinha a cobertura de políticos de gabarito e a conveniência de servidores públicos, além da participação, na outra ponta da linha, de operadores e “laranjas”.

A vida nunca foi fácil para milhões de pessoas, espalhadas pelo país inteiro, que depende de pensão ou aposentadoria para sobreviver. Se for desenhada uma pirâmide relacionada à realidade do INSS, por exemplo, o óbvio ululante — como diria Nelson Rodrigues — terá o tamanho e os contornos do rosto do Brasil: a base será formada pelo segmento que ganha menos, e o topo, por uma pequena parcela de privilegiados.

Roubar de quem já ganha pouco torna o assalto aos aposentados e pensionistas do INSS um crime ainda mais repulsivo, merecedor, portanto, da aplicação plena de todos os dispositivos legais punitivos, associados a casos como esse, e o repúdio da sociedade. Quem tem contas a prestar à Justiça que arque com suas irresponsabilidades. E que todas as vítimas, sem exceção, consigam reaver o precioso dinheiro que lhes surrupiaram.

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com

Antônio Conselheiro: a voz dos desvalidos

Antônio Conselheiro liderou uma comunidade formada por sertanejos pobres que se refugiaram na região em busca de melhores condições de vida. Pregava a resistência contra o governo e a elite dominante, defendendo um modo de vida simples e comunitário. Seus primeiros discursos eram considerados apocalípticos, pois anunciavam o fim dos tempos antes da virada do século, com a volta de Cristo juntamente com o rei Dom Sebastião. Por isso, pregava a conversão espiritual e o arrependimento dos pecados. Dizia: “Há de chover uma grande chuva de estrelas e aí será o fim do mundo. Em 1900 se apagarão as luzes”.

Conselheiro representava a resistência de uma população marginalizada — sertanejos pobres, camponeses explorados, sem acesso à terra, e negros libertos, deixados à própria sorte. Fixados no arraial de Canudos, às margens do Rio Vaza-Barris, no Sertão da Bahia, esses homens e mulheres encontraram nele uma liderança que se erguia contra as injustiças sociais. Suas pregações, ouvidas com especial atenção, revelavam um orador de grande magnetismo, capaz de fascinar pela lógica e pela força de suas palavras. Seus sermões, de caráter messiânico, misturavam religiosidade conservadora com crítica social e política — uma oratória poderosa e mobilizadora.

Segundo Euclides da Cunha, em sua imortal obra “Os Sertões”, Conselheiro e seus seguidores protagonizaram uma experiência social que pretendia reinventar o Sertão, baseada em três dimensões: religiosa, política e econômica. Buscava-se minimizar as desigualdades produzidas por mais de três séculos de colonização e agravadas pelas adversidades climáticas do Nordeste. O líder estruturou um sistema administrativo eficiente, que resultou em rápido crescimento demográfico — em apenas três anos, Canudos tornou-se, depois de Salvador, a localidade mais populosa da Bahia, com impressionante força de defesa. Aproveitando-se da ausência do Estado, implantou um sistema de produção cooperativa e enfrentou, com coragem, o mandonismo dos coronéis.

A Igreja Católica, que o via como um “desnorteadado apóstolo” em missão perversa, e o governo republicano, considera-

vam seus seguidores hereges e ameaça ao regime. Essa visão contribuiu para a perseguição que culminou na Guerra de Canudos. Monarquista convicto, Conselheiro fazia severas críticas à República, especialmente à separação entre Igreja e Estado, ao casamento civil e à cobrança de impostos abusivos.

Em manifestos escritos de próprio punho, deixou à posteridade seu pensamento religioso, filosófico e político. Euclides da Cunha, no entanto, interpretou suas prédicas como reflexo de um estado de loucura — “desconexas” e “truncadas” —, descrevendo-o como um “orador bárbaro”, “arreatado” e “pavoroso”. Alguns biógrafos, porém, contestam essa visão, alegando que se baseava em depoimentos de pessoas contrárias ao pregador.

Não há como negar que Antônio Conselheiro foi mais do que um mensageiro espiritual dos desvalidos. Ele exercia, na prática, um papel de orientação e acolhimento, ajudando os sertanejos a compreender que podiam reagir às causas de sua miséria. Tornou-se, assim, o líder de uma utopia possível: uma sociedade justa e solidária, onde todos pudessem usufruir dos bens e serviços produzidos pela própria comunidade. Mais do que um beato, foi um revolucionário.

Conselheiro fazia severas críticas à República, à separação entre Igreja e Estado, ao casamento civil e à cobrança de impostos abusivos

Opinião

Foto Legenda

Evandro Pereira



Só o mar parece o mesmo

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Um sonho revisitado

Leio agora, como novidade creditada por um número da Veja ao urbanista franco-colombiano Carlos Moreno, o que ouvi, há mais de vinte anos, do inesquecível Mário Glauco Di Lascio, arquiteto com casa-modelo em Tambiá de janela aberta para o que lhe interessava do mundo.

De acordo com o urbanista Carlos Moreno, a cidade, para ser das pessoas e não só do automóvel, precisa estar a 15 minutos do seu entorno de interesses, motivada por vários centros (“policêntrica”, na linguagem dele), estruturada ou reestruturada para seu fim humano-civilizatório primordial.

Exatamente as mesmas palavras que ouvi de meu dileto e saudoso mestre Mário Di Lascio, para quem a nossa cidade devia crescer sem aumentar a distância do Centro além dos dez ou quinze minutos nesta era dominada no planejamento e em tudo pelo automóvel.

Não é fácil fracionar uma megalópole como São Paulo, aproximá-la em tantos núcleos de interesse quanto exijam os seus milhões de habitantes. Há meio século, a maioria acorda às quatro da manhã para chegar ao trabalho no horário. Duas grandes viagens por dia, doze horas fora de casa, o olhar distante dos filhos expostos à bala perdida.

A cidade de Mário Di Lascio, recobrada de tão longe pelo franco-colombiano, estaria sendo aplicada em Paris, “um conjunto de ilhas de proximidade para as pessoas. Não passam mais carros diante das escolas. Elas se tornaram miniparques, ilhas de proteção ao silêncio, às exigências do aprendizado, da segurança, da educação do país”. Foram eliminados 60.000 lugares para estacionamento. Foi o que li.

Saímos nesta semana, com um filho, movidos por dois interesses, um deles atendido numa das grandes “lojas de tudo” na estrada de Cabedelo. A partir do Grupamento de Engenharia, a Epitácio começou a nos segurar após a hora da primeira descida de portas, a dos serviços públicos. Na estrada de Cabedelo, junta-se o que vem do Sul com outros afluentes e não há mais

“ Não é fácil fracionar uma megalópole como São Paulo, aproximá-la em tantos núcleos de interesse

olhos para a paisagem, tensamente enfiados em alguma brecha do tráfego e inteiramente alheios ao casario de caixões mais para depósito de comércio que de morada, uns mais altos, outros mais baixos, furtando a fímbria de mar-oceano e o cajual primitivo e os antigos coqueiros gigantes do desenho clássico das nossas praias.

Saímos à direita, rodeando por uma das avenidas que margeiam o oásis do antigo Aeroclube para vir respirar no Tambiá de clube e mansões fechadas, sobras sociais e aristocráticas recuperáveis, como se vê, alguns metros mais à frente, no exemplo do Tambiá Shopping a motivar o restauro de todo um núcleo de característica histórica da nossa cidade. Dobramos à esquerda, entramos na Santa Elias, onde chamei a atenção de Paulo Emmanuel, que dirigia: “Olha bem, as duas calçadas não cabem de gente empurrando-se dentro e fora das lojas a reavivar a velha cidade de Walfredo Guedes até os domínios da Lagoa. É o comércio do povo, dependente do transporte coletivo, o comércio de poucos reais, que, numa distribuição menos concentrada, mais cristã, atenuaria ou mudaria a paisagem social das nossas cidades, a mais bela de todas, o Rio, convertendo a montanha que era o seu postal numa praça de guerra entre irmãos de natureza pacífica e guerras de torcidas”.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$385,00 / Semestral R\$192,50 / Número Atrasado R\$3,30

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

PANDORA

Sistema reconecta famílias por meio da tecnologia

Ferramenta criada pelo MPPB já é implantada em mais de 20 estados do país

Emerson da Cunha
emerson.auniao@gmail.com

Três pessoas com transtorno mental estavam desaparecidas. As famílias haviam perdido o contato com elas há alguns meses ou anos. Uma das famílias morava em Bayeux, era uma filha que havia perdido o contato com a mãe desde os quatro anos, quando ela saiu e não mais voltou. Outro caso era de uma família de Campina Grande, que havia perdido o contato com a filha, e não sabia aonde ela havia ido. Até Boletim de Ocorrência haviam feito. Mais outra família se encontrava no Rio de Janeiro e não tinha ideia do paradeiro da jovem familiar.

Os três casos tiveram ou estão em vias de receber um desfecho positivo. A partir da ação de projetos da Prefeitura Municipal de João Pessoa voltados para a população de rua, o Ruartes e o Consultório na Rua, essas pessoas, que estavam em situação de rua, puderam ser identificadas por meio do nome, RG ou CPF. Tais dados foram inseridos no Pandora — Sistema Integrado de Apoio à Investigação, uma tecnologia de cruzamento de dados criada pelo Ministério Público da Paraíba (MPPB) e replicada em mais de 20 estados, como São Paulo e Pernambuco. A partir das bases de dados do sistema, foi possível mapear os laços de parentesco dessas pessoas, e o contato com as famílias foi feito.

No caso da família que ficou 20 anos longe da mãe, o recomeço é um passo desafiador diante do tempo que se passou. “Ela não me reconhece como filha, porque acha que a filha dela ainda é aquela criança de quatro anos. Do mesmo jeito, eu não a conheço... É muito difícil para nós duas. Eu espero que ela melhore, que a gente consiga se aproximar e ter uma relação de mãe e filha, o que vai levar um tempo porque nós vamos ter que criar um laço”, disse a filha. Em relação à jovem de Campina Grande, ela conseguiu retornar à família na cidade.



Promotora Fabiana Lobo atua também com defesa de direitos para populações de rua

No caso da pessoa desaparecida com origem no Rio, está sendo feito um esforço pela família, com apoio da prefeitura, para arranjar financeiramente o retorno.

Quem tem usado o Sistema Pandora para esse fim é a promotora da Cidadania Fabiana Lobo, que atua, entre outros públicos, com defesa de direitos para populações de rua. “Se tiver um nome, se for um nome mais usual, às vezes tem muitos homônimos, daí dificulta, mas às vezes é um nome mais diferente, ou então a pessoa ainda sabe dizer algum tipo de documento, alguma numeração e aí facilita a busca. A tecnologia está sendo utilizada também para essa pauta social e para a pauta de pessoas em situação de rua”, explica.

Segundo Lobo, foram três os casos positivos até agora encaminhados pela promotoria (são as histórias relatadas acima), que vem atuando dessa forma desde setembro deste ano. “Quando aparece o nome, aparecem os demais dados e também aparece uma relação do parentesco. A partir daí a gente consegue localizar. Essas situações eram de pessoas com transtorno e elas foram primeiramente acolhidas pelos serviços do

■ **Desenvolvimento e a implementação do Sistema Pandora fica a cargo do Núcleo de Gestão do Conhecimento do Ministério Público da Paraíba**

município, foram encaminhadas para o Caps, depois casas de acolhida e, nesses serviços, na fase de acolhimento, foi feito todo o contato com a família e, assim, a reinserção”.

O desenvolvimento e a implementação do Sistema Pandora fica a cargo do Núcleo de Gestão do Conhecimento do Ministério Público da Paraíba, coordenado pelo promotor de Justiça Octávio Paulo Neto. A tecnologia foi criada com o objetivo de reunir informações de pessoas físicas e jurídicas extraídas de bases de dados oficiais nacionais. “A grande virtude do Pandora está na coordenação de informações dispersas, algo que tradicionalmente o Estado brasileiro faz com lentidão e desarticulação. Ao integrar dados das mais diversas ma-

tizes, a plataforma oferece uma visão contextual da pessoa e de seu entorno social. É um passo além da mera estatística: é a inteligência social, que permite que o Estado atue para amainar jornadas”, explica Neto, que destaca o potencial social da ferramenta: “A tecnologia alcança seu sentido mais nobre quando se veste de cidadania, isto é, quando deixa de ser mero instrumento de controle ou eficiência e se torna ponte entre a vulnerabilidade e a dignidade”.

“**Ao integrar dados das mais diversas matizes, a plataforma oferece uma visão contextual da pessoa e de seu entorno social**

Octávio Paulo Neto

Consultório conta com equipe multissetorial

A porta de entrada para usuários com distúrbios mentais que desejam ou precisam se reaver com a família tem sido o Consultório na Rua, projeto da Secretaria Municipal de Saúde de João Pessoa. Trata-se de uma equipe multissetorial, envolvendo profissionais de enfermagem, medicina, assistência social, psicologia, entre outros, destinados exclusivamente para o atendimento médico de pessoas em situação de rua. O consultório funciona de segunda a sexta, das 8h às 19h, e

é itinerante, indo sempre para pontos da cidade onde há demanda de saúde da população em situação de rua. É nesse atendimento, a partir dos dados de cadastro no serviço, que é possível fazer as buscas pelos familiares.

“Geralmente, quando a gente atende a pessoa em situação de rua que não tem referência familiar, que não tem nenhuma informação, a gente entra em contato com a promotoria, que tem o acesso ao Sistema Pandora”, explica Luana Alves,

coordenadora do projeto. Segundo ela, todas as informações acessadas dentro do sistema em relação a contato familiar, como endereço ou telefone, são então ofertadas pela promotoria à equipe, que faz a busca ativa. “Quando a pessoa sinaliza que não quer contato com a família, a gente já nem passa informações para o usuário. Mas a gente tem conseguido vários resultados positivos nessas buscas”.

Ela estima que o sistema tem tido um papel im-

prescindível na reinserção de moradores de rua com distúrbios mentais em suas famílias e que a parceria deverá ser mantida. “Até porque tem pessoas que têm vontade de ter contato com a família e que não sabem o paradeiro, às vezes a família mudou de endereço, não tem contato telefônico. E aí é uma ferramenta importante, que a gente precisava desse contato com algum familiar, mas não tinha como encontrar. Com o sistema, facilitou bastante a nossa busca”, coloca Alves.

Eduardo Augusto

eduardomelosocial@gmail.com

O biscoito da pressa

Foi numa terça-feira comum, dessas que parecem feitas de algodão e tédio, que eu decidi, em um ato de puro desespero doméstico, fazer chá. Não qualquer chá, mas um Earl Grey, com seu buquê de bergamota, na xícara de porcelana fina que herdei de uma tia-avó que eu mal conhecia. Ao lado, sobre o pires, repousava um biscoito de manteiga, redondo, modesto, comprado no sacolão da esquina.

A primeira mordida foi um acontecimento banal. Crocante. Doce. A segunda, porém, foi um cataclisma.

Não foi uma lembrança. Foi uma ressurreição. De repente, não estava mais na minha cozinha com o fogão manchado. Estava na casa da minha avó, com sete anos, os pés balançando sem tocar o chão de cimento queimado da cozinha dela. O cheiro não era de bergamota, era de lenha queimada e de galinha com quiabo. O sabor do biscoito, idêntico ao do bolinho de polvilho que ela fazia todas as tardes, havia funcionado como uma chave mestra, aromando os cadeados mais empoeirados do meu passado.

E foi aí que me lembrei de Marcel.

Marcel Proust, o sujeito que transformou um mergulho de um bolinho de madeleine no chá num dos eventos mais importantes da literatura universal. Enquanto eu era sequestrado pela memória do cheiro do terreiro molhado, uma parte de mim, a parte que fez Ciências Sociais e leu Proust para o trabalho de conclusão de curso, observava a cena com um sorriso irônico.

“Puxa vida,” pensei, meu eu interno ajustando um monóculo imaginário, “estou tendo um momento proustiano. Que sofisticado”.

Mas aí começaram os problemas. Proust tinha tempo. Sete volumes de tempo. A memória involuntária dele era uma senhora elegante, que chegava de mansinho e se instalava no salão da consciência para um chá que durava trinta páginas. A minha, em plena era da internet de fibra óptica, era uma adolescente hiperativa, viciada em TikTok.

Enquanto o sabor do biscoito tentava me conduzir pela mão numa jornada sensorial profunda pela infância, minha mente começou a pular de galho em galho, num ritmo frenético.

O cheiro da lenha queimada me levou à minha avó, que me lembrei que adorava novela das oito, o que me fez pensar no ator que fazia o vilão, que tinha um sotaque carioca, que me fez lembrar que preciso marcar o corte de cabelo, que por sua vez me conectou àquela propaganda de creme que passava no intervalo.

Era um colapso do tempo proustiano. Em vez da “imensidade recapturada”, eu tinha uma sucessão caótica de links azuis, sublinhados e levando a lugar nenhum. A memória profunda, a essência pura do passado, estava sendo interrompida por um feed de notícias do meu próprio cérebro.

Tentei me concentrar. Fechei os olhos, forcei a barra. “Sinta a textura, o aroma, deixe-se levar...” Mas a única coisa que vinha era o rosto da minha avó cantando o *jingle* de um amaciantes.

Proust, o coitado, deve estar se revirando no seu túmulo forrado de cortiça. Ele se debruçava sobre uma única xícara e extraía dela todo um universo perdido, a vila de Combray, as pessoas, os sentimentos. Eu, diante do meu biscoito de manteiga de R\$ 2,99 o pacote, extraía uma *playlist* desordenada de pops culturais e lembranças de tarefas domésticas.

Tomei um gole de chá, desesperado. O gosto amargo da bergamota, em vez de refinar a experiência, apenas acrescentou uma nova aba ao navegador mental: “comprar mais chá”.

Desisti. Abri os olhos. A memória involuntária havia fugido, assustada com a cacofonia interior. Fiquei ali, olhando para o biscoito mordido, um pouco frustrado, um pouco divertido.

Talvez, no fundo, essa seja a nossa “Busca do Tempo Perdido” contemporânea. Não a recuperação majestosa de uma era dourada através do paladar, mas a tentativa patética de encontrar um fio de continuidade em meio ao ruído. Nossa memória involuntária não é mais uma senhora de crinolina; é um *influencer* com déficit de atenção, fazendo um *story* que some em 24 horas.

De qualquer forma, a experiência, ainda que truncada, me marcou. E, no dia seguinte, comprei mais biscoitos. Quem sabe, na próxima, eu consiga desligar o *wi-fi* da alma e deixar que o passado venha não como um flash, mas como uma longa e tranquila conversa comigo mesmo. Ou, pelo menos, que ele dure mais do que um reel.

Foto: Roberto Guedes



Adhailton Lacet

Juiz titular da 1ª Vara da Infância e Juventude da Comarca de João Pessoa

“Abandono afetivo pode resultar em danos morais para o pai ou mãe ausente”

Magistrado alerta para obrigação de se proteger sempre o bem-estar da criança

Camila Monteiro
milabmonteiro@gmail.com

O abandono afetivo de crianças e adolescentes agora é um ilícito civil, isto é, pode gerar consequências legais, como o pagamento de indenização, para os pais ou responsáveis que se omitem, tanto na garantia das necessidades básicas quanto no cuidado emocional e na convivência. Essa alteração no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) ocorreu por meio da Lei nº 15.240, sancionada em 28 de outubro deste ano. Antes da mudança, o abandono afetivo não era tratado como um ilícito de maneira expressa. A situação era analisada a partir da jurisprudência e da interpretação geral do ECA e do Código Civil e, assim, eram aplicadas sanções condizentes com cada caso. Com a criação de uma lei específica que reconhece formalmente o abandono afetivo como um ilícito civil, há um reforço à proteção integral da criança e do adolescente.

Para falar sobre como a Justiça tem decidido acerca do direito à guarda em relação a pais ausentes sob a luz da nova atualização do ECA, o jornal **A União** entrevistou o juiz Adhailton Lacet, titular da 1ª Vara da Infância e Juventude de João Pessoa. Durante a conversa, ele destacou que o melhor interesse da criança deve sempre ser perseguido nas tomadas de decisão referentes a esses casos.

Entrevista

■ *Quais as últimas mudanças que ocorreram no Estatuto da Criança e do Adolescente?*

O Estatuto da Criança e do Adolescente [ECA] foi alterado no mês de outubro, considerando como ilícito civil exatamente o abandono afetivo. Esse fato pode agora resultar em danos morais para aquele pai ou mãe ausente. De fato, o casal não é obrigado a viver junto. O casamento, às vezes, não tem mais condições de se prosseguir por vários motivos, então acontece a separação. Mas isso não impede que ambos, pai e mãe, fiquem cuidando e dando proteção, afeto e carinho ao seu filho. Quando isso não acontece, agora, cabe essa reparação por danos, por abandono afetivo.

■ *Durante o processo de separação, a decisão sobre com quem os filhos ficarão é um dos pontos mais delicados. Há atualmente duas modalidades mais comuns de guarda, a unilateral e a compartilhada. Quais as diferenças entre as duas?*

A guarda unilateral normalmente ocorre em separação em trâmite na Vara de Família. Então, o casal está se divorciando e, naquela análise da separação, ou mesmo por acordo entre as partes, o juiz delibera: a guarda vai ficar com a mãe ou vai ficar com o pai, assegurado o direito de visita naqueles dias específicos. Outra modalidade é a guarda compartilhada, em que o casal decide entre si. “Olha, vai ficar segunda comigo, na terça com você, ou dois dias comigo, dois dias com você”. Há essa deliberação entre as partes. A própria criança também pode

se manifestar e tem o seu direito de vontade respeitado, pois o juiz acolhe essa pretensão. Os filhos podem dizer que querem ficar hoje ou a semana toda com o pai e que na próxima semana querem ficar com a mãe.

■ *Quais os critérios para a definição de qual categoria será adotada para cada caso?*

Há sempre que se observar o melhor interesse da criança. Esse é o olhar direcionado do ECA. O melhor interesse da criança, a prioridade absoluta nos seus interesses e a proteção integral são primados do nosso Estatuto. Assim, os melhores interesses são sempre aqueles em que possam colocá-la a salvo de qualquer tipo de vulnerabilidade, qualquer tipo de agressão. Às vezes, o fato de estar com a sua família natural não quer dizer necessariamente que a criança está protegida. Às vezes, os pais são os próprios violadores de seus direitos. Então, enxergando esse tipo de situação, o melhor interesse pode ser destituir o poder familiar desses pais e o consequente encaminhamento dessa criança para uma família substituta, por meio de um processo de adoção ou mesmo de uma guarda com avós, tios.

■ *A guarda compartilhada deve ser adotada como o principal modelo, em que a responsabilidade pela criação e educação é dividida igualmente entre os pais. Mas em situações de guarda unilateral, como é definido o direito às visitas e à influência do genitor ou genitora que não tem a guarda?*

A guarda unilateral pressu-

põe o direito de visita, exceto em situações nas quais aquele direito de visita possa ser prejudicial à criança. Vamos supor que o pai tenha sido um abusador, então ele perdeu a guarda do seu filho e a guarda unilateral ficou com a mãe. O direito de visita, nesse caso, terá que ser suspenso, porque ele foi um abusador e a sua visita ao filho vai ser prejudicial. O direito de guarda confere ao guardião o direito de se impor negativamente à visitação de terceiros. Então, se o guardião ou a guardiã perceber que aquela visita está sendo deletéria, não está trazendo bons frutos, bons resultados para a criança, ela pode comunicar isso em juízo para que seja revista essa questão da visitação. Ele tem o direito de educar, de criar, de dar guarida, porém a questão alimentícia vai também ser deliberada na sentença. A questão da contribuição pecuniária para vestir, ofertar alimento, escola, saúde, educação, isso é deliberado em juízo. Pode ser de forma dividida ou pode ser também arbitrada apenas a um dos cônjuges.

■ *E como funciona quando um dos genitores se ausenta por longo período do convívio com a criança?*

Vamos supor que a guarda está com a mãe o pai se afasta, não exerce mais o seu direito de visita. Agora, ele está incidindo naquilo que o ECA prevê e que já falamos: o abandono afetivo, porque a figura paterna e a figura materna são essenciais exatamente na formação social, educacional e moral da criança. Quando uma dessas pessoas fundamentais para a criação do filho desaparece, isso causa um prejuízo na formação, então a criança ou adolescente vai buscar essa figura em outras pessoas — em uma tia, uma avó, em um irmão ou até mesmo em um terceiro conhecido. Atualmente, essas situações são enquadradas como um ilícito civil.

■ *No início deste mês, um caso trágico ocorreu em João Pessoa. O pai matou seu filho de 11 anos, alegando motivação financeira, pois não estava conseguindo arcar com a pensão alimentícia. O filho, Arthur Davi, possuía Transtorno do Espectro Autista (TEA). O senhor poderia comentar esse caso e responder se há particularidades nas decisões referentes à guarda de crianças neurodivergentes ou com deficiência?*

Tem sim, porque casos como esse que você citou são reprováveis em todos os aspectos. Primeiro, porque é um crime. Em segundo lugar, porque foi pra-

tificado por uma pessoa que, em tese, poderia protegê-lo. Em terceiro lugar, porque era uma criança neurodivergente, quer dizer, que não tinha discernimento de como se defender ou mesmo sair daquela situação. Nesse caso específico, o pai usou o ardil de que veio de uma outra cidade buscando rever a criança para tentar retomar o contato e a mãe, usando de toda a sua boa-fé, achando que agora o pai, que era ausente, tinha vindo colaborar na criação e educação do filho, aceitou que o pai ficasse com a criança e a história teve esse final extremamente triste. Então, em situações como essa, de crianças com deficiência ou neurodivergentes, a Justiça procura ver com quem a criança deve ficar, analisando aquela que melhor possa acolher. Normalmente, na maioria dos casos, é com a mãe.

■ *Se houver temor em relação à segurança da criança, o que é possível fazer?*

Em primeiro lugar, proceder com uma denúncia. Quem está na ponta em todos os municípios é o Conselho Tutelar. Pode-se levar isso ao conhecimento deste órgão e, se porventura o Conselho não agir no prazo devido, pode-se procurar o Ministério Público, a Defensoria Pública ou a própria Vara da Infância e Juventude, porque o juiz, tomando conhecimento, decide sobre o caso. A Justiça age por provocação, ela não toma a iniciativa de ir na rua e procurar, quem toma essa iniciativa, normalmente, é o Conselho Tutelar, o Ministério Público. Mas, quando a Justiça é provocada, se chegar ao conhecimento, o juiz tem a obrigação de encaminhar, se for um fato delituoso, à Delegacia de Infância e Juventude, de comunicar ao Ministério Público ou pedir que o Conselho Tutelar faça diligência nesse sentido para saber a veracidade dessas acusações.

■ *De acordo com a Lei Federal nº 12.318, considera-se ato de alienação parental a interferência na formação psicológica da criança ou do adolescente promovida ou induzida por um dos genitores para que repudie o genitor ou que cause prejuízo à manutenção de vínculos com este. O que a legislação atual diz sobre esse assunto?*

Tivemos agora um julgado — uma decisão final — recente do Superior Tribunal de Justiça (STJ), em que a ministra disse que esses casos de alienação parental, sobretudo oriundos de situações de violência doméstica, têm que ser apurados com

muita cautela. O que é alienação parental? É quando o pai e/ou a mãe, marido e mulher, brigando, põem no meio dessa briga o seu filho. O pai chega para o filho e xinga a genitora. A mãe chega para o filho e fala mal do pai. E como fica o emocional dessa criança? “Eu sou filho de pessoas ruins? Quem tem razão?” Isso é muito ruim para o desenvolvimento emocional da criança. É um ser humano ainda em formação.

■ *Qual o impacto disso na vida da criança?*

A alienação parental é totalmente prejudicial à saúde emocional da criança. E os pais precisam entender isso. Eu sei que uma separação é traumática. Eu já me separei, eu passei 15 anos casado no meu primeiro casamento, me divorciei com três filhos e estou há 25 anos no segundo casamento e tenho mais três filhos. Eu tenho três homens e três mulheres, são seis filhos e quatro netos. E a nossa preocupação era exatamente isso: a preservação dos meus filhos. Toda separação, seja ela consensual ou litigiosa, é traumática, porque é um vínculo afetivo que se rompe, é um lar desfeito e os filhos não pediram isso, então a gente tomou muita precaução, eu e a minha ex-esposa, para preservar nossos filhos. A guarda foi assim, não tinha dia nem hora para visitação, e eu acho que isso foi ideal. Hoje, estão aí crescidos. Evidentemente, fica alguma mágoa, algum trauma, porque no fundo eles queriam estar com o pai e a mãe juntos, todos eles querem. Mas, quando isso não é possível, a gente tem que buscar a maneira mais saudável e menos traumática que possa existir para que a vida transcorra com mais tranquilidade.

■ *Como o senhor avalia a legislação atual em relação à segurança das crianças e dos adolescentes?*

Olha, no Brasil, temos uma legislação de vanguarda, inclusive, elogiada no mundo todo, que é exatamente o Estatuto da Criança e do Adolescente [ECA]. Esta lei, ao longo dos seus 35 anos, sofreu mais de 400 alterações, todas elas voltadas para a área protetiva, nenhuma na área infracional. Então, a mais recente alteração foi agora, em outubro de 2025, essa do abandono afetivo. Nós temos legislação suficiente para proteger nossas crianças. Em algumas situações, precisamos, às vezes, de políticas públicas efetivas para garantir a aplicação dessa legislação.

CULTOS AFRO-BRASILEIROS

Religiões mantêm legado ancestral

Oralidade e musicalidade marcam Jurema, Umbanda e Candomblé, que se firmaram na PB apesar da perseguição

Samantha Pimentel
samanthauniao@gmail.com



As religiões afro-brasileiras surgiram no país durante o processo de colonização e da escravização

de pessoas negras trazidas da África. Para preservar sua fé e práticas sagradas, esses povos desenvolveram estratégias de resistência, como o sincretismo com o cristianismo e a incorporação de elementos de rituais indígenas — também perseguidos no período colonial. Essas tradições são marcadas por forte musicalidade, cantigas, danças, vestimentas e rituais sagrados. A oralidade exerce papel essencial, transmitindo saberes e costumes entre gerações.

Apesar de sua importância cultural e histórica, essas religiões são alvo de preconceito desde sua origem, resultado do racismo que ainda atravessa a sociedade. Os praticantes das religiões de matriz africana reforçam que o termo correto, inclusive juridicamente, para esse tipo de discriminação é racismo religioso, e não intolerância religiosa, já que — como destacam — “ninguém demoniza os deuses greco-romanos”.

O historiador, professor e pesquisador Valdir Efun Lourenço e Lima, de Santa Rita, autor do livro “Cultos afro-paraibanos: Jurema, Umbanda e Candomblé”, explica que o culto à ancestralidade chegou ao Brasil “nos porões dos navios tumbeiros, no processo da diáspora africana”, sendo ressignificado no território brasileiro e dando origem ao Candomblé — considerado a primeira religião afro-brasileira. Contudo, antes mesmo do Candomblé, já existiam cultos ancestrais dos povos originários, como o Jarê, na Bahia, o Catimbó e a Jurema, esta mui-

to forte no Nordeste e especialmente na Paraíba.

Com a chegada da população africana escravizada, ocorreu uma hibridização: essas práticas indígenas passaram a incorporar elementos das tradições negras.

Na Paraíba, conforme explica o pesquisador, o desenvolvimento dos cultos afro deu-se de forma distinta da observada no restante do país: primeiro surgiu a Jurema, depois a Umbanda e somente mais tarde o Candomblé. “Teve um percurso inverso aqui. O Candomblé é baiano, ele surge na Bahia e chega à Paraíba apenas na década de 1970”, afirma.

Inicialmente, no estado, os cultos da Jurema estavam concentrados na região de Alhandra, entre os povos originários. Com o tempo, outras pessoas passaram a integrar essas práticas, que também receberam influências negras.

Ainda segundo o pesquisador, o racismo contribuiu para a perseguição e estigmatização dessas religiões. Ele cita, por exemplo, episódios ocorridos a partir de missões cristãs na Nigéria, quando a imagem de Exu — divindade que faz a comunicação entre o mundo terreno (aiê) e o espiritual (orun) — foi demonizada. Essa visão deturpada repercutiu nas religiões afro-brasileiras e em seus praticantes.

Diferenças

O pesquisador Valdir Efun Lourenço e Lima de Santa Rita explica que, apesar da hibridização, as religiões afro-brasileiras mantêm características próprias. O Candomblé recria o culto aos orixás, que na África eram venerados separadamente. No Brasil, os cultos foram reunidos, originando a religião. Outra marca é o uso de línguas africanas nos ritos, conforme a nação de origem.

A Umbanda surgiu no Rio de Janeiro entre o fim do século 19 e início do 20, espalhando-se pelo país e ganhando identida-



Mãe Renilda ressalta a participação das mulheres no Candomblé

des locais. Na Paraíba, recebeu forte influência do nagô pernambucano, aproximando-se do Candomblé. Suas rezas e cantigas são em português. É sincrética: relaciona orixás a santos católicos e, em alguns lugares, incorpora elementos do Kardecismo.

A Jurema Sagrada também realiza seus rituais em português e reúne elementos indígenas. No culto atuam caboclinhos, pretos velhos e entidades como Exu e Pombagira. Assim como as demais religiões afro-brasileiras, trabalha com cura, equilíbrio espiritual e harmonia, além de manter uma relação fundamental com elementos da natureza.

Valdir Efun ressalta que essas religiões não buscam converter fiéis e valorizam o respeito às diferenças, acolhendo pessoas de todas as orientações sexuais e identidades de gênero. Segundo ele, são religiões com forte presença feminina e frequentemente alvo de

discriminação por seu caráter inclusivo.

Protagonismo feminino

A ialorixá Mãe Renilda Bezerra, presidente da Federação Independente dos Cultos Afro-Brasileiros do Estado da Paraíba, destaca que as pessoas negras, quando sequestradas da África, foram forçadas a abandonar sua cultura, incluindo sua religião. Ela relata que, no século 19, em Salvador, três mulheres iniciaram o Candomblé no Brasil. Durante a Ditadura, os terreiros eram alvos de invasões e violência: “Batiam nas pessoas, inclusive eu apanhei”, relembra. No governo de João Agripino, foi criado um decreto garantindo a liberdade de culto; porém, mesmo com a legislação, ainda havia vilipêndio aos cultos. Como consequência, os terreiros eram construídos nos fundos das casas, para não chamar atenção.

Segundo Mãe Renilda, o Candomblé consolidou-se, na



Religiosidade e elementos da natureza estão estreitamente ligados

Paraíba, durante a década de 1970. Ela enfatiza que a religião é marcada pelo cuidado e acolhimento: “Independente de cor, classe social ou orientação sexual, estamos aqui para receber a todos”. Para ela, o Candomblé representa o fortalecimento do ori — palavra do iorubá que refere-se à ligação espiritual — e a possibilidade de expressar essa espiritualidade por meio dos orixás. A líder religiosa explica que existem mais de 400 orixás, mas apenas 16 são cultuados no Brasil. “Os demais ficaram na África; esses foram os que vieram para o país com vontade de cuidar da gente”, afirma.

Apesar dos avanços, Mãe Renilda ressalta que o racismo religioso ainda está presente. Ela relata ter sido vítima em 2024, quando uma mulher a prendeu em um elevador enquanto participava de um evento. O caso foi judicializado como racismo. “Hoje existe o crime religioso. Do ponto de vista da legislação, avançamos, e órgãos como o Ministério Público, aqui na Paraíba, estão atentos a isso”, destaca. Ela acrescenta que o Governo do Estado tem dialogado com ela e outras lideranças para a construção de políticas públicas de enfrentamento do problema.

Hibridismo espiritual que homenageia divindades locais

Pai Cleyton de Xangô explica que a Jurema Sagrada, originalmente chamada Catimbó Jurema, surgiu da fusão entre cultos indígenas e africanos. Escravizados que escapavam das senzalas conviviam com povos indígenas em quilombos e aldeias, participando de seus rituais e mantendo seus próprios cultos. Dessa troca nasceu a Jurema.

A diferenciação principal está na ancestralidade reverenciada: enquanto as religiões de matriz africana cultuam ancestrais do continente africano, a Jurema homenageia ancestrais locais — espíritos de pessoas que viveram no território e retornam como divindades. Essas entidades organizam-se em falanges, como caboclos, pretos velhos e mestres, cujas histórias são preservadas pela oralidade.

Os rituais da Jurema as-

semelham-se às práticas indígenas e incluem oferendas às divindades. O nome também remete a uma árvore sagrada, da qual se produz o vinho ritualístico chamado “Jurema”; uma das entidades cultuadas também recebe esse nome.

Por causa do racismo religioso, o termo original “Catimbó” — de origem indígena e ligado ao uso do cachimbo — passou a ser usado de forma

pejorativa, levando à adoção do nome “Jurema Sagrada”. Na atualidade, porém, há um movimento de retomada e ressignificação do termo “Catimbó”. Pai Cleyton afirma que leis e políticas públicas têm ajudado a reduzir o preconceito, embora a discriminação ainda exista.

Umbanda e o sincretismo

Quando os africanos escravizados chegaram ao

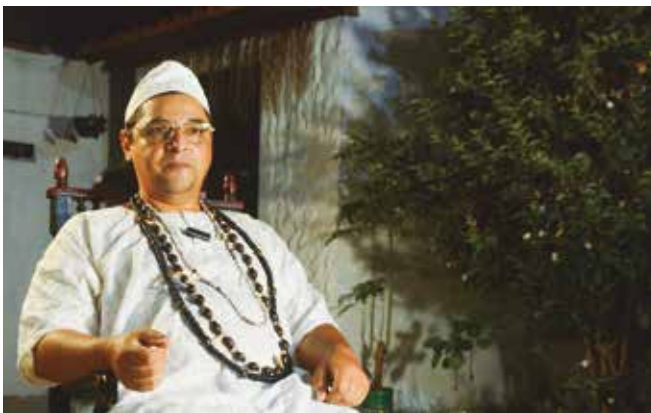


Foto: Arquivo pessoal

Pai Clayton de Xangô conta um pouco da história da Jurema

Brasil, seus cultos religiosos passaram a receber influências, tanto das práticas espirituais dos povos originários quanto do processo catequético imposto pela Igreja Católica.

Pai Geraldo de Oxóssi, da Casa de Iemanjá Dodê, relata que desse encontro nasce a Umbanda, manifestação caracterizada por caboclos, pela associação de orixás a santos católicos e pela incorporação de traços do Candomblé, religião também formada no Brasil.

Na Umbanda, algumas das divindades cultuadas são as mesmas do Candomblé, como Exu, Ogum, Oxóssi e Iemanjá, mas também estão presentes Caboclos, Pretos Velhos, Pombagiras e outras entidades. Os rituais são marcados pela musicalidade, elemento comum às religiões afro-brasileiras. Pai Geraldo destaca que um dos diferenciais da Umban-

da é o idioma das cantigas: “Toda tradição é fortalecida através das danças e das músicas, e o diferencial é que as cantigas da Umbanda são cantadas em português, diferente do Candomblé”.

Os rituais costumam ser acompanhados por instrumentos de percussão, como os atabaques, e cada entidade tem suas próprias cantigas e ritmos. Todo o aprendizado musical e ritualístico é transmitido pela oralidade, de geração em geração, característica que marca as tradições afro-brasileiras. Durante essas cerimônias, é comum que as divindades incorporem nos médiuns, assim como ocorre no Candomblé e na Jurema.

Sobre o racismo religioso, Pai Geraldo afirma que ele continua presente na sociedade: “Infelizmente, ela é construída sobre esse pilar. Embora façamos o enfren-

tamento, ainda há muitos casos de racismo religioso”. Ele reconhece os avanços conquistados com legislações, políticas públicas e direitos voltados às populações de terreiro, mas ressalta que a luta permanece. Para ele, a educação é uma das principais ferramentas de fortalecimento e de conhecimento dos próprios direitos por parte dos praticantes dessas religiões.

Tradições indígenas, africanas e católicas produziram expressões de fé marcadas pela luta contra o racismo religioso

SOBRECARGA

Excesso de trabalho adoece docentes

Estresse e pressão por resultados empurram professores para a exaustão e mudam o futuro da educação brasileira

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Depois de quase 10 anos ensinando na rede pública, o professor Jomário Ferreira precisou se afastar da sala de aula. Foi durante a pandemia que a ansiedade e a depressão vieram à tona. “Foi tanta cobrança que eu disse em uma reunião *on-line*: ‘Olha, não diga que somos os salvadores da pátria’. Eu não estou conseguindo nem me salvar”, lembra. O estresse, porém, não ficou restrito àquele período, já que os fatores que o fizeram adoecer não desapareceram com a retomada das aulas presenciais. Infelizmente, essa pressão que o levou à exaustão física e mental reforça o resultado da Pesquisa Internacional sobre Ensino e Aprendizagem (Talis 2024), que, ao estudar e comparar a educação em 53 países, chegou à conclusão: o professor está adoecendo.

Embora o problema atravessasse todas as etapas do ensino, ele torna-se ainda mais evidente nos anos finais do Ensino Fundamental, que vai do 6º ao 9º ano — pelo menos no Brasil. É nesse ponto que o desgaste acentua-se e o entusiasmo costuma dar lugar ao cansaço. Para se ter ideia de quanto os professores estão

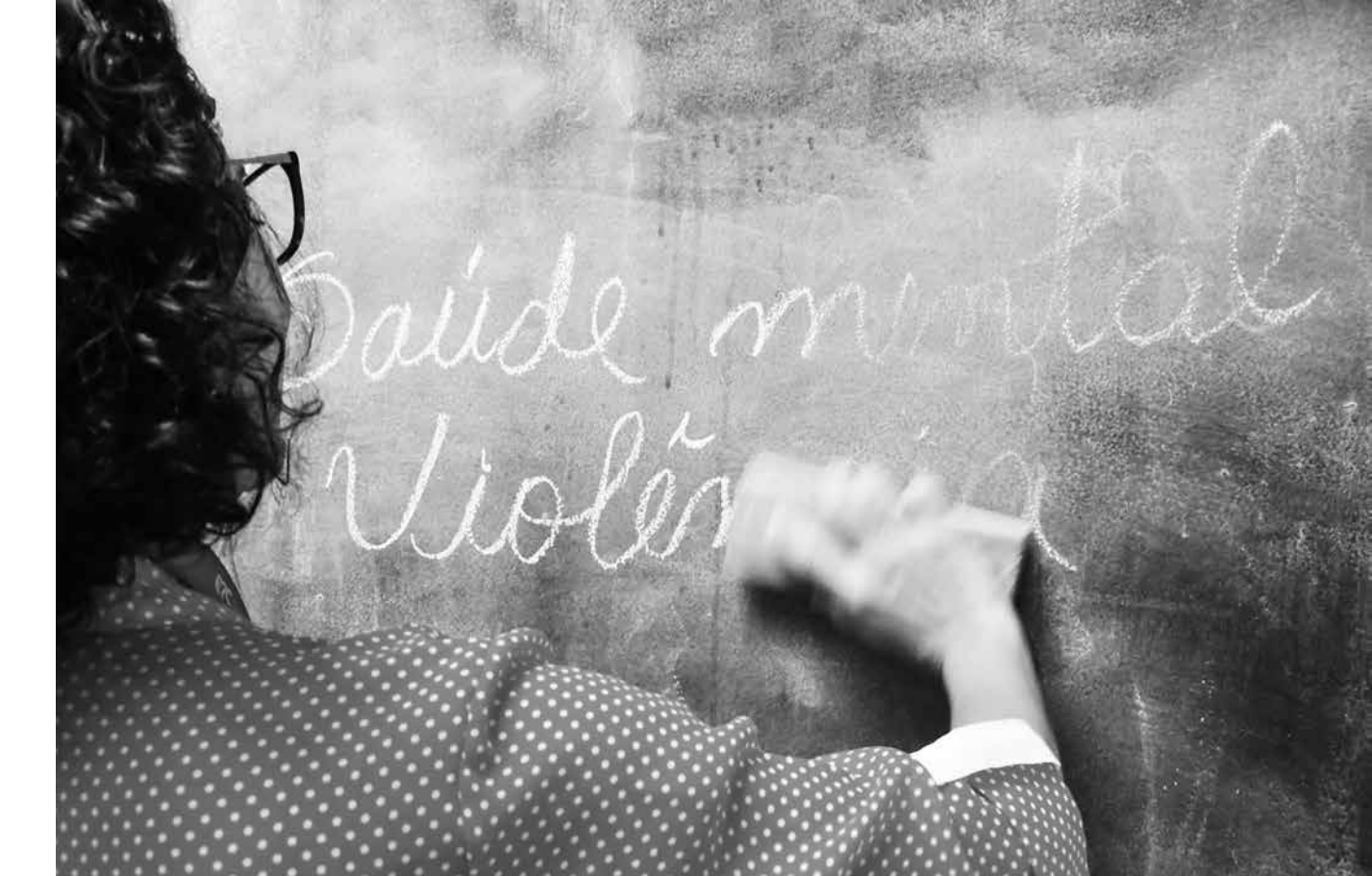


Foto: Leonardo Ariel

Nos anos finais do Ensino Fundamental, que vai do 6º ao 9º ano, o desgaste acentua-se e costuma dar lugar ao cansaço

estafados, no relatório divulgado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), cerca de 20,9% dos docentes brasileiros relataram viver sob alto nível de estresse e 16,5% já sentem reflexos na saúde mental. Entre as principais causas, estão a pressão pelos resultados dos alunos — 66,3% contra 45% da média da OCDE —, a sobrecarga de

provas e correções (59,8%) e o tempo perdido para manter a ordem em sala, que chega a 21% das aulas. Além disso, 44% dos entrevistados disseram, ainda, ser frequentemente interrompidos pelos alunos. No Brasil, a pesquisa ouviu docentes de 342 escolas e foi conduzida pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep).

A conta não fecha
Jomário conhece bem o peso que a rotina escolar exerce sobre quem educa. Primeiro, ingressou na Educação Básica, na qual encarou seu maior desafio como docente; depois, atuou como professor substituto na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), conciliando as duas jornadas. Na rede pública de Serra Branca, encarou uma carga

horária de 30 horas semanais que, à primeira vista, parecia até equilibrada, mas escondia uma matemática impossível: 20 horas em sala, cinco de planejamento e outras cinco dedicadas a estudos e correções de atividades em casa. “Mas professor nenhum consegue dar conta de seis a 10 turmas com apenas cinco horas por semana de correção ou planejamento”, aponta.

Ele costuma comparar o ato de dar aula à preparação de um atleta. Não é simplesmente chegar e correr uma maratona, assim como não basta abrir o livro em determinada página e começar a ensinar. É preciso compreender o conteúdo, planejar e criar conexões que façam sentido para o aluno. Porém, sem o tempo adequado, ele reconhece que nem sempre é possível oferecer a melhor aula. “Já cheguei a lecionar para o 6º, 7º, 8º e 9º anos, quatro turmas diferentes, com quatro tipos de conteúdos. Era extremamente cansativo”. Não à toa, o entusiasmo foi dando lugar à exaustão, agravada pelo desinteresse dos alunos e pela falta de reconhecimento, tanto das famílias quanto da própria gestão. “Cada vez mais não podemos frustrar o aluno, nem posso dizer que ele está errado. Se fizer isso, fica malvisto. E quem acaba frustrado é você”, desabafa.

Hoje, o professor afastou-se mais uma vez da escola. Primeiro, por conta de uma licença e, depois, por decisão própria. Não tem mais aquela vontade de voltar à sala de aula, embora seu retorno já tenha data marcada: janeiro de 2026. Com a ansiedade à flor da pele, faz terapia semanalmente e voltou a usar ansiolíticos.

Contratos precários aplicam lógica de mercado à docência

Para o pedagogo Marcus Quintanilha da Silva, doutor em Educação e professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), o caso de Jomário não é isolado, mas sintoma de um sistema que há muito tempo adoecer o profissional. Segundo ele, essa realidade não é exatamente nova, mas tornou-se mais visível porque, hoje, há mais espaço para falar sobre isso. A diferença está na escala e na intensidade.

“A carreira não garante a valorização, mas não há ‘valorização’ sem ela. A fuga não é um fenômeno exclusivo da profissão docente, mas de todas que sofrem pela intensificação do trabalho e a consequente piora nas condições de vida”, analisa o especialista. Marcus explica que o problema não se resume à sobrecarga de turmas ou tarefas, mas a um modelo que transforma o magistério em um “exercício de resistência” dentro de um sistema guiado pela lógica de mercado.

Em outras palavras, mesmo sendo o professor quem forma cidadãos e sustenta o projeto de sociedade, ele também está sujeito à precarização dos vínculos e à pressão por desempenho, fatores que intensificam o trabalho escolar e esvaziam o verdadeiro sentido da docência. Para ele, não há valorização sem uma carreira estruturada que garanta



Foto: Arquivo pessoal

O caso de Jomário é uma regra, não exceção

estabilidade e dignidade à profissão. “Quando eu intensifico o trabalho de um docente, deixo de contratar outro, reduzindo custos sob a lógica de mercado. O fenômeno do desgaste tem nisso seu ponto de partida”, aponta. Não por acaso, as observações do pedagogo convergem com o panorama traçado pela pesquisa Talis — *Teaching and Learning International Survey*, em inglês —, que revela que 14% dos professores brasileiros não se sentem valorizados pela sociedade, índice abaixo da média da OCDE, de 22%. Além disso, 73% deles trabalham meio período e 36,5% dos professores que atuam nos anos finais do Ensino Fundamental possuem contratos temporários, quase o dobro da média observada nos demais países (19,3%).

Como consequência desse cenário, a sobrecarga de trabalho apa-

rece entre os fatores que mais contribuem para o adoecimento dos professores. Quase metade dos entrevistados relatou sentir altos níveis de pressão diante do alto volume de tarefas. Mas, além das exigências do próprio sistema, há uma dimensão social que não pode ser ignorada: a transferência para a escola da responsabilidade integral sobre os estudantes. Segundo Marcus Quintanilha, há famílias que, por vulnerabilidade ou falta de políticas públicas, não conseguem acompanhar de perto o processo educativo — e a escola, sozinha, não dá conta. “Em linhas gerais, a maioria dos casos em que temos desafios com os estudantes está atrelada à vulnerabilidade social. Essa não é uma justificativa, mas uma explicação que vai além da política educacional e toca o íntimo das condições de vida das famílias”, analisa.

Entre a frustração e o entendimento que a escola é um caminho para transformação

O cenário descrito pelo especialista também se reflete na rede privada, onde o adoecimento não é menos frequente. Paulo (nome fictício), professor dos anos finais do Ensino Fundamental em um município do Sertão paraibano, conta que, embora as condições sejam melhores na escola particular, a pressão e a sensação de esgotamento são semelhantes. O tempo de preparação, o esforço para manter a turma concentrada e o acúmulo de demandas administrativas acabam pesando na saúde mental. “A gente se sente muito frustrado quando não consegue dar aquela aula que planejou”, diz, destacando que a desvalorização é um dos motivos que mais abalam o emocional do professor. E acrescenta: “O aluno, muitas vezes, não percebe o quanto a gente se esforça e pesquisa para dar uma boa aula. Na parte da manhã, eu planejo. À tarde, estou na escola. E no período da noite, pesquiso sobre futuras atividades”, detalha Paulo, que preferiu não se identificar por medo de represálias.

Segundo o docente, que atua há três anos na rede privada, o desrespeito em sala e o mau comportamento dos alunos têm minado sua motivação pouco a pouco. “Chega a um ponto em que a gente se questiona se, realmente, essa profissão ainda vale a pena”, desabafa. No fim, esse ciclo constante de esforço e frustração gera uma sensação de impotência difícil de lidar que acaba reforçando, dia após dia, a sensação de cansaço. “É a profissão que eu escolhi para a minha vida. Saímos da faculdade com muitos sonhos, querendo ser o melhor professor, mas a realidade mostra o contrário”, reflete o docente.

Futuro
Apesar do desânimo que afe-

ta boa parte da categoria, ainda há quem encontre motivos para permanecer na escola. Rayane Albuquerque, professora nos anos iniciais do Ensino Fundamental em uma escola particular de Sapé, é uma delas. “A educação é o único meio para transformar uma sociedade. Ela é a arma mais poderosa que temos”, diz, com a convicção de quem vê sentido no que faz. Para Rayane, que acumula 15 anos de experiência como professora, o segredo está na valorização e no ambiente escolar. “Eu tenho a sorte de trabalhar em uma instituição com profissionais incríveis, com uma direção muito humana, que realmente me enxerga, não apenas como profissional, mas como pessoa”.

Na prática, quando o reconhecimento existe, a docência deixa de ser uma batalha tão solitária. Segundo ela, a relação de respeito também precisa estender-se às famílias, o que faz toda a diferença na hora de enfrentar os desafios do dia a dia. Esse apoio influencia diretamente na forma como o professor encara o cotidiano. “A maior parte dos pais tem um bom acolhimento e respeito pelo professor, o que me deixa muito feliz.

Acredito que o ambiente influencia muito meu trabalho”, conta. E, claro, o fato de lidar com crianças também pesa a seu favor, já que o processo de alfabetização flui de forma mais leve e recompensadora. “Estamos lidando com crianças, e não com adolescentes. Então, ainda temos certa autoridade”, pontua, comparando seu trabalho ao de professores dos anos finais.

Mesmo assim, a Talis 2024 mostra que ser professor ainda é um desafio. Entre os docentes brasileiros que lecionam do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, 14,7% relataram sentir muito estresse e 12,7% afirmaram que o trabalho impacta a saúde mental — índices menores que a média internacional, mas ainda preocupantes. Além disso, 7,3% dizem não ter tempo para a vida pessoal. Diante desse cenário, Rayane defende a importância de estabelecer limites e preservar o autocuidado. “Eu acredito que o profissional precisa, sim, tirar um tempo para si, até porque, quando você não faz isso, a sua entrega na escola fica defeituosa. Se eu não estou bem, não consigo entregar o meu melhor para os meus alunos”, conclui.



Foto: Arquivo pessoal

Rayane acredita que reconhecimento e respeito fazem a diferença

SEGURANÇA E INTEGRAÇÃO

Projeto aproxima PM e comunidades

Com foco em policiamento comunitário e aulas gratuitas de diversas áreas, iniciativa exhibe resultados positivos

Nalim Tavares
nalimtavaresrdo@gmail.com

Segurança pública feita com várias mãos: essa é a proposta do CoMvida, projeto da Polícia Militar da Paraíba (PMPB) que realiza uma série de ações para aumentar a proteção, a sensação de pertencimento e o fortalecimento do comércio nas comunidades do estado. Escolhida como quadrante-modelo, a comunidade Mulungu, no Bairro do Varadouro, em João Pessoa, foi a primeira a receber a iniciativa e já demonstra resultados positivos, com a redução da criminalidade na área, além da criação e do fortalecimento de um vínculo entre os moradores e o policiamento comunitário.

As intervenções já abrangem outros polos da capital e consistem, principalmente, em ações de revitalização de espaços públicos — como melhorias em iluminação, manutenção de fachadas, limpeza e ornamentação das ruas — e atividades que promovem interação entre a polícia e a comunidade, com retorno direto para os cidadãos — aulas gratuitas de música, artes marciais, xadrez, educação artística e treino funcional, a fim de proporcionar o bem-estar e o desenvolvimento de habilidades sociais e intelectuais para

Ambiente

O ComVida inclui intervenções de revitalização de espaços públicos, como melhorias em iluminação, limpeza de ruas e manutenção de fachadas

crianças, jovens e adultos. Em 2023, a major Dayana Cruz Pereira foi acionada para intensificar o CoMvida, como coordenadora de Integração Comunitária e Direitos Humanos da PMPB. Segundo ela, anteriormente, esforços do tipo aconteciam de forma dissociada no estado, sem gerar conexão entre as pessoas, o ambiente e os órgãos públicos. “Hoje, o projeto não é apenas uma aula de caratê ou de arte, e sim o propósito de uma unidade de polícia, junto à comunidade. Encaramos o caratê como uma forma de educação socioemocional, o xadrez como uma ferramenta para es-



Fotos: Carlos Rodrigo

Programas educativos abrangem turmas de caratê, xadrez, artes e treino funcional, fomentando o desenvolvimento de habilidades sociais e intelectuais de crianças, jovens e adultos

timular o pensamento estratégico e a tomada de decisões, e a questão das artes, das visitas aos museus, como um meio de gerar pertencimento”, explica. “Esses fatores fazem com que as pessoas queiram preservar os espaços. E, nessa dinâmi-

ca, entra o policiamento, para ajudar na segurança. Todos têm compreendido a necessidade de, cada vez mais, abriremos as portas das nossas unidades para a comunidade, não só para receber as pessoas, mas para colaborar com elas”.



Medalhista nacional celebra incentivo

Entre as aulas mais populares, estão as de caratê, que integram o programa Jovens Campeões do CoMvida. Elas contemplam cerca de 60 pessoas, divididas em turmas matutinas e vespertinas, às terças e quintas-feiras, na própria sede do Primeiro Batalhão da PMPB. Semestralmente, o desempenho dos alunos é avaliado durante o exame de faixa, promovido pela Federação de Karate da Paraíba (FekaPB). Por meio de parcerias estabelecidas com a rede de ensino local, também é feito um acompanhamento externo dos participantes mais novos, como a verificação de matrícula escolar, desempenho estudantil e carteira de vacinação.

O major Alberto Higino é o professor das turmas. Ele conta que ensina caratê há 32 anos, mas estava perdendo o interesse na área quando a oportunidade de participar do CoMvida surgiu. “Quem restaurou minha motivação foram essas crianças, ver a dedicação e o compromisso delas. É uma troca, ensinamos uns aos outros. Elas são como eu, quando comecei a aprender caratê, e ver isso também me faz bem”, diz Alberto. “O caratê ajuda a desenvolver inteligência emocional e confiança. Alguns alunos eram tímidos quando chegaram aqui, participavam pouco, inclusive na escola. Agora, eles se dispõem a participar de tudo, voluntaria-

riam-se, vencem o medo”. Aline Vieira, de 15 anos, é uma dessas alunas. Ter aulas de caratê era um grande desejo, mas ela lembra que tinha vergonha de experimentar. “Quando cheguei aqui, tive que participar de tudo, ir para a frente da turma fazer demonstrações, e isso foi ajudando. Eu dizia que não queria competir, mas me inscrevi em um campeonato. Perdi o primeiro, mas tomei gosto e, nos próximos, fui subindo no pódio”. Hoje, a jovem acumula diversas medalhas no pescoço — sua conquista mais recente é o bronze no Campeonato Brasileiro de Karate, encerrado no início do mês. “Foi emocionante ver Ali-

ne competir”, relata a mãe dela, Maria Ângela, que acompanha as aulas e é uma grande incentivadora da menina e do filho mais novo, Davi, mais um aluno do programa. Ângela relata que descobriu o CoMvida por meio de outra mãe e resolveu inscrever seus filhos no programa, ao saber que as aulas ocorrem perto de casa e o equipamento é fornecido gratuitamente. “Assistindo às lutas, vi minha filha ganhando confiança”. Já Vanuza Araújo, que também é mãe, conheceu a iniciativa a partir da major Dayana e inscreveu os filhos — Gabriel, de 11 anos, e Estefani, de 14 — no caratê. “O que me motivou a aceitar o convite foi ver um esporte tão caro sendo promovido de forma acessível para a comunidade. Sinto-me muito realizada vendo meus filhos no projeto, está fazendo um bem enorme para eles”. Empolgada, ela encontrou outro ramo do CoMvida do qual podia fazer parte: o programa Caminhar, que contempla mais de 700 pessoas nos bairros do Centro e Colinas do Sul. “Nós nos divertimos muito durante as aulas, convivemos, saímos de casa para nos exercitar e interagir”, diz Vanuza. No Centro, o treino funcional acontece na Praça Pedro Américo, de segunda a sexta-feira, em frente ao Primeiro Batalhão da PMPB. Já em Colinas do Sul, os encontros ocorrem na base do Grupamento Especializado em Ações Preventivas (Gesap) da polícia, às terças e sextas. Em ambos os núcleos, o horário é o mesmo, às 6h. Para se inscrever em algum dos serviços que integram o CoMvida, basta ir até a unidade da PMPB mais próxima e informar-se sobre as ações desenvolvidas na região, os horários e o número de vagas disponíveis.

Parceria com o comércio ajuda a reduzir crimes

O CoMvida também incentiva os cidadãos a se envolverem diretamente na resolução de problemas nos espaços públicos, propondo a prática do policiamento comunitário — que prioriza a parceria com membros de uma comunidade para melhorar a qualidade de vida local. Segundo a major Dayana, esse é um trabalho a ser desenvolvido com atenção, já que se opõe à noção de que policiais e comunidade não atuam em conjunto. “É uma ‘contracultura’. Por isso, é importante garantir a consolidação e a compreensão dessa mobilização. Não queremos só chegar e entregar algo, queremos construir com a comunidade”.

Como a realização de muitas ações foge da alçada da PMPB — como reformas em imóveis —, o CoMvida conta com o apoio de entidades como a Loteria do Estado da Paraíba (Lotep), a Prefeitura de João Pessoa e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). “Cada um entende que participar do CoMvida é muito colaborativo. O foco, agora, é estabelecer essa confiança e essa comunicação — mais do que a expansão, que é algo que queremos fazer em 2026. A expectativa é que a PMPB tenha, em todas as unidades, coordenadores que possam atuar como articuladores sociais”, Dayana detalha. Derivada do CoMvida, a Rede Comércio Seguro reúne cerca de 170 empresários e é mais uma prova de que o trabalho em grupo traz benefícios a todos: por meio de atividades de conscientização sobre segurança, articulações com órgãos públicos e

policiamento preventivo no Centro Histórico, a parceria entre os comerciantes e a PMPB conseguiu, desde setembro de 2023, diminuir o número de crimes, durante a madrugada, em 50%. “É a coletividade que nos permite ir mais longe, conversar e encontrar a melhor forma de fazer as intervenções que forem necessárias”, observa Inaldo Coelho Nunes, que mantém um comércio na Praça Pedro Américo e integra a rede. “É muito satisfatório ter liberdade, dentro da instituição, para desenvolver um trabalho como esse. Assim, a gente mostra que se importa, e se importar faz parte do nosso trabalho”, conclui a major Dayana.



A expansão é algo que queremos em 2026. A expectativa é que todas as unidades da PMPB tenham articuladores sociais

Dayana Pereira



Com apenas 15 anos, a carateca Aline Vieira já coleciona conquistas em competições

RAÍZES DO BREJO

Guarabira prepara-se para festival

Conhecida como a “Rainha do Brejo”, cidade promove, no fim do mês, uma agenda variada para celebrar a cultura local

Camila Monteiro
milabmonteiro@gmail.com

O município de Guarabira, situado a cerca de 90 km da capital, sediou a abertura oficial da 7ª Rota Cultural Raízes do Brejo, no dia 22 de setembro deste ano. Agora, a cidade abre os braços para receber a programação da festividade, de 28 a 30 de novembro. Chamada de “Rainha do Brejo”, em referência à sua importância como a principal cidade-polo da área, Guarabira abriga uma população de 57.484 pessoas, segundo o último Censo do IBGE, posicionando-se como o nono município mais populoso do estado.

Com atrativos que vão desde o turismo religioso até um rico patrimônio cultural, a cidade encanta seus visitantes. “Nós temos teatro, museu, galeria de arte. A gente tem tudo para melhorar o nosso turismo e, agora, com o Raízes do Brejo, teremos um entrosamento com outros prefeitos, para a construção de um programa que vai incentivar a região — que tem muito o que mostrar”, comentou a prefeita de Guarabira, Léa Toscano.

Os principais pontos turísticos locais incluem o Memorial Frei Damião, a Catedral de Nossa Senhora da Luz, o Cruzeiro de Brennand e o Casarão da Cultu-

ra, que abriga o Museu do Cordel e o Centro de Documentação. O Teatro Municipal Geraldo Alverga e o Mercado Público Velho também integram as atrações.

De acordo com o secretário municipal de Cultura e Turismo, Clemilson França, a Rota Cultural Raízes do Brejo já se consolidou como um dos eventos mais queridos e aguardados do calendário turístico e cultural de Guarabira. “O festival atrai turistas, artistas, artesãos e empreendedores da gastronomia, que vêm celebrar a identidade, a cultura, as artes e as tradições do nosso povo”.

Ações de decoração dos espaços públicos, melhorias na infraestrutura e organização de feiras e oficinas de capacitação voltadas a artistas, artesãos e empreendedores locais foram algumas das atividades realizadas pela prefeitura para preparar a cidade para o evento. Além disso, a população guarabirense também está empenhada em recepcionar os visitantes. “Essa integração entre Poder Público e comunidade reforça o sentimento de pertencimento e torna o evento ainda mais autêntico e representativo”, destacou Clemilson.

O festival, promovido pelo Fórum Regional de Turismo Sustentável do Brejo Paraibano (FRTSB-PB), com apoio do Governo do Esta-



Fotos: Divulgação/Prefeitura de Guarabira

A população tem contribuído com a organização do evento, que visa valorizar as raízes e as tradições guarabirenses

do, tem como finalidade dar visibilidade a outros municípios da região, além dos que integram o Caminhos do Frio, oferecendo experiências culturais, gastronômicas e de contato com a natureza, de modo a promover a circulação de artistas, fomentar o turismo regional, movimentar a economia criativa e estimular o orgulho

das comunidades locais.

Ainda conforme o secretário, integrar o circuito itinerante é reafirmar o compromisso de Guarabira com a preservação e a difusão da cultura paraibana. “O evento é um elo de união entre os municípios do Brejo, um espaço de troca de experiência, de partilha de saberes e de valorização das

identidades locais”.

Desde outubro, a rota cultural já passou por cidades como Lagoa de Dentro, Alagoinha e Serra da Raiz. Após Guarabira, será a vez de Píripituba sediar a agenda, de 5 a 7 de dezembro, seguida de Belém, Duas Estradas e, por fim, Pilõezinhos — que encerra a edição deste ano, de 26 a 28 de dezembro.

■
Circuito itinerante busca fomentar o turismo regional e movimentar a economia criativa

Feiras, shows e corrida reunirão visitantes e moradores

A programação guarabirense do Raízes do Brejo promete apresentar uma diversidade de atrativos, integrando culinária, cultura, artesanato e esporte. “Entre as atividades, destacam-se as oficinas de teatro, fotografia e xilogravura, que envolvem diretamente os participantes nas produ-

ções; e as feiras de artesanato, gastronomia e cordel, que valorizam nossos artistas, culinaristas e mestres da cultura popular”, explicou o secretário Clemilson França.

A abertura da agenda está prevista para as 19h do dia 28 (sexta-feira), na Praça João Pessoa, localizada no Centro

de Guarabira. Logo depois, às 20h30, acontecerá a apresentação da Banda Marcial 5 de Agosto, da capital.

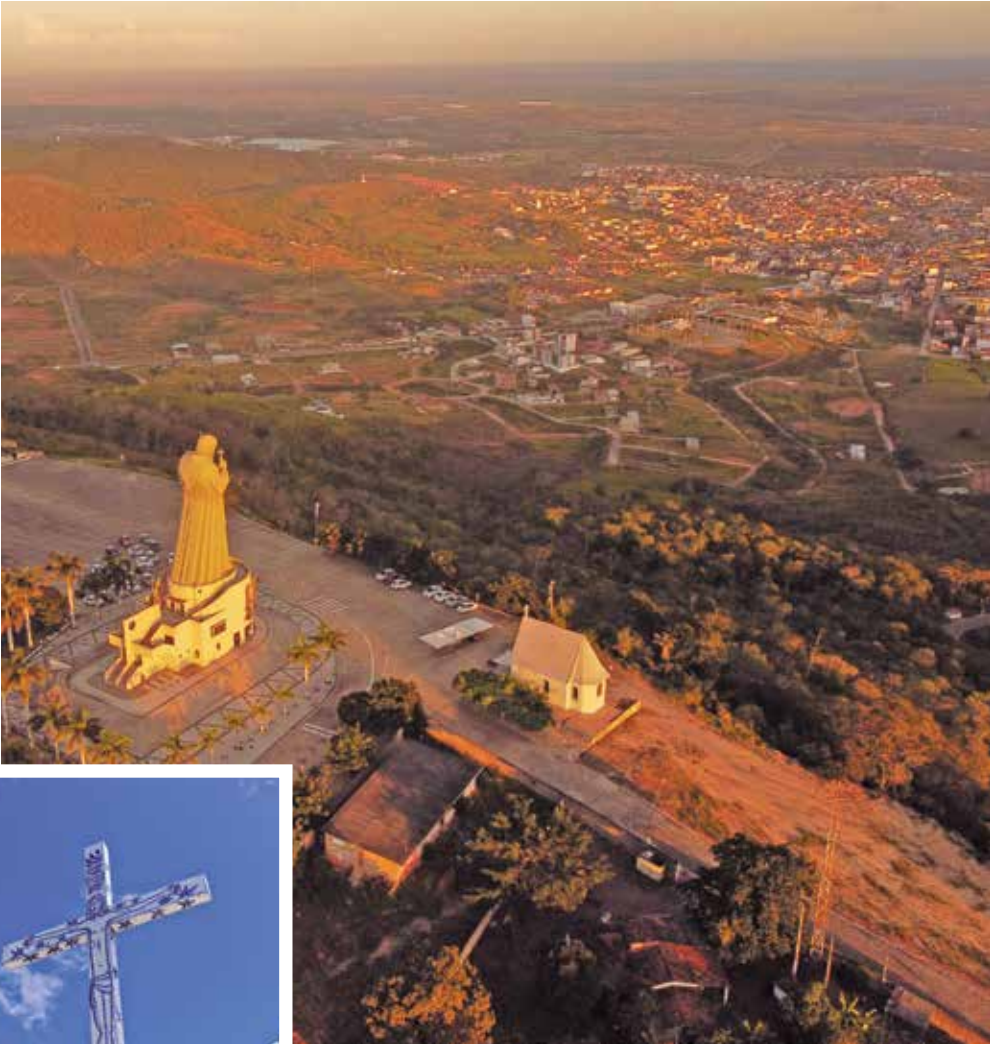
O dia 29 (sábado) começará com uma exibição do Boi de Reis — performance folclórica que une teatro, dança e música — na feira livre da cidade. Em seguida, na Praça da

Bandeira, também situada no Centro, o público poderá conferir um espetáculo de coco de embolada e as feiras de cordel, culinária e artesanato. Às 14h30, a Praça João Pessoa será palco para um concerto do Grupo Chorata, de Campina Grande, cujo eclético repertório oferece não apenas o chori-

nho, mas também canções de samba, forró, valsa e maxixe. A programação musical continua às 16h, com o grupo de percussão feminino As Calungas. Para a noite, está prevista uma homenagem ao poeta e cordelista guarabirense Chico Pedrosa, sucedida por um show de Artur Neto e Banda.

A corrida de rua que leva o nome de Zenóbio Toscano, ex-prefeito do município, será o grande atrativo do dia 30 (domingo), tendo início às 6h, com trajetos de 5 km e 21 km. Encerrada a competição, o grupo Q Pagode ficará encarregado de embalar o encerramento do festival.

Atrativos turísticos combinam religião, arte e história



Com uma estátua de 32 m de altura, o Memorial Frei Damião atrai, anualmente, milhares de devotos; o Cruzeiro de Brennand é uma das obras no local

Os visitantes que estiverem na cidade para prestigiar as atividades da rota cultural também terão a oportunidade de conhecer algumas das atrações turísticas mais populares do Brejo.

Uma delas é o Memorial Frei Damião, que atrai milhares de devotos anualmente. Localizado em um dos pontos mais altos de Guarabira, o monumento de 32 m de altura faz parte do Complexo do Santuário de Frei Damião, onde se celebram missas todos os domingos. A base da estátua abarca uma exposição com fotografias e objetos que contam a história do frade italiano, conhecido por suas peregrinações pelo Nordeste brasileiro ao longo de mais de 60 anos. O percurso de subida pelo monumento também relata memórias cristãs: são 15 estações da via sacra, com 62 estátuas em tamanho real. O visitante ainda pode contemplar o Cruzeiro de Brennand, que possui uma imagem de Cristo pintada pelo artista pernambucano Francisco Brennand.

Outra parada de interesse para os turistas católicos é a Igreja Nossa Senhora da Luz, que fica no Centro da cidade. Marco inicial de Guarabira, o templo preserva uma arquitetura de inspiração renascentista e clássica.

Poetas e pintores

O Casarão de Cultura e o Centro de Documentação são importantes espaços culturais do município, possuindo quatro áreas dedicadas às artes, à história e às memórias de personalidades guarabirenses. Já o Memorial do Cordel José Camelo de Melo Resende, que celebra 10 anos de existência em 2025, disponibiliza um rico acervo para o público conhecer a vida e a obra de poetas e cordelistas locais. O prédio leva o nome do autor paraibano de “Romance do Pavão Misterioso”, obra reconhecida, inclusive, internacionalmente.

Além do cordel, Guarabira mantém uma forte tradição em arte *naïf*, expressão artística que costuma retratar cenas do cotidiano, por

meio de cores vibrantes e traços lúdicos, realizada por artistas autodidatas. A cidade, que expõe exemplos dessa manifestação em seu portal de entrada e em pontes, sedia o Festival Internacional da Arte Naïf, tendo reunido, na edição deste ano, 100 artistas, vindos de 19 estados brasileiros e outros 16 países.

Origens

A história de Guarabira remonta à sua fundação, como povoado, em 1694, nas terras do Engenho Morgado. Seu nome tem origem tupi, significando “morada das garças”. O desenvolvimento da localidade foi marcado pela devoção religiosa, especialmente após 1755, quando José Rodrigues Gonçalves da Costa, fugindo do grande terremoto ocorrido naquele ano, em Portugal, estabeleceu uma capela dedicada a Nossa Senhora da Luz. Devido ao seu potencial econômico, a povoação foi elevada à categoria de vila, em 27 de abril de 1837. Em 26 de novembro de 1887, passou, então, ao *status* de município.

MÚSICA

Coreografia de vozes

O Coro de Câmara Villa-Lobos abre o evento amanhã

O Festival Paraibano de Coros começa amanhã, na Sala José Siqueira, reunindo 54 grupos de oito estados, mais uma apresentação de dança de Portugal

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

De amanhã até o próximo domingo (23), o Festival Paraibano de Coros (Fepac) reunirá dezenas de conjuntos vocais com uma programação gratuita e uma homenagem ao regente João Alberto Gurgel. Todas as atrações desta 23ª edição terão como palco a Sala de Concertos Maestro José Siqueira, situada no Espaço Cultural, em João Pessoa (Tambauzinho). A abertura, nesta segunda-feira (17), às 20h, será com a ópera *Orfeu e Euridice*, peça escrita pelo alemão Christoph Willibald Gluck, no século 18. O texto utiliza como base o mito grego de mesmo nome. Participam desse número o Coro de Câmara Villa-Lobos, da capital, e a Orquestra Sinfônica da Universidade Federal da Paraíba (OSUFPB), sob a regência de Carlos Anísio.

O Fepac é coordenado por Eduardo Nóbrega. Ele lembra que o festival nasceu com o objetivo de remontar a história do segmento na cidade: até a década de 1970, os grupos vocais eram maioria em relação às orquestras, situação que se inverteu com o passar dos anos, segundo o maestro. A partir de seu ingresso como profes-

sor na UFPB, ele pôde dar vazão ao projeto.

“O primeiro festival era só da cidade de João Pessoa. O segundo tornou-se estadual. O quarto, eu abri nacional. E, do sexto para lá, ele tornou-se internacional. Fomos dando uma ‘injeção’ de ânimo nos maestros e corais. Tanto que, antes desse evento, não tínhamos quase nenhum grupo no interior. Hoje temos uns 10, em Patos, Uiraúna, Bananeiras...”, afirma.

A estimativa de Eduardo é que a capital conte com cerca de 70 corais, com atividade regular — boa parte deles ligados a igrejas evangélicas. Expandindo para todo o estado, esse número, segundo o maestro, ultrapassa os 100 grupos. Uma falha que impede uma conta mais “fechada” é a atuação retraída de alguns grupos circunscritos a bairros e instituições.

“Você tem coral em hospital, em escola. Quer dizer, eles estão na comunidade, mesmo que não os vejamos. Mas, com o Fepac, a Paraíba passa a ser o cenário do canto coral no Brasil. E essa troca de experiências entre os outros coros é importante, porque o Nordeste passa a ter uma noção de como anda essa área. Tudo acontece no Sul e no Sudeste”, sustenta.

Além dos coros que apresentam-se em sequência — de sete a 10, a cada noite —, shows de abertura marcarão a programação do festival. Na terça-feira (18), às 18h, o *Noites Boêmias*, de Eliza Leão e Clara Bione, passeia pelo repertório de cantoras de sucesso. Na quarta-feira (19), será a vez da Orquestra Armorial do Colégio Marista Pio 10.

“Já na quinta, teremos Felipe Reznik, músico do Rio de Janeiro que vai fazer um concerto com a panela de mão, um tipo de instrumento. Na sexta, o Diamond, grupo de música popular. No sábado, a Orquestra Filarmônica do Centro de Formação Educativo Comunitário [Cefec], da cidade de Santa Rita. E, no domingo, o Quarteto Auros”, elenca.

Quem encerra a programação no último dia é o grupo Trança, coletivo de dança vinculado ao Teatro Ribeiro Conceição, de Portugal — a apresentação começa às 18h. A diversidade encontrada no Fepac, a propósito, é um dos trunfos do evento, atesta Eduardo Nóbrega. Essa amplitude, neste ano, foi propiciada pela abertura irrestrita de participação.

“A voz é um instrumento democrático. Você tem corais de Minas, da Bahia, do Maranhão,

do Pará... E você tem conjuntos de penitenciárias masculinas, femininas, de grupos de idosos. Tem até de pessoas traqueostomizadas, pacientes que tratam o câncer na garganta”, detalha.

Para os interessados em ingressar em um coral, de maneira profissional ou amadora, o maestro Eduardo não faz mistério: qualquer um pode participar. Ele ressalta que, para os conjuntos mais consolidados, como o que ele coordena na UFPB, pode haver uma avaliação prévia e que isso demanda o candidato ser afinado.

“É preciso que tenha certo potencial de voz. Saber música não é um pré-requisito. Mas, aqui em João Pessoa, você tem o coral do Sindifisco. Lá não se faz teste. Quem quiser participar, entra. Porque o instrumento já está dentro de você. É só ter a vontade e o tempo disponível”, finaliza.

ONDE:

■ SALA JOSÉ SIQUEIRA (Espaço Cultural, R. Abdias Gomes de Almeida, 800, Tambauzinho, João Pessoa).

PROGRAMAÇÃO/ SEGUNDA E TERÇA

■ AMANHÃ

20h – Abertura: *Orfeu e Euridice*, com o Coro de Câmara Villa-Lobos e a Orquestra Sinfônica da UFPB. Regência de Carlos Anísio.

■ TERÇA

18h – Abertura: *Noites Boêmias*, com Eliza Leão e Clara Bione (João Pessoa)

19h – Apresentação dos corais:

Coral Masculino Vozes para Liberdade (João Pessoa)

Vozes da Adufpb (Associação dos Docentes da UFPB) (João Pessoa)

Coral da Associação das Esposas dos Magistrados e Magistradas da Paraíba (Aemp) (João Pessoa)

Coral do Instituto Federal de Pernambuco (IFPE) (Recife-PE)

Coral Ladies, do Clube da Melhor Idade Cidade Verde (João Pessoa)

Coral Maestro João Eduardo (João Pessoa)

Coral do Sindicato dos Auditores Fiscais da Paraíba (Sindifisco-PB) (João Pessoa)

Coral da Igreja Evangélica Batista (João Pessoa)

O Coro Infantil da Paraíba, da OSPB, canta na quinta

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | Colaborador

Selvageria estúpida

Outro dia presenciei uma cena que já não via há muito tempo: violenta, dramática, daquelas que guardamos na área do cérebro reservada para experiências tristes e contra as quais gostaríamos de possuir alguma fórmula rápida de esquecimento — como o *shift + delete* dos computadores. E que agora pretendo contar para vocês.

Tudo aconteceu numa tarde ensolarada de sábado em que eu e meus amigos, como sempre, estávamos jogando bola no campinho da esquina. Havia muitas pessoas ao redor. Algumas famílias, à moda antiga, com cadeiras de balanço nas calçadas, gente andando de bicicleta e donas de casa com longas mangueiras que cuspiam violentos jatos de água para frente de suas casas, na intenção de diminuir o calor de outono e a poeira que subia toda vez que os carros riscavam o chão da velha rua de barro.

Podíamos ver no terreno ao lado norte do campinho de futebol, crianças que empinavam pipa e corriam de cá para acolá – num arcaico e inebriante ritual mágico. Garotas desfilando seus corpos pela rua e recebendo assovios de rapazes ainda sem

barba. E todas essas coisas lúdicas e bucólicas que ainda hoje encontramos nos subúrbios da cidade. Ouvíamos também, vagamente, como trilha sonora de fundo, uma música que se confundia com a gritaria dos jogadores e o canto dos pássaros.

Sem dizer água-vai, uma turba de meninos rotos e esfomeados se aproximou da linha de fundo, armados de baladeiras numa diligente caça à meia dúzia de pardais. Estavam escondidos na copa de um pé de castanholá. O que imediatamente antecipou o intervalo da partida após gritos furiosos de jogadores e da plateia, revoltados contra aquilo que se convencionou chamar de selvageria estúpida.

Thiago “Melão” — uns dos mais exaltados — gritava ao vento palavras contraditórias: “Ei, boy! Só mate se for pra comer!” e “Se vocês matarem algum passarinho, nós vamos aí, tomamos as baladeiras e lhes damos uma surra!”. Marquinho “Bolo”, sentado a uns vinte metros de distância, ameaçou correr em direção dos meninos e roubar-lhes as baladeiras.

Dessa vez eles mudaram de cor e se assustaram de verdade. Sem dúvida, essa parecia ser das ameaças a

mais assustadora. Imaginem a cena: cem quilos de fúria, deslocando-se em direção dessas pobres criaturinhas, são capazes de criar a sensação mortal de que elas serão esmagadas como aqueles carros que são triturados por máquinas de ferro velho!

Resolvi buscar uma saída diplomática e fui conversar com os meninos, tentar convencê-los amigavelmente a desistir. Entabulei um rápido e eficiente discurso filosófico em defesa dos animais. Pedi que se colocassem no lugar deles e se imaginassem morrendo apedrejados. Os garotos reagiram com expressões aterrorizantes e ao mesmo tempo comovente, deixando escapar sentimentos ambíguos de raiva, impotência, culpa e compaixão.

Eles caminharam para a calçada. Sentaram e começaram a falar coisas ininteligíveis. Um deles ensaiou atirar pedras com a mão em direção aos passarinhos. O que pareceu mais uma atitude espasmódica de rebeldia que propriamente expressão de crueldade. Depois de alguns minutos, já cansados e convencidos que essa batalha estava perdida, seguiram em direção da ladeira.

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | Colaborador

Estética e Existência

Ética da compaixão em Schopenhauer

Diante de um mundo marcado pela dor e pelo sofrimento, Arthur Schopenhauer (1788–1860), filósofo alemão, em sua obra *Sobre o Fundamento da Moral*, publicada em 1840, propõe uma ética fundamentada na compaixão. Embora o egoísmo e a crueldade constituam aspectos inerentes à condição humana, a solidariedade apresenta-se, em sua filosofia, como o contraponto ético e afetivo ao impulso egoísta, expressando uma resposta existencial diante do sofrimento que constitui a vida.

O egoísmo conduz o indivíduo a se perceber como centro do mundo, opondo-se de modo violento a tudo o que ameaça seu bem-estar. Tal postura gera uma falsa representação da realidade, fragmentando a unidade essencial entre os seres e promovendo o isolamento moral. Como observa o filósofo Franco Volpi (1952–2009): “A moral schopenhaueriana nasce da percepção de que o egoísmo é o véu que encobre a verdadeira natureza do mundo, o qual é uno e indiviso” (1999, p. 64). A compaixão restabelece o vínculo entre os homens, aproximando-os pela via do reconhecimento do sofrimento alheio e pela percepção de que a dor é universal. Essa ética é entendida como essência de todos os seres. Assim, tanto o egoísmo quanto a caridade derivam da mesma vontade de viver, mas se manifestam de modos opostos: o primeiro afirma a separação individual, enquanto o segundo reconhece a unidade ontológica do mundo. Segundo o filósofo alemão Rüdiger Safranski (1945): “A compaixão, para Schopenhauer, não é uma virtude derivada da razão, mas um movimento de reconciliação com o outro, um instante em que a vontade se reconhece no sofrimento alheio” (2001, p. 214). Tal reconhecimento, de natureza intuitiva,

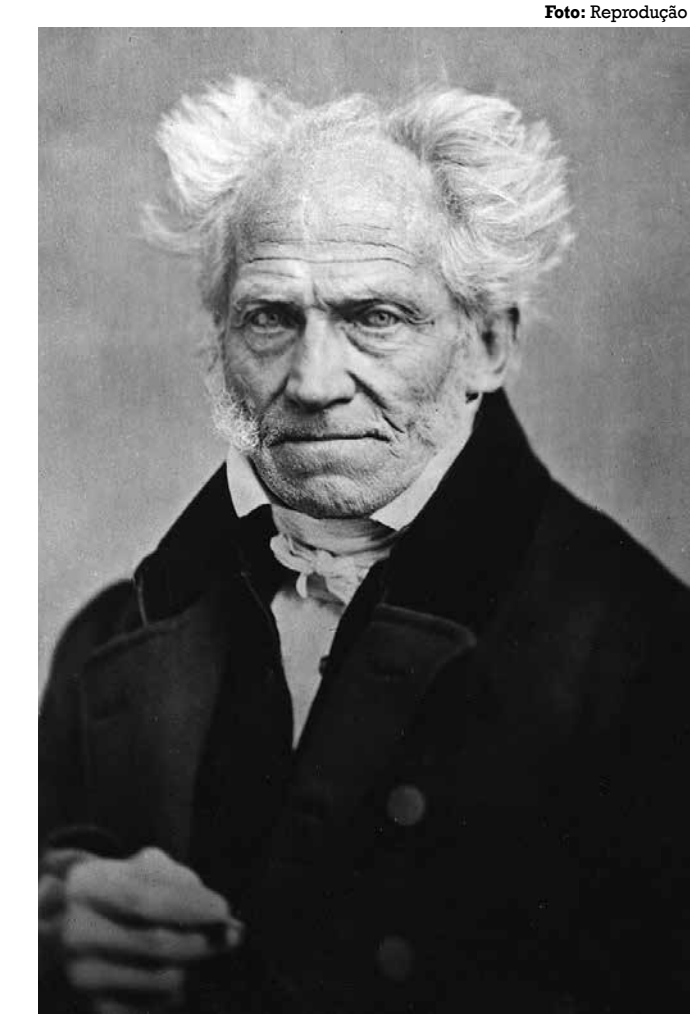


Foto: Reprodução

Schopenhauer: a salvação não está na supressão da dor

conduz o indivíduo à superação do princípio de individuação, isto é, da ilusão que faz cada ser se perceber como separado do todo.

Em *O Mundo como Vontade e Representação*, publicado em 1819, Schopenhauer (2005, p. 136) afirma: “A essência íntima de tudo que vive é uma e a mesma vontade”. Assim, quando o ser humano age compassivamente, ele rompe os limites do próprio ego e intui, ainda que momentaneamente, a unidade da existência, pois ver o outro como si mesmo é negar a ilusão do próprio egoísmo. Dessa forma, o pensador alemão substitui a razão por uma lógica do sentimento, na qual o sofrimento se torna o meio pelo qual o sujeito compreende a unidade da vida. Essa perspectiva desloca o centro da ética do dever para o patos, reconhecendo que a dor é o elemento originário da

consciência moral. Portanto, a compaixão não é apenas um sentimento moral, mas uma forma de conhecimento intuitivo, pela qual o sujeito reconhece no outro a mesma essência da vontade que o constitui. Como escreve Schopenhauer (2005, p. 147): “Toda bondade autêntica nasce da intuição de que o ser que sofre diante de mim é o mesmo que em mim sofre”. Esse reconhecimento revela a unidade da vontade como fundamento comum de todas as coisas.

O egoísmo é compreendido como uma forma de cegueira moral, um véu que impede o ser humano perceber a interdependência entre todos os seres. Ele conduz à solidão do próprio querer, aprisionando o indivíduo em uma busca incessante por satisfação e poder. Em oposição, a compaixão instaura uma ética da unidade, um modo de ser que transcende a lógica da dominação

e do interesse. Nessa perspectiva, agir moralmente significa negar, ao menos em parte, a vontade individual e reconhecer o outro como expressão da mesma realidade. A moral schopenhaueriana, portanto, não se funda em preceitos normativos, mas em uma vivência existencial e trágica. A pessoa compassiva é aquele que, ao ver a dor do outro, percebe nela o reflexo de sua própria essência — um gesto que une ética e metafísica, sentimento e conhecimento. Assim, a ética da compaixão é o lugar onde o sofrimento se transforma em sabedoria, e a dor em princípio de comunhão. Essa ética revela uma dimensão trágica da existência humana. A compaixão não elimina o sofrimento, mas o reconhece como elemento constitutivo da vida.

Schopenhauer compreende que a salvação não está na supressão da dor, mas na superação do egoísmo que a multiplica. Assim, o exercício da compaixão é também um caminho de ascese, um movimento de negação parcial da vontade de viver que culmina, em sua filosofia, no ideal de quietude e resignação. Nesse sentido, a ética schopenhaueriana propõe que a experiência ética nasce do contato com a dor e com a alteridade, isto é, o sentido moral da existência humana está diante da inevitabilidade do sofrimento.

Sinta-se convidado à audição do 544º Domingo Sinfônico, que ocorrerá neste dia 16 das 22h às 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5, ou você pode acessar pelo aplicativo em <https://radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm>. Durante o programa, comentarei sobre algumas obras do período classicismo, explorando nelas a simplicidade na criação artística do compositor e pianista austríaco Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791).

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

O armazém de Celso Furtado

Vamos bater à porta da casa em que nasceu Celso Furtado, em Pombal, localizada na rua Coronel José Fernandes, pra ver o que ainda resta do imóvel, que integrava o Centro Histórico daquela cidade sertaneja. Não é a casa de Mãe Joana, nem Joana entra nessa história.

Li um texto incrível de Carlos Antônio Vieira Fernandes, que nasceu em Lagoa de Dentro, mestre em Finanças pela Université Paris 1 Panthéon — Sorbonne, pós-graduado em Estratégias, que saiu em defesa da casa de Celso Furtado, que virou um armazém.

Fernandes se diz movido por uma curiosidade afetiva: “Telefonei a um amigo e irmão de Pombal. Queria saber se a casa onde nasceu Celso Furtado, ainda se erguia intacta. A resposta veio em forma de foto: sim, a casa continua de pé. Mas não como museu, não como espaço de memória, não como altar de um dos maiores intelectuais da América Latina”.

A foto a que ele se refere, é do Armazém Paraíba, que destruiu a fachada, que hoje ocupa a casa que pertencia a família dos pais de Celso Furtado. Puxa vida! Onde está o delegado da Pombal? Um vídeo enviado pelo escritor Jerdivan Nóbrega, postei em meu Instagram, mostra essa desgraça que fizeram com a casa onde nasceu um dos maiores homens brasileiros, o criador da Sudene.

Na verdade, hoje é um depósito, um armazém de insumos, depois de ter servido de sede da Rádio Maringá AM. Segundo definem os galegos do sertão, que lutaram em busca de salvar a casa, está mais que estabelecido quem é que manda no Brasil — o país dos desgraçados, onde todo mundo bota a mão no meio — e de longe é um “esconderijo” um “cão sem dono”.

Dentro dessas mesmas características, a casa de Celso Furtado hoje se encaixa, ou não encaixa, virou um projeto de mercado, que parece se firmar em algum espaço obscuro da sala ao oitão.

A casa de Celso Furtado não é um ponto isolado do Brasil inóspito e se observa de agora para fora uma ampla discussão, que atrai mais ainda o capitalismo, com suas facas e vão matando memórias, pobres e os patrimônios.

Se em Pombal é assim e ninguém faz nada, imagina aqui na capital onde prédios e casarões estão abandonados e em ruínas invadidos de moradores rua, craqueiros escambau.

A obra de Celso Furtado está no mundo, séculos virão e seu nome não morrerá nessa onda virtual de (im)possibilidades, cercado de ambientes duvidosos, e marcado por referências esquecidas.

Como pode a casa de Celso Furtado, que é tombada, aliás, toda a rua Coronel José Fernandes é tombada, hoje ser um armazém — até a placa da casa sumiu ou jogaram no inferno.

Isso é golpe, golpe baixo. Em 2021 entrevistei a viúva de Celso, a escritora Rosa Freire, que estava em temporada em Paris e falamos das correspondências dela com o marido. Eles se conheceram numa feijoada.

Talvez, naquela casa de Pombal, o menino Celso tenha sonhado com outros brasis ou com Rosa, seu amor.

Kapetadas

- 1 – Quem fala sozinho pelo menos tem a certeza de ser ouvido.
- 2 – Quem puxa saco puxa tudo, inclusive tapete.



Foto: Divulgação

Furtado: casa onde viveu em Pombal não virou patrimônio

Colunista colaborador

Coisas de Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | Colaborador

“Cine-pipoca” sob venda casada já não bastava?

No mundo da sétima arte, não menos na ficção, tudo pode acontecer. Por mais exótico que seja. E nos tempos atuais, em razão de algumas virtuais facilidades tecnológicas, vimos presenciando situações bastante esdrúxulas, como as de um inadequado e estranho modismo, conspurcando a legítima natureza da arte cinematográfica naquilo que ela tem de mais singular: a de provocar um juízo crítico de valor sobre aquilo que exhibe.

Não raro, tudo vem sendo mostrado sem o mínimo de critério, esse que sempre foi o grande condutor da narrativa cinematográfica, substância inequívoca da magia do verdadeiro cinema. O fato é que o eletroniquíssimo habitual de hoje tem ofuscado o senso interpretativo, sobretudo particular, da nossa classe espectadora. Até “subestimando” a sua capacidade de leitura sobre o que assiste.

Focando nossas atenções para o plano prático, e não necessariamente teórico do cinema, justamente no âmbito da atividade do entretenimento fílmico, se fazem notar algumas contundências estranhas. Por exemplo, uma espécie de abusiva compulsoriedade na venda do ingresso para quem vai ao cinema assistir a um filme. Temos que transformar agora nossas salas de exibição fílmica em ambiente de piquenique? Sob a alegação de uma medida que deve privilegiar o comércio local de



Foto: Reprodução

“Temos que transformar agora nossas salas de exibição em ambiente de piquenique?”

secos e molhados? Absurdo!

Esta semana, vi na televisão uma notícia que me cansou estranheza, e deveras fiquei perplexo com tamanha medida. A aprovação de um projeto estadual exigindo que salas de cinema, concertos, shows e demais eventos passem a exigir do espectador, além do habitual ingresso de entrada, outros produtos como comestíveis. Indagaria, então: cinema e pipoca sob “venda casada”, que já existe não basta? É preciso transformar agora nossas salas de exibição fílmica em ambiente de mero piquenique?

Hoje, quando se vive a panaceia de organismos ligados aos interes-

ses de defesa do consumidor, surgem arbitrariedades como essa que a sociedade acaba de testemunhar. Lei que trata de uma questão não apenas de interesse e de direitos ao consumismo, mas que deve ser também do resguardo natural ao próprio cinema.

Sou do tempo em que a sétima arte era soberana. Não se ia ao cinema para fazer piquenique. Íamos para assistir ao filme de nossa preferência. Essa tal pipoca, ou qualquer outro produto ali consumido era uma opção pessoal de cada um fora da sala de projeção. – Para mais “Coisas de Cinema”, acesse o nosso blog: www.alex santos.com.br.



APC: agenda desta semana

Representando a Academia Paraibana de Cinema, o professor João de Lima Gomes foi homenageado na 14ª Mostra Acauã de Cinema, realizada esta semana na cidade de Aparecida, interior do estado. O evento distingue personalidades da cultura audiovisual que colaboram com a iniciativa de sua interiorização.

A presidência da APC deve participar também, da mesa de abertura do 8º Colóquio Internacional de Cinema, no próximo dia 24, às 18h30, no Cine Aruanda do Centro de Comunicações, Turismo e Artes da UFPB, evento que já tem confirmada a presença do Secretário de Estado da Cultura.

ESPAÇO CULTURAL

Futuro do trabalho é tema de debate amanhã

Da Redação

Num mundo cada vez mais dominado pela tecnologia, a narrativa de que os robôs substituirão massivamente os humanos é frequentemente tratada como uma verdade inquestionável. Mas e se essa for apenas uma parte da história – e não a mais importante? Amanhã, um debate sobre o lançamento do livro *Automação e o Futuro do Trabalho*, do aclamado economista e historiador Aaron Benanav, será realizado em João Pessoa, com a participação da professora Mariana Roncato e de Roberto Verás, doutor em Sociologia. O local é a Biblioteca Juarez da Gama Batista, no Espaço Cultural, em Tambauzinho. A promoção é da Editora Boitempo e da Livraria A União.

A obra oferece uma contundente correção de rumo no debate. Benanav argumenta que não estamos à beira de um “apocalipse” causado pela automação. Pelo contrário, o cerne do problema reside na estagnação secular da economia global e na geração de um superávit crônico de mão de obra.

Seu trabalho desconstrói o pânico tecnológico e reposiciona o debate no terreno da economia política, mostrando que a precarização

e o subemprego são resultados de escolhas estruturais, e não uma inevitabilidade tecnológica.

O evento será uma oportunidade ímpar para aprofundar essas idéias, com um painel de especialistas de alto nível. Mariana Roncato é professora e pesquisadora cujo trabalho dialoga diretamente com os impactos sociais das transformações no mundo do trabalho. E Roberto Verás, professor da UFPB, possui vasta expe-

riência em sociologia do trabalho, economia solidária e as reconfigurações da classe trabalhadora.

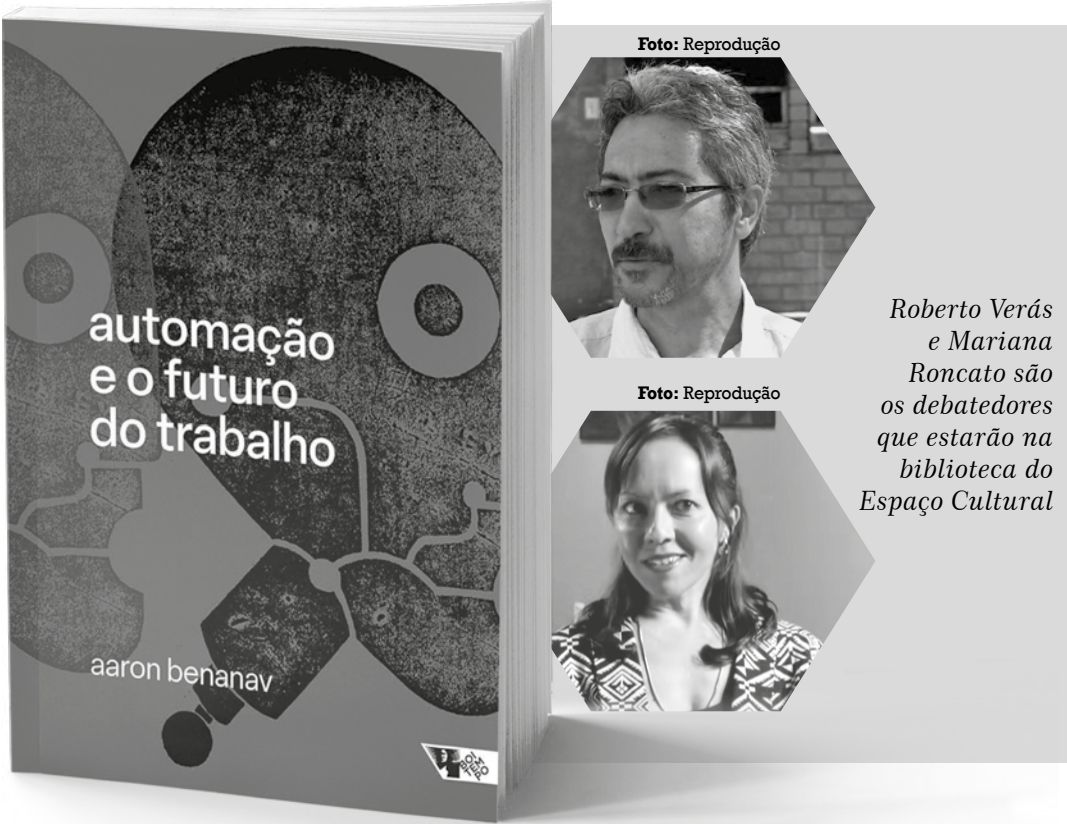
A mediação, que garantirá o aprofundamento das questões centrais, ficará a cargo do professor doutor Mauricio Rombaldi.

Será uma noite de reflexão crítica e necessária para compreender as verdadeiras forças que estão moldando o futuro do trabalho e desafiar as narrativas simplistas que dominam o senso comum.

Um debate essencial para estudantes, pesquisadores, trabalhadores e todos os que se preocupam com os rumos da sociedade.

Aaron Benanav é pesquisador e doutor em História pela UCLA, universidade californiana. Seus artigos são publicados em veículos de renome internacional como *The Guardian*, *Jacobin* e *New Left Review*, consolidando-o como uma das vozes mais originais e críticas da nova geração de economistas políticos.

Foto: Divulgação/Boitempo



Letra Lúdica

Hildeberto

Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

Bruno, bibliófilo

Minha estante de livros sobre livros fica mais rica. Ao seu acervo de títulos múltiplos e variados, achega-se mais um, com seu sabor especial. Falo de *A Pele da Minha Casa: Crônicas e Ensaios de um Colecionador de Livros* (Campina Grande: Papel da palavra: 2025), do jovem escritor e pesquisador campinense, Bruno Gaudêncio.

O título, tomou de empréstimo a Jorge Carrión, autor de *Contra Amazon e Outros Ensaios sobre a Humanidade dos Livros*. Aliás, procedimento muito comum à escrita desse bibliófilo que, não somente discorre acerca do amor que nutre pelos livros, mas também ostenta os sinais de uma cultura poliédrica, típica de um leitor refinado e inquieto, perfeitamente à vontade em meio à odisseia e à felicidade da leitura.

Dividida em duas partes (“Viagem ao redor da minha biblioteca” e “A formação das bibliotecas imaginárias”), a obra traz à tona a intimidade de um leitor, com todos os seus derivados possíveis, vivenciados na experiência única com os livros e com a sua biblioteca. Observe-se que os subtítulos, e não só os subtítulos, porém, muitas construções fraseológicas, fazem ecoar vozes outras que vêm de épocas, lugares e autores diferentes, sempre imanados, no entanto, pelo culto sagrado à palavra impressa.

Aos textos de teor mais particular em torno de sua biblioteca, que foi se formando ao longo do tempo, somam-se os textos mais genéricos da segunda parte, donde emerge a descrição de bibliotecas de outrem, com destaque especial para as de Horácio de Almeida e de Átila Almeida, em âmbito paraibano, e para as históricas bibliotecas de Montaigne, de Jorge Luís Borges, de Alberto Manguel e de José Mindlin.

Outros tópicos, de natureza mais teórica, que fermentam o espaço da bibliofilia, aparecem em peças de viés mais reflexivo, nas quais o autor, além de problematizar certos conceitos e certas atitudes em relação aos livros, faz questão de opinar, livre e independente, a respeito da convivência com o seu patrimônio, suas coleções, suas edições raras. Chamo a atenção, aqui, para os pequenos, porém, sugestivos ensaios, intitulados: “A arte da garimpagem”, “O vício dos livros”, “Bibliotecas e jardins”, “A antibiblioteca”, “Marginalia” e “Deuses domésticos”.

Roland Barthes costumava dizer que um bom texto quase sempre engendra outros bons textos. Digo que um bom livro pode gerar bons livros. Digo mais: pode nos trazer de volta bons livros ou nos levar ao encontro de bons livros, sob o critério aleatório, mas não estéril, de uma leitura circular e contínua, cheia de aprendizados, surpresas, espantos, prazeres.

Lendo e relendo este *A Pele da Minha Casa*, vejo-me presa dessa incomparável volúpia que é ler um livro sobre livros. Um livro sobre leitura. Um livro sobre bibliotecas. Um livro sobre zelo e cuidado. Um livro sobre silêncio e sossego. Um livro sobre ordem e fantasia. Um livro sobre o amor.

Nada escapa à pena lúcida e sensível de Bruno Gaudêncio, quando ele recorda as suas primeiras leituras, trazendo, assim, de volta ao coração, como que num instante mágico de lirismo, capas, tipografia, prefácios, ilustrações, dedicatórias, epígrafes, capítulos, passagens, motivações, ideias e outros detalhes que configuram, simultaneamente, o corpo material e imaterial do livro.

Professor, jornalista, historiador, poeta, Bruno Gaudêncio está na casa dos quarenta e já é detentor de uma obra sólida, com mais de duas dezenas de sua lavra criativa e muitos títulos de trabalhos organizados. É, sem dúvida, um quadro intelectual novo que nos orgulha e que, em certo sentido, fortalece a tradição dos polígrafos e bibliófilos da Paraíba, a exemplo de um Eduardo Martins, um Maurílio Almeida, um José Rafael de Menezes, um Waldemar Duarte, um Evandro Nóbrega e um Francisco Gil Messias.

Este volume, *A Pele da Minha Casa*, ora publicado, enriquece, sim, a minha estante de livros sobre livros. Renova minha sensibilidade, aguça minha paixão pelos livros e me reserva certamente, doravante, horas de repouso e devaneio, gozo e felicidade, ao tocar de volta o aroma de suas páginas.

TEATRO

Ubu faz releitura de Macbeth

Festival de Mangabeira termina hoje, com peça dos grupos Clowns de Shakespeare, Facetas e Asavessa

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

Originário de um movimento de resistência comunitária, o 11º Festival de Teatro de Mangabeira — Cena Rua acontece desde a última quinta-feira (13), na Praça do Coqueiral, e termina hoje, com os espetáculos *Quem Mente o Nariz Cresce, uma História de Pinóquio* (às 17h), do grupo Arretado Produções, e *Ubu — O que É Bom Tem que Continuar!* (às 19h), das companhias potiguaras Clowns de Shakespeare, Facetas e Asavessa. A entrada é franca.

Idealizado pela Companhia de Teatro Soluar, grupo

surgido em Mangabeira, o festival filantrópico hasteia a bandeira das políticas sociais e da integração entre as artes — memso com foco no teatro, as noites da praça contaram com dança, música e feira criativa.

“Durante o ano a gente vinha fazendo trabalhos paralelos e sentimos a necessidade de cativar a formatação de uma plateia que está tão fragilizada com a cultura — em todos os aspectos”, afirma Robert Sodré, organizador do evento.

Ubu Rei
Do menu de espetáculos dos grupos Clowns de Shakespeare, Facetas e Asaves-

sa, *Ubu — O que É Bom Tem que Continuar!* é o mais recente, com financiamento da Política Nacional Aldir Blanc. O nome advém da obra *Ubu Rei*, paródia burlesca de *Macbeth*, de William Shakespeare (1564-1616), escrita pelo poeta e romancista francês Alfred Jarry (1873-1907).

No enredo original, que se passa na Polônia, os personagens Pai e Mãe Ubu se desdobram em sua busca pelo poder, sendo realocados na montagem potiguar para o país Embustônia, em algum lugar da América Latina.

“A gente brinca um pouco mais com esse contexto tropical”, afirma o diretor Fernando Yamamoto acerca da peça popular que promove, em crítica ácida, o acesso direto com o público.

Na retomada pós-pandemia — tentando entender o retorno ao convívio no início de 2022 e como desejo de propor resposta artística para o momento político conturbado em solo latino —, o Clowns de Shakespeare estava desfalcado, já que alguns integrantes haviam saído da trupe. O mesmo ocorreu com os outros dois grupos, e o trio resolveu, então, fazer-se uni-

do para montar um trabalho conjunto — o principal objetivo era fazer um trabalho que fosse de fácil circulação.

“Acabamos de completar três anos de estrada. A gente já fez 21 estados, fizemos Colômbia e México — com uma versão em espanhol —, quase 150 apresentações e também temos feito em comunidades quilombolas, ribeirinhas, assentamentos”, explica Yamamoto, mencionando a adequação às condições técnicas mais restritivas.

“Estamos muito felizes de voltar a João Pessoa, muito por

causa de todas as restrições de mecanismos públicos de financiamento, que têm feito com que muitos festivais estejam sucateados. Por mais que a gente já tenha apresentado na Paraíba, no Festival de Campina Grande há dois anos, conseguimos chegar a João Pessoa. A gente está muito feliz e animado”, conclui o diretor.

ONDE:
■ PRAÇA DO COQUEIRAL (Mangabeira, João Pessoa).

Espectáculo situa a trama na América Latina, mas segue tratando de busca pelo poder

Foto: Luiza Rose/Divulgação

Em Cartaz

Cinema

Programação de 13 a 19 de novembro, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos, Guarabira e Remígio.

* Até o fechamento desta edição, o Cine Vieira, em São Bento, não havia divulgado sua programação.

ESTREIAS

O BAD BOY E EU (*Sidelined – The QB and Me*). EUA, 2025. Dir.: Justin Wu. Elenco: Siena Agudong, Noah Beck, James Van der Beek. Romance. Planos de futuro de adolescente dançarina se complicam quando ela se apaixona por atleta. 1h39. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: 17h15, 19h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: qui. a ter.: 15h. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: dom. a ter.: 15h30, 19h10. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dom. a ter.: 15h30, 19h10.

EDDINGTON (*Eddington*). EUA/ Reino Unido/ Finlândia, 2025. Dir.: Ari Aster. Elenco: Joaquin Phoenix, Pedro Pascal, Emma Stone. Comédia/ faroeste. Impasse entre xerife e prefeito de pequena cidade gera conflito entre cidadão. 2h28. 18 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: leg.: 16h.

SOMBRAS NO DESERTO (*The Carpenter’s Son*). Reino Unido/ França, 2025. Dir.: Lotfy Nathan. Elenco: Nicolas Cage, Noah Jupe, FKA Twigs. Terror. No Egito do século 2, garoto começa a manifestar poderes e seu pai tenta controlar essa natureza divina. 1h34. 18 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: leg.: 21h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: qui. a ter.: 17h30, 19h45; qua.: 19h45. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: dom. a ter.: 17h20, 21h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: dom. a ter.: 17h20, 21h.

TRUQUE DE MESTRE – O 3º ATO (*Now You See Me – Now You Don’t*). EUA, 2025. Dir.: Ruben Fleischer. Elenco: Jesse Eisenberg, Woody Haarelson, Isla Fisher, Dave Franco, Rosamund Pike, Morgan Freeman. Policial. Ilusionistas aposentados se unem a novos talentos para enfrentar criminosos. 1h52. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 19h; leg.: 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 14h40, 19h30; leg.: 17h, 21h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: dub.: 14h20, 16h45, 19h, 21h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE): dub.: 13h, 18h30; leg.: 15h45, 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 14h, 16h30, 19h, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: dom. a ter.: 15h, 17h30, 20h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 14h, 16h30, 19h, 21h30. CINESERCLA TAMBIA 6: dub.: dom. a ter.: 16h25, 18h35, 20h45. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: dom. a ter.: 16h25, 18h35, 20h45. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: dom. a ter.: 15h25, 18h30, 21h; qua.: 16h, 18h30, 21h. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: dom.: 14h20, 16h40, 19h, 21h20; seg. a qua.: 16h40, 19h, 21h20. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom. e ter.: 16h; seg. e qua.: 14h, 20h45.

PRÉ-ESTREIA

O SOBREVIVENTE (*The Running Man*). Reino Unido/ EUA, 2025. Dir.: Edgar Wright. Elenco: Glen Powell, Emilia Jones, Josh Brolin, Colman Domingo, William H. Macy, Michael Cera. Ficção científica/ aventura. Homem participa de game show onde os participantes são caçados e mortos. 2h13. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 7: leg.: qua.: 22h. CINEPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: qua.: 22h10. **Patos:** PATOS MULTIPLEX 1: dub.: qua.: 19h55.

WICKED – PARTE 2 (*Wicked – For Good*). EUA, 2025. Dir.: Jon M. Chu. Elenco: Cynthia Erivo, Ariana Grande, Jeff Goldblum, Michelle Yeoh. Musical/ drama. A Bruxa Má do Oeste e a Bruxa Boa do Norte testam sua amizade diante das tensões do mundo de Oz. 2h18. 10 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): leg.: qua.: 3D: 20h. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: leg.: 19h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE): dub.: 3D: qua.: 19h. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: qua.: 20h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: qua.: 3D: 15h50, 19h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: leg.: qua.: 19h30. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: qua.: 19h30. CINESERCLA PARTAGE 3: leg.: qua.: 19h30. **Patos:** CINE GUEDES 3: dub.: qua.: 3D: 18h45. PATOS MULTIPLEX 3: dub.: qua.: 20h30. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dub.: qua.: 21h.

REAPRESENTAÇÃO

AMORES BRUTOS (*Amores Perros*). México, 2000. Dir.: Alejandro González-Iñárritu. Elenco: Emilio Echevarria, Gael García Bernal, Goya Toledo. Drama. Um acidente de carro conecta três histórias. 2h34. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: leg.: seg., 17/11: 20h; dom., 23/11: 19h; ter., 25/11: 20h; sáb., 29/11: 19h.

CARLOTA JOAQUINA, PRINCESA DO BRAZIL. Brasil, 1995. Dir.: Carla Camurati. Elenco: Marieta Severo, Marco Nanini, Ludmila Dayer, Eliana Fonseca. Comédia. Quando a família real portuguesa foge para o Brasil em 1808, espanhola casada com o príncipe precisa se adaptar ao novo país. 1h40. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: ter., 18/11: 20h.

A NOIVA CADÁVER. (*Corpse Bride*). EUA/ Reino Unido, 2005. Dir.: Tim Burton e Mike Johnson. Animação/ comédia. Homem se casa por acidente com uma noiva já morta e conhece o outro lado. 1h17. Livre.

Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: dom.: 14h05.

ESPECIAL

J-HOPE – TOUR HOPE ON THE STAGE – THE MOVIE (*J-Hope – Tour Hope on the Stage – The Movie*). Coreia do Sul, 2025. Dir.: Junsoo Park. Documentário/ show. Registro de turnê do grupo de k-pop. 1h30. Classificação não indicativa.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: leg.: qui. a ter.: 15h, 19h; qua.: 19h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: dom.: 15h.

WICKED – PARTE 1 (*Wicked*). EUA, 2024.

Dir.: Jon M. Chu. Elenco: Cynthia Erivo, Ariana Grande, Jeff Goldblum, Michelle Yeoh. Musical/ drama. Amigas em universidade de bruxas se tornam rivais após encontro com o Mágico de Oz. 2h40. 10 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: leg.: dom. e qua.: 16h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: dom.: 16h.

CONTINUAÇÃO

O AGENTE SECRETO. Brasil/ França/ Países Baixos/ Alemanha, 2025. Dir.: Kléber Mendonça Filho. Elenco: Wagner Moura, Tânia Maria, Carlos Francisco, Maria Fernanda Cândido, Gabriel Leone, Hermila Guedes, Alice Carvalho, Udo Kier, Thomas Aquino, Buda Lira, Joëlsson Cunha, Suzy Lopes, Cely Farias. Drama. Em 1977, durante a ditadura militar, homem chega a Recife se escondendo de perseguidores. Prêmios de melhor direção e ator em Cannes. 2h38. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: 16h45, 20h. CINE BANGUÊ: dom., 16/11: 16h30, 19h30; qua., 19/11: 19h30; sáb., 22/11: 16h30, 19h30; seg., 24/11: 16h, 19h; qui., 27/11: 16h, 19h; dom., 30/11: 16h30, 19h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: 13h30, 17h, 20h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: 13h, 16h30, 20h. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): qui. a ter.: 13h30, 17h, 20h30; qua.: 13h30, 17h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: qui. a ter.: 13h30, 17h, 20h30; qua.: 17h, 20h30. CINESERCLA TAMBIA 2: dom. a ter.: 17h, 20h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dom. a ter.: 17h, 20h. **Patos:** CINE GUEDES 3: dom. a ter.: 20h40; qua.: 21h10. PATOS MULTIPLEX 4: dub.: dom.: 19h15; seg. e ter.: 19h25; qua.: 16h45. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: 17h20, 20h30. **Remígio:** CINE RT: dub.: 18h.

A CASA MÁGICA DA GABBY – O FILME (*Gabby’s Dollhouse – The Movie*). Canadá/ EUA, 2025. Dir.: Ryan Crego. Elenco: Laila Lockhart Kramer, Kristen Wiig, Gloria Estefan. Aventura/ infantil. Garota tem sua preciosa casa de bonecas mágica roubada e precisa resgatá-la de vilã. 1h38. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: 15h.

DORMIR DE OLHOS ABERTOS. Argentina/ Brasil/ Alemanha/ Taiwan, 2024. Dir.: Nele Wohlatz. Elenco: Liao Kai Ro, Shin-Hong Wang, Nahuel Pérez Biscayart. Comédia/ drama. Três imigrantes chineses vivem encontros e desencontros em Recife. 1h37. 18 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: leg.: seg., 17/11: 18h30; qua., 19/11: 16h; ter., 25/11: 18h30.

GRAND PRIX – À TODA VELOCIDADE (*Grand Prix of Europe*). Alemanha, 2025. Dir.: Waldemar Fast. Animação/ comédia. Ratinha disputa corrida distorcida de seu maior idolo. 1h38. Livre.

Patos: PATOS MULTIPLEX 4: dub.: dom.: 14h45; seg. e qua.: 15h30; ter.: 15h45.

OS MALDITOS (*The Damned*). Itália/ EUA/ Bélgica/ França/ Canadá, 2024. Dir.: Roberto Minervini. Drama. Na Guerra Civil dos EUA, soldados patrulham territórios desconhecidos do oeste. 1h29. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: leg.: seg., 17/11: 18h30; qua., 19/11: 16h; ter., 25/11: 18h30.

O NATAL DA PATRULHA CANINA (*A Paw Patrol Christmas*). Canadá, 2025. Dir.: Stephany Seki. Animação/ infantil. Quando Papai Noel fica doente, a Patrulha Canina entra em ação

para ajudá-lo. 1h. Livre.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: 13h30. CENTERPLEX MAG 4: dub.: 15h.

PICASSO, UM REBELDE EM PARIS (*Picasso, un Rebelle a Parigi – Storia di una Vita e di un Museo*). Itália, 2023. Dir.: Simona Risi. Documentário. O pintor Picasso como ponte entre humanidade e um mundo hostil. 1h30. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: leg.: ter., 18/11: 18h30; dom., 23/11: 17h.

PREDADOR – TERRAS SELVAGENS (*Predator – Badlands*). EUA, 2025. Dir.: Dan Trachtenberg. Elenco: Elle Fanning, Dimitrius Schuster-Koloamatangi, Reuben de Jong. Ficção científica/ aventura. Predador rejeitado pelo clã se alia a uma ciborgue para enfrentar um inimigo. 1h47. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3: dom. a ter.: dub.: 16h, 18h30; leg.: 21h; qua.: dub.: 15h15; leg.: 17h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: dub.: qui. a ter.: 13h, 15h30, 18h, 20h30; qua.: 13h, 15h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: dom. a ter.: 13h45, 16h15, 18h45, 21h. CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: dom. a ter.: 16h20, 18h25, 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: dom. a ter.: 16h20, 18h25, 20h30. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: 17h, 19h05. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: dom.: 2D: 14h30, 19h; 3D: 21h10; seg. e ter.: 2D: 19h; 3D: 21h10; qua.: 2D: 19h. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom. e ter.: 14h, 20h45; seg. e qua.: 16h.

QUANDO O CÉU SE ENGANA (*Good Fortune*). EUA, 2025. Dir.: Aziz Ansari. Elenco: Keanu Reeves, Seth Rogen, Aziz Ansari, Sandra Oh, Keke Palmer. Comédia. Anjo bem intencionado, mas meio ineficiente, se envolve na vida de um trabalhador com dificuldades e um capitalista. 1h37. 12 anos.

Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: 16h45.

SE NÃO FOSSE VOCÊ (*Regretting You*). Alemanha/ EUA, 2025. Dir.: Josh Boone. Elenco: Allison Williams, McKenna Grace, Dave Franco. Drama. Mãe e filha, de relacionamento tenso, tentam superar uma tragédia pessoal. 1h57. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: seg. e ter.: 13h45, 16h45, 22h; qua.: 13h45, 16h45. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: qui. a ter.: 18h35. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: dom. a ter.: 18h35.

O TELEFONE PRETO 2 (*Black Phone 2*). EUA, 2025. Dir.: Scott Derrickson. Elenco: Mason Thames, Ethan Hawke, Madeleine McGraw. Terror. Garota tem visões de três meninos perseguidos em um acampamento. 1h54. 18 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: 19h30. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: qui. a ter.: 16h20, 20h50. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: dom. a ter.: 16h20, 20h50.

3 OBÁS DE XANGÔ. Brasil, 2025. Dir.: Sérgio Machado. Documentário. A amizade entre Jorge Amado, Dorival Caymmi e Carybé, que moldou a identidade baiana. 1h17. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: ter., 18/11: 16h30; qui., 20/11: 18h30; dom., 30/11: 15h.

O ÚLTIMO AZUL. Brasil/ México/ Países Baixos/ Chile, 2025. Dir.: Gabriel Mascaro. Elenco: Denise Weinberg, Rodrigo Santoro, Miriam Socarras. Drama/ aventura. Ao se recusar a cumprir uma medida do governo que isola os

idosos, mulher embarca em uma jornada pela Amazônia. Grande prêmio do júri no Festival de Berlim. 1h45. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: dom., 16/11: 15h; qui., 20/11: 20h; sáb., 22/11: 15h; ter., 25/11: 16h30.

Teatro

HOJE

FESTIVAL DE TEATRO DE MANGABEIRA. Evento chega à 11ª edição. Hoje: *Quem Mente o Nariz Cresce – Uma História de Pinóquio*, do grupo Arretado (17h); *Ubu – O que É Bom Tem que Continuar!*, dos grupos Clowns de Shakespeare, Facetas e Asavessa (19h).

João Pessoa: PRAÇA DO COQUEIRAL (Mangabeira). Domingo, 16/11, 17h. Entrada franca.

HÁ UM NOME QUE NOS ENTRISTECE. Da Antagônicos Companhia de Tragédias.

João Pessoa: TEATRO LIMA PENANTE (Av. João Machado, nº 67, Centro). Domingo, 16/11, 19h30. Ingressos: R\$ 20 (inteira) e R\$ 10 (meia), antecipados na plataforma Sympla.

Música

HOJE

ECOSSISTEMA MUSICAL. Hoje: Samba Se Ata, DJ Chico Correa, Vó Mera e Suas Netinhas, Luana Flores, Nathalia Bellar e Cabruêra.

João Pessoa: CIDADE DA IMAGEM (Conventinho, R. Padre Antônio Pereira, Varadouro). Domingo, 16/11, 15h30. Entrada franca.

MYRA MAYA. Cantora se apresenta nos Ensaios de Domingo.

João Pessoa: LOCA CENTRO (Av. General Osório, 122, Centro). Domingo, 16/11, 19h. Ingressos: R\$ 25 (couvert).

HOJE

FESTIVAL PARAIBANO DE COROS. Hoje: *Orfeu e Eurídice*, com o Côro de Câmara Villa-Lobos e Orquestra Sinfônica da UFPB.

João Pessoa: SALA JOSÉ SIQUEIRA (Espaço Cultural, R. Abdias Gomes de Almeida, 800, Tambauzinho). Abertura segunda, 17/11, 20h. De terça a domingo, 17h. Entrada franca.

Exposições

CONTINUAÇÃO

VAN GOGH E OS IMPRESSIONISTAS. Exposição imersiva com projeções.

João Pessoa: MANGABEIRA SHOPPING (Av. Hilton Souto Maior, s/nº, Mangabeira). Visitação de terça a sábado, das 10h às 22h, e domingos e feriados, das 12h às 22h. Ingressos: de R\$ 35 (terça a sexta/ meia) a R\$ 95 (domingo e feriados/ inteira), antecipados em vangogheimpressionistas.com.br.

VOTO DISTRITAL MISTO

Motta tenta emplacar texto polêmico

No comando da Câmara Federal, paraibano quer derrubada do sistema proporcional, mas há riscos envolvidos

Paulo Correia
paulocorreia.epc@gmail.com

A proposta de implementação do voto distrital misto no Brasil, contida no Projeto de Lei (PL) nº 9.212/2017, volta à agenda do Congresso, após o presidente da Câmara dos Deputados, Hugo Motta (Republicanos-PB), anunciar que a matéria será pauta ainda neste ano, passando a valer nas Eleições Gerais de 2030.

“Penso que é plenamente possível mudar para 2030, porque, se não fizermos isso, teremos parlamentares financiados pelo crime organizado”, disse o parlamentar paraibano, no início do mês, em entrevista para a GloboNews.

A retomada do PL foi iniciada em abril, quando Motta indicou o deputado Domingos Neto (PSD-CE) para a relatoria do projeto. Para o cearense, o voto distrital misto pode reduzir a importância do dinheiro e das redes sociais nas campanhas, além de fortalecer os partidos políticos.

Em entrevista recente à Folha de S.Paulo, Domingos Neto também enfatizou a relação da medida com segurança pública, destacando que “tem visto na eleição o fortalecimento da entrada do crime organizado na política”. O relator afirmou, ainda, que possui um texto pronto e que “agora é só a condução de *timing* para trazer isso para a pauta”. Das principais mudanças com o texto aprovado pelo Senado, o relator ressaltou que “a mais substancial é a alteração para um voto só [sendo que voto ao candidato distrital também valeria para as cadeiras destinadas aos partidos]”.

Atualmente, a votação para os cargos legislativos baseia-se no sistema proporcional em lista aberta, em que os votos destinados a partidos e candidatos são somados para determinar a distribuição de cadeiras por legenda.

O voto distrital misto, por sua vez, propõe um modelo híbrido: no mesmo território, haveria uma votação proporcional e uma votação por distrito. Os candidatos eleitos pela legenda seriam previamente



Foto: Paulo Pinto/Agência Brasil

Projeto de Lei nº 9.212, que passou pelo Senado em 2017 e estava parado na Câmara desde 2021, pode modificar dinâmica das Eleições Gerais de 2030

te definidos pelos partidos por meio de uma lista fechada. Atualmente, os votos de legenda são distribuídos entre os candidatos mais votados.

Por exemplo, como na Paraíba existem 12 cadeiras na Câmara, o estado seria dividido em seis distritos, com um deputado eleito em cada um. O eleitor votaria no candidato exclusivamente do seu distrito, o que também contabilizaria para a contagem da legenda.

O PL nº 9.212 foi aprovado no Senado em 2017, mas estava parado na Câmara desde 2021. De autoria do então senador José Serra (PSDB-SP), a pauta agora é retomada sob o pano de fundo da segurança pública, sendo vista por especialistas como uma busca por uma “agenda positiva”, após o recente enfraquecimento da Câmara em outras matérias de repercussão nacional.

“Hugo Motta precisa de uma agenda positiva, precisa demonstrar que ‘saiu das cordas’, porque, nessa discussão sobre a PEC da Blindagem, a Câmara dos Deputados ficou muito fragilizada. Ele próprio, como liderança, foi fortemente questionado. Então, ele tem

essa ansiedade por levantar pautas que são tidas como positivas, de reforma política etc.”, afirma o cientista político João Paulo Ocke. O especialista lembra que o debate não é novidade, mas é preciso considerar seus benefícios e riscos, já que não existe um “sistema eleitoral perfeito”.

“
Hugo Motta precisa demonstrar que ‘saiu das cordas’. Ele tem ansiedade por levantar pautas tidas como positivas”

João Paulo Ocke

Solução ou perigo?

O principal argumento para a adoção do voto distrital misto, apontado pelo presidente da Câmara, é o combate à inserção do cri-

me organizado na política institucional. Porém, na visão de João Paulo Ocke, misturar uma reforma eleitoral importante com um debate já ideologizado sobre segurança pública não contribui para uma discussão adequada da proposta.

“Isso não contribui para que a proposta seja discutida nos termos mais adequados, que são os termos mesmo propriamente da política, do funcionamento do sistema eleitoral, da apreciação de custos, da tentativa de minorar os efeitos ruins que o voto distrital misto possa vir a estabelecer”, observa.

Para a advogada Thiciane Carneiro, da Comissão de Direito Eleitoral da Ordem dos Advogados do Brasil — Seccional Paraíba (OAB-PB), tal combate depende muito menos do sistema eleitoral e mais de mecanismos de controle institucional, como “uma fiscalização financeira rigorosa, um rastreamento de doações, uma proteção a denunciantes, uma atuação efetiva do Ministério Público Federal, Estadual próxima das próprias polícias”.

A jurista reforça que a divisão dos territórios em distritos pode apresentar um risco de “captura local”, especialmente em áreas onde

o crime organizado exerce força total no controle territorial. “Em distritos pequenos, pode facilitar inclusive o domínio político por esses grupos”, aponta.

O presidente da OAB-PB, Harrison Targino, é outro crítico da medida. Apesar de reconhecer falhas no atual sistema proporcional, ele destaca o risco de fortalecimento das regionalidades e do “caciquismo político”, especialmente em regiões como o Nordeste, o que dificultaria a renovação política, favorecendo líderes regionais já estabelecidos.

“Quando você regionaliza a escolha, termina favorecendo talvez esse tipo de distribuição. O sistema aberto, a lista aberta, o voto aberto têm muita complexidade, mas, por outro lado, permite maior capacidade de arejamento, sobretudo em estruturas políticas como as nossas”, diz.

Os defensores do voto distrital apontam outras justificativas para a alteração do sistema de votação, como a redução no custo das campanhas eleitorais, devido à divisão do território em distritos; e a maior proximidade entre o eleitor e o candidato eleito, promovendo a “*accountability*” — presta-

ção de contas contínua ao eleitorado. No entanto, essas supostas vantagens também são refutadas por especialistas.

Com relação à redução de custos, diz-se que o candidato investirá apenas em seu distrito, e não no estado inteiro. Contudo, as candidaturas da lista da legenda partidária são disputadas por todo o território. “O partido vai continuar tendo que investir na campanha para que a sua lista seja eleita”, pondera a advogada Thiciane Carneiro.

A alegada aproximação entre o eleitor e o candidato eleito, principalmente nas Casas Legislativas, também é questionada. O presidente da OAB-PB enfatiza que o problema da relação entre representante e representado é mais uma questão de “engrenagem política e formação política do que de estruturação”.

“Se a gente revigorar esses canais [de diálogo permanente com o eleitor], naturalmente a capacidade de escolha será mais qualificada e o sistema, majoritário ou proporcional, ou mesmo misto, terá menos significado do que essa redescoberta do valor do voto, do valor da política com ‘p’ maiúsculo”, sustenta.

Deputados e vereadores divergem sobre o projeto de lei

Mesmo podendo alterar a forma como o Legislativo é eleito, a discussão entre os parlamentares ainda é incipiente. A reportagem entrou em contato com deputados federais e estaduais, além de vereadores da capital.

O deputado estadual João Gonçalves (PSB) é contrário à retomada da discussão, sobretudo pela falta de consulta popular. Para ele, a justificativa de combate ao crime organizado na política é inadequada e a solução

é o combate direto e efetivo das autoridades.

“Tem coisas que têm que ser debatidas com os fatos da realidade do problema. Repito: todo mundo sabe onde é que está o envolvimento; é só querer apurar e querer punir”, enfatizou.

Já para a deputada Camila Toscano (PSDB), o modelo do voto distrital misto é fundamental para fortalecer a democracia e estreitar a relação entre o cidadão e seu representante. “Isso

significa mais responsabilidade, mais transparência e mais vínculo entre o eleitor e a comunidade que ele representa. O eleitor passa a saber exatamente quem o representa e pode acompanhar sua atuação de forma mais próxima”, opina.

O vereador Wamberto Ulysses (Republicanos) defende que a medida é crucial para aprimorar a representatividade, possibilitando “que haja uma maior dedicação do Poder Legislativo,

do deputado, do vereador naquela localidade”.

Raoni Mendes, vereador pelo DC, é favorável à proposta, entendendo-a como um mecanismo “que fortalece a formação de novas lideranças, porque aí você vai ter uma disputa partidária e uma disputa por região”. Apesar disso, o vereador manifesta preocupação com a lista partidária, questionando os critérios de escolha e quem seria responsável por ela. “Acredito que,

se o debate se fortalecer no Brasil, principalmente ali na Câmara Federal, eles encontrarão um caminho que estabilize o fortalecimento da democracia e que banalize de uma vez por todas o crime organizado da política”, frisa.

A reportagem tentou contato com a bancada federal paraibana, diretamente ou por meio de suas assessorias, mas não obteve resposta até o fechamento desta edição de **A União**.

■ Possível alteração na forma como o Legislativo é eleito ainda é incipiente entre os parlamentares paraibanos



Foto: Divulgação

Iniciativas da Procuradoria foram apoiadas em pedidos de remoção de contas de plataformas digitais e direitos de resposta

AÇÕES EXTRAJUDICIAIS

88% das notificações por fake news são atendidas

Atuação da AGU tem conseguido remover conteúdos manipulados das redes

Agência Gov

O impacto direto da desinformação nas políticas públicas, prejudicando o acesso da população mais vulnerável a direitos sociais assegurados em lei, está desafiando o Estado brasileiro a respostas cada vez mais enfáticas. Para isso, a Procuradoria Nacional da União da Defesa da Democracia (PNDD), órgão da Advocacia-Geral da União (AGU), tem usado as notificações extrajudiciais para combater essas desinformações, em linha com os parâmetros definidos pelo Supremo Tribunal Federal (STF) no recente julgamento do Marco Civil da Internet. O resultado é que 88,2% das notificações enviadas foram atendidas integralmente ou parcialmente.

“Conseguimos um índice muito bom de resolução sem a necessidade de sobrecarregamos o Judiciário”, informa o procurador nacional da União de Defesa da Democracia, Raphael Ramos.

Judicialmente, as iniciativas da procuradoria foram apoiadas em pedidos de remoção de contas de plataformas digitais e direitos de resposta, além de

providências em relação a campanhas de *fake news* associando a vacina contra a Covid-19 a risco de contração do vírus HIV e mentiras veiculadas em redes sociais que prejudicaram o acesso das vítimas das enchentes do Rio Grande do Sul a ajuda, por exemplo.

Outro êxito contabilizado pela PNDD é a redução na taxa de inadmissão das demandas apresentadas por inadequação aos critérios da Procuradoria. O índice saiu de 47% dos casos, em fevereiro deste ano, para 35,4%, em outubro último.

“Nossa atuação em defesa da integridade da informação, da liberdade de expressão e da democracia é múltipla e, inclusive, consultiva”, salientou Ramos. “Hoje, nossa tarefa é fazer com que deveres legais sejam observados e impor responsabilidade aos responsáveis pela desinformação, golpes e fraudes, fazendo com que os direitos sejam protegidos”, acrescentou.

Inteligência artificial

A necessidade de melhoria da governança das plataformas digitais é reforçada por outro indica-

dor do trabalho da PNDD: 12% dos casos apresentados à Procuradoria envolvem o uso de inteligência artificial, tornando ainda mais complexo o cenário futuro. Embora relevantes, avanços recentes como a decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) reafirmando deveres e responsabilidades de plataformas digitais no âmbito do Marco Civil da Internet e o Estatuto da Criança e do Adolescente para o ambiente *on-line* (o chamado “ECA digital”) são insuficientes, e novos passos precisam ser dados.

A procuradora-geral da União, Clarice Calixto, ressaltou a inadiável tarefa do Estado brasileiro de se capacitar para contrapor os ataques às políticas públicas voltadas aos mais necessitados e, em última instância, à democracia. “Nas ditaduras, a vida das pessoas importa muito pouco. E o melhor lugar para enfrentar a desigualdade social é a democracia”, destacou.

A partir da constatação de que a desinformação e a epidemia de golpes e fraudes digitais geram efeitos concretos na vida das pessoas, a Secretaria de Comunicação (Secom) do Palácio do Planalto passou a de-

envolver ações para preservar a qualidade de informações sobre políticas públicas e, assim, diminuir os prejuízos causados principalmente a beneficiários do Bolsa Família e do Benefício de Prestação Continuada (BPC). “Também queremos incentivar a produção de informação de qualidade e, assim, fortalecer a democracia”, ressaltou a secretária adjunta de Políticas Digitais da Secom, Nina Santos. Segundo ela, a luta não é somente contra conteúdos manipulados e falsos, mas contra um problema sistêmico que requer uma solução estrutural.

“

Conseguimos um índice muito bom de resolução sem sobrecarregar o sistema judiciário

Raphael Ramos

Notícias falsas preocupam os brasileiros

Agência Senado

Uma pesquisa realizada pelo Instituto DataSenado no mês de setembro mostrou que sete em cada 10 brasileiros já viram alguma notícia falsa. Quando perguntados sobre o motivo para a disseminação de notícias falsas, 31% acreditam que quem compartilha esse tipo de notícia quer mudar a opinião dos outros. Para 30%, as notícias falsas são compartilhadas por desconhecimento sobre sua veracidade.

Entre os desafios para navegar nas redes sociais, metade dos brasileiros diz que não é fácil saber o que é verdadeiro ou falso. Entrevistados de Sergipe, Mara-

nhão e Rio Grande do Norte são os que mais relatam ter grandes dificuldade. Entrevistados de Santa Catarina, Distrito Federal e São Paulo consideram fácil separar a notícia falsa da verdadeira.

Diante desse quadro, a população aponta a necessidade de controle e responsabilização. Para 81% dos entrevistados, as plataformas de redes sociais deveriam ser responsáveis por impedir a disseminação de notícias falsas. Esse apoio popular a medidas de regulação e moderação de conteúdo revela um desejo coletivo por um ambiente digital mais transparente e seguro.

Outra pesquisa realizada pelo DataSenado mos-

tra que 72% da população dizem-se “muito preocupados” com a quantidade de informações falsas que circulam nas redes sociais. Essa apreensão reflete-se na percepção de risco: nove

■ Maioria da população defende que plataformas de redes sociais deveriam impedir a disseminação de notícias falsas

em cada 10 brasileiros (91%) afirmam que as *fake news* representam um perigo para a sociedade.

Os levantamentos do DataSenado também investigam a percepção sobre a influência da desinformação e o uso de novas tecnologias. A maioria (91%) concorda que as redes sociais influenciam “muito” a opinião das pessoas. Além disso, embora 65% dos cidadãos saibam da existência de contas controladas por robôs, 35% ainda desconhecem essa ferramenta de disseminação em massa. Dos que conhecem, 80% defendem que esses perfis automatizados deveriam conter um aviso claro sobre sua natureza.

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Microcrônicas (18)

“A utopia está no horizonte. Dou um passo, ela se afasta de mim. Dou outro passo, e ela, novamente, se distancia. Então, para que serve a utopia? Para isso, para caminhar”. (Fernando Birri, cineasta argentino)

“Nós matamos o tempo, mas ele nos enterra”. (Machado de Assis)

“Morremos, mas não apagamos a biografia. Quando você morrer, será lembrado como um cabra inconsequente, representante do mau gosto e da frivolidade com essa tal Rádio Barata”. (Maciel Caju, o invejoso)

Se você começa o dia sem tranquilizante, come todo dia a mesma comida sem se queixar, aceita crítica, dorme a qualquer hora, entende quando estão ocupados para lhe dar atenção, tem pique para passar noites em claro numa boa e não liga para o custo de vida e a política e adora sua dona, ou é um imbecil, ou é o cachorro da casa ou produtor da Rádio Barata.

Che Guevara foi radialista. Ele e Fidel Castro montaram uma rádio clandestina em Serra Maestra, transmitindo a revolução. O nome da rádio era “Rádio Formiga”.

Daí vem essa Rádio Barata, que é tudo inseto, só que a Rádio Formiga derrubou o ditador e aqui a Rádio Barata só quer botar gosto ruim na cocada do fascistinha verde e amarelo. Nossos propósitos são mais modestos.

Meu pai não é meu herói, ele foi herói de uma geração. Nunca recebeu uma medalha, mas está na História: quando os militares deram o golpe em 1964, pai era secretário da Prefeitura de Itabaiana e redigiu um manifesto de repúdio ao estupro da democracia perpetrado pelo Exército.

Por causa disso, foi perseguido, e o prefeito Hugo Saraiva, deposto do cargo. Naquela hora em que a imensa maioria tremia de medo das baionetas, pai permaneceu altivo, manteve a dignidade diante da intolerância e truculência da força das armas, defendendo seus princípios. Esse é o verdadeiro herói.

Maestro Luiz Carlos Otávio sobre meu pai: “Tive o prazer de conhecer, beber e receber conselhos do doutor Arnaud em 1977, antes mesmo de conhecer Fábio e Sóstenes; me impressionou. Entre um copo e outro, ele se referia a um rábula do livro ‘Tereza Batista Cansada de Guerra’, de Jorge Amado, que era uma referência para ele”.

Fui atacado por vírus pela terceira vez neste ano. A noite foi uma longa agonia. Febre alta e altos delírios.

Na agitação do sofrimento, vi desfilar um magote de diabos, chefiados por um senhor de *smoking* e cartola. Reconheci alguns deles, personagens do folheto de José Pacheco: Tromba Suja, Bigodeira, Pilão Deitado, Goteira, Fuxico, Cão de Bico, Pau de Prensa e Maçarico.

A imaginação do moribundo é um tanto desvairada. Perguntei ao senhor de *smoking*, que devia ser o chefe, qual o papel do Diabo na ordem das coisas do além. Sim, porque as coisas boas só acontecem porque Deus quer, para beneficiar os fiéis, e as coisas ruins também são de sua autoria, para castigar os recalcitrantes e impor respeito.

Sendo assim, o poder do Diabo é um pouco menor do que o “vice-carimbador interino da comarca de Goitá”. O Satanás-chefe daquela legião não soube informar, por ser uma entidade sem muita instrução.

“De tão criativos, os seus devaneios literários de moribundo são incríveis. Corre até o perigo de algum leitor lhe desejar mais viroses... eh eh eh. Mas o melhor é saber de sua capacidade de escrever com saúde, caro Mozart. Prefiro você com saúde, lubrificando as engrenagens enferrujadas do mundo. Saúde pra você, camarada!”. (Adeildo Vieira)

Columnista colaborador

SAÚDE PÚBLICA

Ataque a aborto legal espalha pânico

Projeto que dificulta o acesso de crianças e adolescentes ao procedimento é visto como afronta aos direitos fundamentais

Tâmara Freire
Agência Brasil

Projetos que dificultam o aborto para crianças e adolescentes vítimas de violência sexual tentam “espalhar pânico moral” para enfraquecer o direito ao aborto legal no Brasil. A avaliação é da vice-presidente do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda), Marina De Pol Poniwas, para quem o Projeto de Decreto Legislativo (PDL) nº 3, de 2025, aprovado no dia 5 de novembro pela Câmara dos Deputados, afronta os direitos fundamentais.

“Esse é um debate de saúde pública, não do Legislativo, mas não querem permitir que um órgão como o Conanda exerça sua função para que essas crianças e adolescentes sejam de fato protegidos”, protesta.

Marina ocupava a presidência do Conselho no ano passado e, por isso, assina a Resolução nº 258, alvo do projeto de decreto legislativo aprovado pela Câmara dos Deputados na quinta- -feira (5). Apesar da votação na Câmara, a resolução continua vigente, já que o projeto precisa ser aprovado também pelo Senado para ter validade.

A psicóloga explica que o conselho viu necessidade de editar a resolução após a divulgação de dados que indicavam recorde de estupros em 2023, no Brasil, e também em resposta a outros projetos que tentavam limitar o acesso ao aborto legal, como o projeto de lei (PL) que pretendia equiparar a interrupção da gravidez ao crime de



Resolução do Conanda, que pode ser derrubada pelo PDL aprovado na Câmara, foi editada para garantir a proteção de meninas vítimas de violência sexual

homicídio, mesmo nos casos autorizados por lei.

De acordo com Marina, há 13 projetos protocolados na Câmara contra a Resolução, que também foi contestada na Justiça.

“O aborto legal não é crime. O Código Penal tem previsão com relação a isso desde 1940. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) é absolutamente protetivo, um marco civilizatório na nossa sociedade”.

“O que a gente pretendeu com essa resolução é orientar o sistema de garantia de

direitos sobre como utilizar esse arcabouço legal existente para acessar um direito legal previsto pelo menos desde 1940, mas que vem sendo constantemente impedido”.

A vice-presidente complementa que o Conanda também entendeu que é preciso orientar os serviços de saúde, assistência social e escolas sobre a importância do sigilo. “A Resolução nº 258 não fala só sobre o aborto, mas, sim, sobre todo esse processo de atendimento em casos de violência sexual”, contesta. Segundo ela, a norma

“dispõe sobre o atendimento de crianças e adolescentes vítimas de violência sexual e a garantia dos seus direitos”. O documento explica, por exemplo, que as vítimas devem receber escuta especializada e que o atendimento de saúde deve ser priorizado.

Quanto ao aborto legal, o texto explica que uma vítima de estupro ou estupro de vulnerável que tenha engravidado em decorrência da violência não precisa apresentar Boletim de Ocorrência nem decisão judicial para ter direito ao aborto legal.

A resolução orienta também que os casos de violência sexual só precisam ser notificados, com a identificação da vítima, ao Conselho Tutelar, a quem cabe procurar o sistema de Justiça, salvo exceções específicas. Ainda de acordo com as disposições do texto, a criança ou adolescente vítima deve ser adequadamente informada sobre seus direitos, e sua vontade expressa deve ser priorizada, em casos de divergência com os pais ou representantes legais. Marina argumenta que

nada disso foi “criado” pelo Conanda, que editou a resolução de acordo com a legislação vigente no país, para combater barreiras ilegais impostas, como a exigência do Boletim de Ocorrência.

“É uma orientação para que os profissionais e os operadores do sistema de garantia de direitos possam ter aquilo de fácil acesso e saibam conduzir da melhor forma possível esse cuidado célere, humanizado e não revitimizante daquela criança que já está num grave sofrimento”.

“Pautas morais” ressurgem com a proximidade das eleições

Organizações que defendem os direitos das crianças e das mulheres também reagiram ao projeto de decreto legislativo e lançaram um abaixo-assinado contra a medida, dentro da campanha Criança Não é Mãe, que ganhou grande visibilidade em protesto contra o chamado “PL do Estupro”. A campanha também convocou atos de protesto pelo Brasil, como no Rio de Janeiro, em São Paulo, em Santa Catarina e no Espírito Santo.

Laura Molinari, codiretora da campanha Nem Presa Nem Morta, que integra a ação Criança Não é Mãe, lembra que o movimento feminista vem lutando há cerca de duas décadas contra diversos projetos que tentam recrudescer a legislação sobre aborto no Brasil. Ao longo deste tempo, perceberam que as propostas se avolumam conforme se aproxima o período eleitoral.

“Entra em um pacote moral das candidaturas e dos políticos de extrema direita. São os candidatos que falam que são contra as drogas, contra os gays e contra o aborto. Mas a gente tem um problema real que não entra nessa conta, que é justamente o caso das meninas que sofrem violência e ter-

minam grávidas. A gravidez é um desfecho da violência em muitos casos. E a gente está falando especialmente das meninas, porque elas são as maiores vítimas de violência sexual no Brasil”, argumenta a ativista.

Por enquanto, nenhum projeto conseguiu derrubar as permissões concedidas pelo Código Penal de 1940, que autoriza a interrupção da gravidez nos casos de violência sexual e de risco de vida para a mãe. Além disso, em 2012, o Supremo Tribunal Federal estendeu a excepcionalidade aos casos de anencefalia, quando o cérebro do feto não se desenvolve, uma condição incompatível com a vida fora do útero.

A legislação brasileira nunca exigiu Boletim de Ocorrência ou processo judicial para a realização do procedimento e não impõe limite de idade gestacional.

Apesar de o direito ao aborto legal continuar garantido, Laura diz que todos esses ataques e as informações mentirosas disseminadas criam uma confusão deliberada que afasta crianças e mulheres dos serviços e gera insegurança para os profissionais que trabalham neles.

“Hoje, menos de 4% dos

municípios brasileiros têm serviço de aborto legal. A gente tem uma média de dois mil abortos legais por ano e, no caso das meninas estupradas, são menos de 200 por ano, enquanto 30 dão à luz todos os dias com menos de 14 anos no Brasil”.

“Essa confusão normativa é um problema para efetivação do aborto legal, então a resolução do Conanda veio para organizar o que já está na lei, justamente porque, na prática, o acesso basicamente não acontece”.

“A gente está falando especialmente das meninas, porque elas são as maiores vítimas de violência sexual

Laura Molinari

Pesquisa recente divulgada pelo Instituto Patrícia Galvão mostra que seis em cada 10 mulheres que foram vítimas de violência sexual antes dos 14 anos não contaram para ninguém sobre o abuso e apenas 27% confiaram em algum familiar. Quase a totalidade dos entrevistados (96%) considera que meninas de até 13 anos não têm preparo físico e emocional para ser mães.

Outro levantamento feito pelo Instituto, em 2020, identificou que 82% dos entrevistados são favoráveis ao direito

ao aborto em casos de estupro. Eles também foram perguntados sobre o caso da menina de 10 anos, que engravidou após ser violentada pelo tio no Espírito Santo e só conseguiu realizar o procedimento em hospital de Recife.

Para 94% dos entrevistados à época, o aborto deve ser permitido em casos como esse. Laura acredita que a reação dos movimentos sociais após cada ataque “tem ajudado a construir na opinião pública e na sociedade um entendimento de quais são os marcos le-

gais do aborto no Brasil”, mas a oportunidade também é aproveitada por quem se interessa em espalhar informações inverídicas.

“Pelo lado de quem precisa acessar o serviço de aborto ilegal, já existe pouca informação sobre quais são os serviços, onde tem, onde não tem. E com essa enxurrada de fake news, realmente, as pessoas ficam sem saber o que fazer e acabam tendo o filho no fim das contas”, pondera a codiretora da campanha Nem Presa Nem Morta.

Ao aprovar PDL, Câmara rasga pacto civilizatório, diz deputada

Parlamentares contrários à matéria também reagiram na Câmara. A deputada federal Jack Rocha (PT-ES) protocolou um projeto de lei, com o apoio de outros 60 deputados, para “conferir força de lei” às diretrizes estabelecidas pela resolução do Conanda, preservando integralmente a sua redação.

Em um vídeo, publicado em suas redes sociais, a deputada afirmou que o objetivo é “transformar em lei o que nunca deveria ter sido posto em dúvida, que criança não é mãe, que estuprador não é pai e que a infância precisa de proteção e não de retrocesso”. “Quando a maioria da Câmara decide sustar essa resolução do Conanda, ela

não está apenas revogando um ato administrativo, ela está rasgando um pacto civilizatório para proteger as crianças desde o Estatuto da Criança e do Adolescente. Ela está dizendo que uma menina vítima de estupro de 9, 10, 11 anos tem que ser levada à maternidade a qualquer custo. Gravidez forçada é tortura”, complementou.

NA PARAÍBA

Certames ofertam mais de 70 vagas

Oportunidades são para as prefeituras de Malta, no Sertão, e Condado, no Brejo, além de cargos de magistério no IFPB

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

A temporada de concursos na Paraíba está mais aquecida do que nunca. Do Sertão ao Brejo paraibano, três novos editais prometem mais de 70 vagas para profissionais de diferentes níveis de escolaridade em busca de estabilidade no serviço público. No Sertão, a Prefeitura de Malta abriu 11 vagas com salários de até R\$ 2,6 mil. Já em Condado, no Brejo, são 20 oportunidades em diversas áreas, com remuneração que chega a R\$ 3,6 mil. Enquanto isso, o concurso do Instituto Federal da Paraíba (IFPB) para professores entra na reta final de inscrições, com prazo até 18 de novembro e salários que ultrapassam R\$ 13 mil.



Pelo QR Code acima, acesse o edital do concurso de Malta

Sertão

Em Malta, o edital da Prefeitura local reúne vagas para operador de máquinas pesadas, agente administrativo, orientador social, assistente social, fonoaudiólogo e psicólogo.

A carga horária varia de 30 a 40 horas semanais, com salários que vão de R\$ 1,5 mil a R\$ 2,6 mil, dependendo do cargo e da formação exigida. Para participar, é necessário ter Ensino Fundamental, Médio ou Superior, conforme a função desejada, e atender aos demais requisitos descritos no edital, como registro profissional e Carteira Nacional de Habilitação (CNH) na categoria D.

As inscrições seguem abertas até 14 de dezembro, exclusivamente pelo *site* da Comissão Permanente de Concursos (CPCon), da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). A taxa cobrada varia de R\$ 75 a R\$ 115, de acordo com o nível de escolaridade. Quanto à avaliação, todos os candidatos farão uma prova objetiva,

de caráter eliminatório e classificatório, no dia 8 de fevereiro de 2026, composta por questões de Língua Portuguesa, Matemática, conhecimentos gerais e específicos. O processo ocorrerá na cidade de Malta, mas poderá ser expandido para municípios vizinhos, caso o número de candidatos exceda a capacidade local.



Escaneie o QR Code para ler o edital da Prefeitura de Condado

Condado

Já no Brejo paraibano, o município de Condado, localizado a cerca de 135 km da capital, abriu um concurso público com 26 vagas, incluindo oportunidades para pessoas com deficiência (PcD). O edital contempla cargos de níveis fundamental, médio e superior, com remuneração que varia de R\$ 1,5 mil a R\$ 3,6 mil e jornadas de 20 a 40 horas semanais.

Entre as funções disponíveis, estão as de coeiro, pedreiro, eletricista, agente comunitário de saúde, técnico em Radiologia, educador físico, farmacêutico, fisioterapeuta, fonoaudiólogo, nutricionista, odontólogo e professores em diferentes disciplinas, como

Português e Matemática.

Os interessados no concurso podem se inscrever até 14 de dezembro, pelo *site* da CPCon, mediante pagamento de taxa de R\$ 75 a R\$ 115, dependendo da exigência do cargo. A seleção será composta por prova objetiva, prevista para 8 de fevereiro, além de análise de títulos e, para algumas funções, prova prática. Todo o processo ocorrerá na cidade de Condado, com possibilidade de aplicação em municípios vizinhos.

Professores

Na rede federal, por sua vez, o Instituto Federal da Paraíba (IFPB) encerra, na próxima terça-feira (18), o prazo de inscrições para

seu concurso público, com 43 vagas destinadas a professores efetivos. As oportunidades abrangem áreas como Arquitetura, Ciências Biológicas, Design Gráfico, Engenharia Civil, Física, Matemática, Medicina Veterinária e Filosofia, entre outras. Segundo o edital, as remunerações variam de R\$ 6,1 mil a R\$ 13,2 mil, conforme a titulação, com jornada de 40 horas semanais e dedicação exclusiva.

Para participar, é necessário acessar o *site* do Instituto AOCP e seguir as instruções. A taxa de inscrição é de R\$ 150. Sobre a avaliação, a seleção será composta por prova objetiva, avaliação didático-pedagógica e análise de títulos — etapas que buscam medir tanto o domínio técnico quanto a capacidade de ensino dos candidatos.

As vagas estão distribuídas por diversos *campi* do instituto, entre eles Areia, Campina Grande, João Pessoa, Santa Rita e Sousa. Já a aplicação das provas ocorrerá em Cajazeiras, Campina Grande, João Pessoa, Patos e Sousa.

Neuropsicopedagogo liga sensibilidade e ciência à educação

Pedagogo, psicopedagogo, neuropsicopedagogo... Os nomes podem confundir, mas, na prática, cada um deles revela um olhar distinto sobre o ato de aprender. Enquanto o pedagogo cuida do processo educativo e o psicopedagogo identifica as dificuldades que surgem pelo caminho, o neuropsicopedagogo é responsável por investigar como o cérebro aprende, sente e reage. Embora todas tenham a educação como alvo, a Neuropsicopedagogia chama atenção por integrar a Neurociência à Psicologia, ampliando o olhar sobre o desenvolvimento humano. “Entendemos que aprender é um fenômeno que envolve corpo, emoção e cognição”, destaca a pedagoga e especialista em Neuropsicopedagogia Clínica e Institucional, Allana Mota.

O campo da Neuropsicopedagogia nasce, justamente, desse diálogo entre saberes, buscando compreender como o cérebro processa informações e transforma estímulos em aprendizado. Em vez de lançar um olhar puramente técnico, o neuropsicopedagogo conecta emoção e cognição para traduzir o funcionamento cerebral em práticas educativas mais eficazes. Segundo a especialista, é essa integração entre conhecimento técnico

e sensibilidade humana que dá profundidade à profissão. “O neuropsicopedagogo busca entender como o cérebro aprende e como as emoções interferem nesse processo, criando estratégias que respeitem o ritmo e o funcionamento individual de cada pessoa”, explica.

Aprendizagem e desafios

Na era das telas, em que o uso de tecnologias tem redefinido comportamentos e o próprio ritmo de vida, a atuação desse profissional torna-se ainda mais relevante. Allana observa que o excesso de estímulos digitais, aliado à falta de sono e à rotina acelerada, interfere diretamente na atenção e na memória. “O neuropsicopedagogo atua como ponte entre o cuidado emocional e o cognitivo, ajudando a identificar como fatores como ansiedade, tempo de tela e rotina afetam o comportamento e o aprendizado”, afirma.

Mais do que corrigir falhas, ela esclarece que o trabalho também tem um caráter preventivo ao orientar as famílias e as escolas sobre o uso consciente da tecnologia, antes que as telas substituam, no dia a dia, as experiências reais. “As relações humanas são importantes para a con-

solidação das aprendizagens e para a saúde cerebral”, frisa.

Não à toa, o campo de atuação está em constante transformação e cada vez mais diversificado. De acordo com Allana, o profissional pode contribuir em diferentes contextos: de escolas a clínicas, passando por empresas e instituições que tenham programas voltados à saúde emocional e ao desenvolvimento cognitivo. Além dessas opções, há também a possibilidade de atendimento *on-line* para acompanhamento e orientação a distância, uma alternativa viável para os profissionais que desejam trabalhar de forma autônoma. “É possível, sim, fazer um bom trabalho remoto com adolescentes e adultos, mas é preciso respeitar os limites éticos e técnicos”, pontua, lembrando que nem todos os casos podem ser acompanhados remotamente, sobretudo os que envolvem crianças pequenas. O olho no olho faz toda a diferença.

Escuta atenta

Trabalhar com o cérebro não é tão simples quanto parece. Além de técnica, pede curiosidade, olhar investigativo e escuta atenta. Para a neuropsicopedagoga, são essas habilidades que permitem enxergar o ser humano como

um todo, observando o que aprende, como aprende e o que o impede de aprender. A formação, inclusive, combina bases teóricas de neuroanatomia, desenvolvimento infantil, processos cognitivos e estratégias pedagógicas, mas o diferencial está em unir esses saberes de forma integrada. “Isso dá base para criar intervenções mais humanas e eficazes, respeitando a singularidade de cada sujeito”, aponta.

Embora ainda esteja em processo de regulamentação formal, a Neuropsicopedagogia vem ganhando reconhecimento e espaço tanto na comunidade científica quanto nas escolas. Para Allana, o avanço da Neurociência tem impulsionado o crescimento da profissão, assim como a preocupação crescente com a saúde emocional e cognitiva dos jovens. “É uma área dinâmica, que exige atualização constante”, orienta. Essa mudança de percepção já aparece, inclusive, em concursos públicos, como o da Prefeitura

de Condado, no Brejo paraibano. No edital, consta uma vaga para neuropsicopedagogo com carga de 20 horas semanais e salário de R\$ 2,8 mil. É necessário ter curso superior e pós-graduação em Neuropsicopedagogia.



Segundo Allana, profissão exige técnica, curiosidade e atenção



Pelo QR Code, acesse a página de inscrições para o certame do IFPB

Foto: Divulgação/IFPB

Foto: Arquivo pessoal

Selic Fixado em 5 de novembro de 2025 15%	Salário mínimo R\$ 1.518	Dólar \$ Comercial -0,02% R\$ 5,297	Euro € Comercial -0,17% R\$ 6,154	Libra £ Esterlina +0,04% R\$ 6,988	Inflação IPCA do IBGE (em %) Outubro/2025 0,09 Setembro/2025 0,48 Agosto/2025 -0,11 Julho/2025 0,26 Junho/2025 0,24	Ibovespa 157.738 pts +0,37%
---	---	--	--	---	--	--

ESCOLHA PROFISSIONAL

Salário atrativo pode ser fator decisivo para jovens

Na Paraíba, estudantes e universidades ajustam-se às demandas do mercado

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

Hoje, no segundo dia de provas do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), que será prestado por 142 mil paraibanos, a escolha profissional dos estudantes volta ao centro do debate. Afinal, o que está influenciando os jovens na hora da escolha da carreira? Afinidades pessoais ainda contam, mas o peso da conjuntura econômica tem ganhado espaço na decisão, como um reflexo direto das áreas que concentram os maiores salários e investimentos em inovação.

Segundo levantamento da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan), as 10 profissões mais bem remuneradas do país estão concentradas em setores tecnológicos, energéticos e financeiros, com destaque para Engenharia da Computação, Ciência de Dados e Medicina. A pesquisa mostra que, mesmo diante de um mercado de trabalho volátil, essas áreas seguem puxando os índices salariais do país e orientando as decisões de novos candidatos ao Ensino Superior.

O cenário nacional também tem reflexos claros na Paraíba. De 2020 a 2024, a nota de corte do Enem para Engenharia da Computação na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) cresceu 12,72%, passando de 691,06 para 778,95 pontos; um salto que ilustra o interesse crescente por formações ligadas à tecnologia.

Arthur Henrique de Carvalho Damasceno, de 23 anos, é um dos rostos por trás dessa tendência. Graduando em Engenharia da Computação pela UFPB, ele está no nono período e integra o Laboratório de Medidas e Instrumentações da universidade, onde pesquisa eletrônica e desenvolvimento de circuitos. A afinidade com cálculos e o fascínio por tecnologia guiaram sua escolha ainda no Ensino



Áreas ligadas à tecnologia ganham espaço entre as profissões com remunerações atrativas

no Médio. “Eu sempre tive muita curiosidade pela área tecnológica. Participei de alguns eventos de robótica e programação e fiquei encantado”, conta.

A decisão também foi acompanhada por uma avaliação pragmática do mercado. “Antes mesmo de entrar na UFPB, eu via colegas meus que estagiavam em empresas multinacionais ou daqui do Brasil recebendo salários de R\$ 5 mil a R\$ 6 mil. Eu também via notícias de pessoas que aprendiam programação até um certo ponto e, muitas vezes, largavam a faculdade por já receber um salário para se ter uma vida muito confortável, compatível com salários de médicos”, acrescenta Arthur.

Hoje, mais próximo de se graduar, Arthur projeta expectativas otimistas: “O salário-base que eu planejo receber assim que finalizar a graduação é algo em torno de R\$ 7 mil a R\$ 12 mil. Mas, com pós-graduação, mestrado e doutorado, me visualizo recebendo entre R\$ 15 mil e R\$ 25 mil dentro dessa área”, afirma. Essa projeção é calculada com base na identificação com a área que ele pretende se especializar.

Atraído pela eletrônica e

pelo desenvolvimento de circuitos — segmentos que aproximam Engenharia da Computação e Engenharia Elétrica —, ele revela que investe o tem-

po livre em estudos e projetos “Eu tento entrar em contato com professores e empresas, porque é a área em que eu de-sejo me aperfeiçoar”, conta.



Confira os cursos de graduação ofertados na UEPB



Confira os cursos de graduação ofertados na UFPB

Saiba Mais

Profissões com maiores salários de admissão em 2024

- **Engenheiros em computação:** R\$ 13.794
- **Engenheiros de minas e afins:** R\$ 13.055
- **Diretores de espetáculos e afins:** R\$ 11.716
- **Engenheiros químicos e afins:** R\$ 11.181
- **Engenheiros mecânicos e afins:** R\$ 10.838
- **Geólogos, oceanógrafos, geofísicos e afins:** R\$ 10.642
- **Médicos clínicos:** R\$ 10.071
- **Engenheiros de produção, qualidade, segurança e afins:** R\$ 9.960
- **Pesquisadores de engenharia e tecnologia:** R\$ 9.708
- **Engenheiros eletricitistas, eletrônicos e afins:** R\$ 9.489

Fonte: Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan)

Economia em Desenvolvimento

Amadeu Fonseca
amadeu.economista@gmail.com | Mestre em Economia na UFPB

O fim do ano vai trazer alívio ou pressão?

Nos últimos dias, duas notícias dominaram o debate econômico: a incerteza sobre os juros no Brasil e nos Estados Unidos e a desaceleração mais forte do que o esperado da inflação de outubro. À primeira vista, essa combinação parece positiva. Mas o cenário real é bem menos claro. Estamos em um dos momentos mais ambíguos desde o pós-pandemia, e essa falta de direção afeta diretamente empresas, governos e famílias.

A fala do presidente do Banco Central (BC), Gabriel Galípolo, reforçou essa percepção. Ele afirmou que “todo mundo pode brigar com o Banco Central; o Banco Central é que não pode brigar com os dados”, lembrando que nenhum mês de 2025 ficou dentro da meta e reafirmando o compromisso do BC com a convergência da inflação. Ou seja, não haverá pressa para cortar juros. Ao mesmo tempo, o Federal Reserve segue enviando sinais mistos, ampliando a volatilidade global e deixando o mercado sem uma bússola clara.

O IPCA de outubro avançou apenas 0,09%, o menor resultado para o mês em quase três décadas, acumulando 4,68% em 12 meses. Apesar do alívio, Galípolo ressaltou que o dado isolado não altera o quadro estrutural: serviços continuam pressionados, núcleos seguem resistentes e as expectativas permanecem desancoradas. Há uma trégua, mas não uma virada de tendência.

E o que esperar de novembro e dezembro? Historicamente, são meses de pressão. Entre 2022 e 2024, novembro variou entre 0,28% e 0,41%, enquanto dezembro sempre ficou entre 0,52% e 0,62% — um padrão típico de fim de ano, marcado por viagens, serviços e maior consumo. Mas 2025 tem fugido completamente dessa lógica. Vários meses vieram mais fracos que o normal, houve deflação em agosto e outubro praticamente zerou. Isso revela perda de força da demanda: crédito caro, endividamento elevado e renda real contida. Assim, novembro e dezembro deste ano podem surpreender para baixo, com leituras mais próximas de 0,20% a 0,40%, abaixo do padrão histórico. A inflação pode até terminar dentro da banda da meta, mas isso, por si só, não abre espaço automático para cortes de juros, o BC olha os fundamentos, não apenas o número cheio.

Diante desse quadro, o cenário-base para 2026 continua sendo o de juros estáveis no início do ano, inflação convergindo lentamente e crescimento modesto. Nem recessão, nem aceleração: apenas um ritmo fraco, porém sustentado. Há um cenário otimista: se o Fed iniciar cortes suaves e o governo brasileiro entregar sinalização fiscal robusta, a Selic pode começar a cair entre março e junho. Mas isso depende de decisões que ainda não foram tomadas. O cenário adverso permanece no radar: deterioração fiscal, dólar pressionado e nova rodada inflacionária podem manter os juros altos durante todo o ano.

Para empresas, 2026 exigirá eficiência e margem. Para famílias, cautela com crédito. Para governos, responsabilidade absoluta. Será um teste de maturidade econômica, e quem interpretar o cenário antes dos outros estará um passo à frente.

CASHBACK DE IMPOSTOS

Efeito varia entre as regiões do país

Benefício vai contemplar os mais pobres com a devolução de tributos; impacto será maior no Centro-Oeste, Sul e Sudeste

Bruno de Freitas Moura
Agência Brasil

O chamado *cashback* de impostos — novidade criada pela reforma tributária que estabelece a devolução de tributos pagos pela pessoas mais pobres — deve ter impactos distintos na renda dessa parte da população, dependendo da região do país em que o contribuinte reside.

O benefício pode elevar a renda das famílias mais pobres em 10% em média, sendo que as regiões Centro-Oeste (12%), Sudeste (11%) e Sul (10,1%) terão expansões maiores que as do Norte (8,32%) e Nordeste (7,76%).

No entanto, a medida não deixa de ser um instrumento de combate à desigualdade de renda. Os cálculos e a avaliação estão em um estudo dos pesquisadores Rafael Barros Barbosa, Glauber Nojosa e Francisco Mário Martins, publicado pelo Instituto Brasileiro de Economia (Ibre) da Fundação Getulio Vargas (FGV).

A explicação para a diferença entre as regiões está no nível de consumo das famílias. Como o Norte e Nordeste têm rendas e consumos menores, eles são menos beneficiados que as famílias das demais regiões.

Quem tem direito?

A reforma tributária, sancionada em janeiro de 2025, criou o *cashback* como forma de tornar o sistema de



Foto: Carlos Rodrigo

Novidade implantada pela reforma tributária para reduzir desigualdades deve aumentar a renda das famílias inscritas no Cadastro Único em 10%, em média

cobrança de impostos mais progressivo, ou seja, fazer os pobres pagarem, proporcionalmente, menos impostos que os mais ricos.

Por exemplo, o imposto cobrado na conta de água é o mesmo para todos os consumidores, mas pesa bem mais no orçamento de uma família

mais pobre. Com o *cashback*, esse valor pago é devolvido aos mais pobres, fazendo com que tenham um alívio tributário não estendido às demais famílias.

Por isso, um dos critérios para ser elegível ao *cashback* é estar inscrito no Cadastro Único para Programas

Sociais do Governo Federal (CadÚnico), que admite renda mensal por pessoa na família de até meio salário mínimo. Hoje, o mínimo é de R\$ 1.518, e o CadÚnico tem quase 95 milhões de inscritos.

De quanto é?

O *cashback* é de 100% do

valor pago em Contribuição sobre Bens e Serviços (CBS) e de 20% do Imposto sobre Bens e Serviços (IBS), presentes na compra de bens e serviços considerados essenciais, como nas contas de água e esgoto, energia, telefonia, internet e gás de cozinha.

Para os demais produtos

consumidos por essas famílias, o ressarcimento é de 20% do CBS e do IBS. Essas duas siglas são a nova nomenclatura de tributos que foram unificados (ICMS, ISS, IPI, PIS e Cofins) pela reforma.

A previsão é o *cashback* de CBS começar em 2027; e a do IBS, em 2029.

Famílias do Norte e do Nordeste têm menor nível de consumo

O pesquisador Rafael Barros Barbosa, professor de economia aplicada na Universidade Federal do Ceará (UFC), detalha que famílias do Norte e Nordeste têm menor renda e, consequentemente, menor nível de consumo — dessa forma, a devolução de imposto também acaba sendo menor que nas demais regiões.

“O pobre no Nordeste consome menos que um pobre no Sudeste e um pobre no Sul. Isso é um fato. Não tem muito como a gente contrariar quando a gente olha os dados”, afirma.

Para medir o comportamento de consumo das famílias, os pesquisadores utilizaram dados da Pesquisa de Orçamento Familiar (POF), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O pesquisador ainda aponta outro fator: a informalidade, maior no Norte e

Nordeste.

Essas famílias gastam no comércio informal valores proporcionalmente maiores que no Sudeste, por exemplo. No entanto, o *cashback* só pode ser apurado em compras formais, com emissão de nota fiscal.

“Tal fato pode excluir grande parte do consumo de famílias de baixa renda, realizado em comércios informais, como feiras livres, vendedores ambulantes ou pequenos negócios não regularizados, que são cruciais no cotidiano da população de menor poder aquisitivo nessas regiões mais pobres”, destaca trecho do estudo.

Com informações do IBGE, os autores apontam que, enquanto a taxa de informalidade no país era, em média, 40,9% da população em 2022, no Norte e no Nordeste, era 60,1% e 56,9%, respectivamente.



Foto: Júlio César Pires

Gastos com o comércio informal não geram cashback, pois ele será apurado com a emissão de nota

Estímulo à formalidade

Rafael Barbosa acredita que um dos efeitos da reforma tributária será justamente diminuir a informalidade no

país. O motivo é que a reforma determina que uma empresa, para se beneficiar dos créditos tributários, deverá ter fornecedores legalizados.

Isso forçaria uma formalização da cadeia de produção, da matéria-prima ao bem final.

“Com esse procedimento em cadeia, isso força que o

agente, lá na ponta, obrigue que seus fornecedores sejam formais”, argumenta.

Outro incentivo viria pelo interesse das próprias famílias, que tenderiam a dar preferência para fazer compras em estabelecimentos formais para receber *cashback*.

“A pessoa pobre pode ter duas opções: ou compra no mercado informal, onde não vai ter *cashback*, ou em um mercado formal, onde vai ter o *cashback*”.

■ **Empresas precisam de fornecedores legalizados para que se beneficiem do crédito tributário**

Ferramenta amplia a distribuição de renda

Apesar da diferença regional, os pesquisadores do Ibre/FGV reforçam que o *cashback* tributário é uma ferramenta que favorece a melhor distribuição de renda. “O que a gente mostra é que, no geral, olhando do ponto de vista nacional, o *cashback* vai aumentar a renda da população mais pobre [em] aproximadamente 10%, então haverá uma redução da desigualdade”, constata o pesquisador Rafael Barbosa.

■ **Pesquisadores defendem que essa estratégia pode ser mais efetiva que a isenção linear de impostos, como a desoneração da cesta básica**

O pesquisador do Ibre acrescenta que política direcionada, como o *cashback*, pode ser mais efetiva que isenção linear de impostos, como a desoneração da cesta básica, outro item da reforma tributária.

“*Cashback* é um dinheiro que retorna para um grupo específico de pessoas. Já a isenção não distingue classes sociais. Seja eu pobre ou não pobre, se eu for no supermercado comprar esse item, eu vou me beneficiar”.

Sem pressão de migração

O professor da Universidade Federal do Ceará não espera que a diferença de aumento de renda entre as regiões possa intensificar a migração interna no país.

“O efeito é muito pequeno para forçar uma migração. A migração, em geral, é por questões mais de oportunidade de trabalho, e não necessariamente para ter acesso a um benefício maior”, avalia.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE MORFOLOGIA
COMUNICADO DE FALECIMENTO DE
PESSOA NÃO IDENTIFICADA

O Instituto de Polícia Científica do estado da Paraíba comunica que se encontra nas dependências do Núcleo de Medicina e Odontologia Legal, NUMOL, da cidade de João Pessoa PB, um corpo não reclamado que em vida pertencera ao nacional, José Gonçalves de Araújo, registrado sob o exame pericial número: 030101062025023039; NIG 2025-8230, sexo masculino, cor parda, cabelos grisalhos e encaracolados, estatura 160cm, sem sinais particulares. Falecido em 18/06/2025 no Hospital Padre Zé, na cidade de João Pessoa - PB. Informações adicionais estão disponíveis no NUMOL, sito à Rua Antônio Teotônio S/N. Bairro do Cristo Redentor da cidade de João Pessoa PB.

Prof. Dr. André de Sá Braga Oliveira

Professor de Anatomia Humana da UFPB
Comissão de Captação de Corpos da UFPB
MATRICULA SIAPE 1157337

PROGRAMA CELSO FURTADO

Secties promove aprendizado coletivo

Projeto transforma óleo de cozinha em sabão, vela, tinta e até biodiesel, unindo conhecimento e preservação ambiental

Transformar o óleo de cozinha em sabão, velas, tintas e até biodiesel é o ponto de partida do Cicla-Óleo, projeto do Programa Celso Furtado, desenvolvido pela Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties). A iniciativa une estudantes, professores e comunidades em torno de práticas sustentáveis que mostram como o conhecimento científico pode gerar impacto social e ambiental. Nesta semana, em que se relembra o aniversário de morte de Celso Furtado, no próximo dia 20 de novembro, o projeto será tema da segunda reportagem na série especial sobre sustentabilidade e a COP30, produzida para o jornal **A União**, que apresenta ações da Paraíba conectadas à agenda global do clima.

Com atividades realizadas em escolas, universidades, associações de moradores, ONGs e programas de educação de jovens e adultos, o projeto aposta em uma combinação simples e eficaz: levar informação e experimentação prática so-

bre o impacto ambiental do óleo residual de fritura e as possibilidades de reaproveitamento desse material.

O projeto começa com atividades onde estudantes e professores explicam os impactos do descarte incorreto do óleo de cozinha. A partir daí, são promovidas oficinas em que os participantes aprendem, na prática, a transformar o óleo usado em novos produtos. Essas oficinas são conduzidas por estudantes universitários e técnicos parceiros, criando um espaço de aprendizado coletivo.

“Pode parecer invisível, mas o óleo residual de fritura é um grande problema ambiental. O Brasil produz mais de nove bilhões de litros de óleo vegetal por ano, mas menos de 10% desse volume retorna à indústria para ser reutilizado. E um único litro de óleo é capaz de contaminar 25 mil litros de água”, explicou o professor Jailton Ferrari, do departamento de química da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), coordenador do projeto.

O dado impressiona



Fotos: Arquivo pessoal

Atividades são realizadas em escolas, universidades, associações de moradores, ONGs e programas de educação de jovens e adultos

pelo impacto silencioso. Segundo Jailton, este é o ponto de partida do projeto: dar visibilidade a um problema pouco discutido e mostrar que o óleo, antes de ser um resíduo, é também uma matéria-prima importante. “A maior parte desse óleo é simplesmente descartada na natureza, o que causa danos sérios ao meio ambiente. Queremos mostrar que ele pode ser reaproveitado para produzir sabão ecológico, velas, tintas recreativas, rações e até biocombustíveis”, completa.

Cada oficina realizada funciona como um espaço de diálogo entre universidade e comunidade, onde estudantes compartilham o que aprendem em sala de aula. “Os estudantes são o

coração do Cicla-Óleo. São eles que dialogam, capacitam e aprendem com as pessoas. Essa troca fortalece a formação cidadã e humanitária deles, porque viver fora dos muros da universidade é uma das formas mais transformadoras de aprendizado”.

Em muitos casos, o projeto ultrapassa o caráter educativo e alcança o campo econômico. As oficinas de velas artesanais, por exemplo, têm despertado o interesse de grupos de mulheres em comunidades e associações locais. “As velas chamam atenção porque são bonitas, sustentáveis e podem gerar renda. Às vezes, viram presentes; outras vezes, uma nova fonte de trabalho”, conta o professor.

Além das oficinas voltadas ao público adulto, o Cicla-Óleo também criou atividades específicas para crianças e adolescentes. Em ações realizadas com grupos de escoteiros e escolas públicas, o projeto ensina de forma lúdica o que acontece quando o óleo é descartado incorretamente e como ele pode ser reaproveitado.

“O Cicla-Óleo é uma forma de mostrar que o desenvolvimento sustentável não é apenas um conceito distante. Ele pode nascer dentro das comunidades, com base na educação, no engajamento e na ciência”, reforça Jailton. Segundo ele, o apoio do Programa Celso Furtado foi essencial para dar fôlego às ações e garantir o envolvimento estudan-

til. “O programa nos encontrou e nos alavancou. Sem ele, seria difícil manter a continuidade e o alcance que temos hoje”.

Ação

Brasil produz mais de nove bilhões de litros de óleo vegetal por ano, mas menos de 10% desse volume retorna à indústria para ser reutilizado



Atividades são realizadas em escolas e associações de bairros

Desenvolvimento baseado em ciência, criatividade e inclusão

Criado pela Lei Estadual nº 12.056/2021, o programa tem fortalecido a pesquisa científica e a educação pública em todas as regiões do estado, estimulando soluções que nascem dentro das universidades, mas se expandem para a sociedade.

Para o professor e pesquisador Cidival Morais de Sousa, consultor do Programa Celso Furtado e estudioso da área de Desenvolvimento Regional na UEPB, a importância do programa está em promover uma nova forma de pensar o desenvolvimento com base em ciência, criatividade e inclusão. “O Programa Celso Furtado contribui para o desenvolvimento da Paraíba ao fortalecer a educação e a pesquisa, estimular a inovação, interiorizar o conhecimento, gerar impacto social sustentável e formar novas gerações de pesquisadores. Ele traduz a visão de Celso Furtado de que desenvolvimento regional exige ciência, criatividade e inclusão”.

Essa perspectiva reflete-

-se nos projetos apoiados, especialmente nos que tratam de temas ambientais. Cidival explicou que o programa estimula pesquisas voltadas à sustentabilidade e à adaptação climática, conectando-se diretamente aos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU, especialmente os que tratam de energia limpa, uso sustentável da biodiversidade e redução das desigualdades regionais.

O professor enfatizou que o pensamento de Celso Furtado é muito atual diante da crise climática. Ele destacou que o economista paraibano foi um dos primeiros a alertar sobre os limites ecológicos do modelo de desenvolvimento tradicional. “Celso Furtado antecipou o debate sobre justiça ambiental e sustentabilidade ao defender que não há desenvolvimento verdadeiro sem equilíbrio entre as dimensões econômica, social, ambiental e cultural”, afirma. “Sua valorização da Caatinga, da bioeconomia e da

ciência como instrumentos de soberania nacional mostra que o Semiárido pode ser reinterpretado como território de inovação e futuro”, completou.

Sobre o programa

Criado pela Lei nº 12.056, de 15 de setembro de 2021, o Programa Celso Furtado é uma iniciativa da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties) que incentiva estudantes e professores a desenvolver pesquisas e projetos voltados à realidade paraibana. Inspirado no pensamento do economista Celso Furtado, o programa busca integrar educação, território e sustentabilidade, aproximando ciência e desenvolvimento regional de forma prática e transformadora.

O programa tem como objetivo fortalecer o estudo da obra e das ideias de Celso Furtado, estimulando soluções criativas que contribuam para o desenvolvimento humano, social

e econômico da Paraíba. Alinhado aos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 da ONU, o programa está aberto à participa-

ção de alunos e professores da Educação Básica, do Ensino Superior público e do sistema prisional, com foco em cinco eixos temáticos: mudanças cli-

máticas, educação e cultura, combate à fome e às desigualdades, diversidade e inclusão, e valorização da Caatinga e das energias renováveis.



Professor e pesquisador Cidival Morais é consultor do projeto em desenvolvimento

CAATINGA

Aumento do calor afeta fauna e flora

Aquecimento global causa desertificação no bioma, degradando o solo e levando à perda de biodiversidade

Carolina Oliveira
marquesdeoliveira.carolina@gmail.com

Com temperaturas 1,42 °C acima da média pré-industrial verificadas de janeiro a agosto, 2025 deve se tornar o segundo ou terceiro período mais quente dos últimos 176 anos, de acordo com a Organização Meteorológica Mundial (OMM). Apesar do pequeno recuo em relação a 2024, em que o aumento médio — recorde na série histórica —, ficou em 1,55 °C, os dados ainda corroboram a tendência de aquecimento global, que vem se intensificando na última década, e afeta diversos biomas.

Na Caatinga, o processo de desertificação é a principal preocupação ambiental, e a redução da cobertura florestal, degradação do solo e perda de biodiversidade são fenômenos observados, de acordo com os pesquisadores do Observatório da Caatinga e Desertificação. Torna-se também menor, por consequência, a capacidade de fornecimento de serviços ecossistêmicos importantes para a manutenção do clima.

Geógrafo e professor do Departamento de Geociências da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Bartolomeu Israel de Sousa explica que tanto o solo quanto a vegetação são afetados negativamente pelas temperaturas mais altas. “A fertilidade do solo é atingida, já que os organismos microscópicos e macroscópicos nele presentes podem ter suas populações significativamente reduzidas, ou até mesmo extintas, em determinadas áreas”, afirma.

Além disso, as temperaturas elevadas acabam fazendo com que muitas sementes que estão no solo não consigam germinar, já que as taxas de germinação podem ser superadas com essa mudança de clima. “Toda semente tem um limite para germinar, que está diretamente relacionado às temperaturas do solo. No caso de um aumento muito elevado, comprometem-se principalmente aquelas sementes mais sensíveis — como a aroeira [*Myracrodruon urundeuva*] e a baraúna [*Schinopsis brasiliensis*] — e pode ocorrer uma diminuição da presença de espécies vegetais. Consequentemente, diminui a recuperação espontânea de áreas em degradação, por exemplo, pelo desmatamento”, detalha.

Na região do Cariri paraibano, geotermômetros, que são medidores de temperatura do solo, estão instalados desde 2020. Os dados são co-

■ Em áreas desmatadas, a temperatura é mais alta, o que afeta a recuperação do solo e a fertilidade, segundo pesquisador

letados de hora em hora. “A gente percebe que, em áreas com cobertura vegetal preservada, acaba sendo favorecida uma temperatura do solo menos elevada; por conseguinte, a preservação, tanto do solo quanto da vegetação existente, fica mais garantida”, analisa Bartolomeu.

O contrário também é verdadeiro: de acordo com os achados do pesquisador em Geociências, nas áreas monitoradas pelos termômetros e afetadas pelo desmatamento, as temperaturas aferidas são bem mais altas. Com isso, a recuperação espontânea dessas áreas também fica comprometida.

Outro elemento afetado diretamente pelo aumento das temperaturas do ar e do solo é a dinâmica das chuvas. “Mesmo que os padrões de chuva não sejam modificados e a quantidade continue a mesma, como o aumento da temperatura afeta os processos de evapotranspiração, pode acontecer a diminuição da quantidade de água de chuvas que chega ao solo”, comenta o professor.

Isso é detectado a partir do cálculo do índice de aridez, que divide a precipitação pela evapotranspiração. “No caso de muitas áreas da Paraíba, o que a gente percebe, utilizando trabalhos com sensoriamento remoto, é que o índice tem aumentado, o que afeta não a quantidade das chuvas em si, mas o quanto delas chega e fica em retenção no solo. Consequentemente, o padrão de umidade destes solos também diminui”, aponta Bartolomeu. Ele acrescenta, ainda, que, com o aumento do índice de aridez, não só a vegetação nativa e a fauna local, mas as atividades econômicas são também afetadas, em especial a agropecuária.



Outras consequências das mudanças climáticas são a alteração nos processos de evapotranspiração e a diminuição da quantidade da água da chuva que é retida pela terra

Fotos: Divulgação/Semas

Mesmo adaptados à seca, animais sofrem

A fauna silvestre da Caatinga desenvolveu, evolutivamente, uma série de estratégias para sobreviver ao clima semiárido, marcado pelo calor extremo, pela seca prolongada e pela escassez de água. “Essas adaptações envolvem alterações que podem ser observadas nas diversas espécies e incluem, além das mudanças adaptativas frente ao calor extremo, a economia de água e energia, e estratégias ligadas ao ciclo da seca e da chuva”, explica o biólogo e gerente-executivo de Fauna Silvestre da Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Sustentabilidade (Semas), Juan Diego Mendonça.

Muitas espécies evitam o período de maior calor, sendo mais ativas ao amanhecer, ao entardecer ou à noite. É o caso do tamanduá-mirim (*Tamandua tetradactyla*), do veado-catingueiro (*Subulo gouazoubira*) e de serpentes, como a jiboia (*Boa constrictor*). “Outras espécies buscam refúgio em micro-

-hábitats mais frescos, como tocas e áreas sombreadas, para minimizar a exposição solar, como fazem o tatu-peba [*Euphractus sexcinctus*], o preá [*Galea spixii*] e o teiú [*Salvator merianae*]”, informa Mendonça.

Em um ambiente onde a água é escassa, algumas espécies apresentam baixa taxa metabólica, reduzindo o gasto energético e a perda de água, de acordo com o gerente-executivo da Semas. O calango-verde (*Ameivula ocellifera*) é uma delas. Outras obtêm a maior parte da água necessária diretamente de seus alimentos: o mocó (*Kerodon rupestris*), por exemplo, consome vegetação suculenta para se manter hidratado. Há ainda espécies que acumulam gordura, como o jabuti-piranga (*Chelonoidis carbonarius*), que pode convertê-la em água durante a estiagem.

Em secas extremas, algumas espécies entram em estivação, um tipo de dormência uti-

lizada para poupar energia. Isso ocorre com a perereca-de-buraco (*Scinax x-signatus*). “Além disso, muitas espécies sincronizam sua reprodução com o período chuvoso, quando há mais alimento disponível para os filhotes, a exemplo do sapo-cururu [*Rhinella jimi*] e da ave jacu-verdadeiro [*Penelope superciliaris*]”, conta Mendonça.

As diversas adaptações demonstram a resiliência da fauna da Caatinga frente à intermitência climática e temporal. “Contudo, a intensificação das mudanças climáticas e a degradação dos habitats naturais têm colocado novas pressões sobre essas espécies, ameaçando sua sobrevivência e exigindo ações urgentes de conservação”, afirma o especialista.

Os efeitos do calor associados com a seca prolongada têm impactado a fauna silves-

tre, sobretudo os indivíduos jovens ou idosos, interferindo no conforto térmico e alterando seus comportamentos naturais. “Diante da escassez de água e alimento, muitos indivíduos estão sendo observados cada vez mais próximos das áreas urbanas e dos condomínios rurais, em busca de recursos que já não encontram com facilidade nos seus ambientes naturais”, ressalta Juan Diego.

Além de representar um sinal claro do desequilíbrio ambiental, esses deslocamentos evidenciam o quanto a fauna tem sido pressionada pelas mudanças climáticas e pela redução de seus habitats. Os animais também acabam expostos ao risco de acidentes, seja por atropelamento, eletrocussão, ou por ataques de animais domésticos, segundo o gerente-executivo da Semas.

A Polícia Militar Ambiental (BPAMb) é responsável pelo atendimento de chamados e resgates em áreas urbanas, sobretudo quando os animais se deslocam para locais habitados por humanos. O Corpo de Bombeiros tem atuado em resgates emergenciais, especialmente em situações de risco, como quando os bichos ficam presos em estruturas urbanas (como canos, fiações ou árvores), estão feridos ou apresentam ameaça à segurança pública.



Estratégias para sobreviver: tatu-peba vive em locais frescos; jacu reproduz-se no período chuvoso

Populações de répteis e anfíbios estão ameaçadas de redução

Alguns animais respondem à temperatura para regular o desempenho de diversas funções biológicas. Biólogo e pesquisador da Coleção Herpetológica da UFPB, Daniel Mesquita participa de estudos com anfíbios e répteis, especialmente na Caatinga. Ele relaciona os efeitos das mudanças climáticas sobre as populações desses ani-

mais com o fato de que eles são ectotérmicos — a temperatura corporal depende da ambiental. “Eles têm um intervalo ideal de temperatura de funcionamento, como qualquer organismo. Diferentemente dos mamíferos, por exemplo, que fazem a regulação de temperatura corpórea com o metabolismo”, detalha.

Um réptil ou um anfíbio não

consegue ficar ativo todo o tempo. Daniel explica que, fora do intervalo de temperatura ideal, atividades como a alimentação, a busca por parceria para reproduzir e a reprodução em si deixam de acontecer. “Em alguns momentos, está muito frio e, em outros, muito quente. Quando a média de temperatura se eleva, eles permanecem ativos por me-

nos tempo”, pontua.

Com isso, esses animais tendem a deixar menos descendentes, o que pode provocar, em médio e longo prazo, a redução das populações e o aumento do risco de extinção. “Pode fazer com que a área de distribuição da espécie mude, e ela não consiga mais ocorrer em locais em que ocorre hoje. O contrário

também pode acontecer, e algumas espécies podem se dar bem com isso”, explica Mesquita.

Os crocodilianos e as tartarugas não têm determinação genética do sexo. Assim, o que define se o organismo é macho ou fêmea não é um cromossomo, mas a temperatura em um determinado momento na incubação dos ovos. Embora isso varie

de espécie para espécie, de maneira geral, temperaturas mais altas produzem fêmeas em tartarugas e machos em jacarés. “O aquecimento pode causar um enviesamento da razão sexual desses animais, embora seja difícil prever se isso acontecerá efetivamente em maior proporção”, pondera o pesquisador da UFPB.

GUILHERME SOARES

Exemplo de superação

Nadador paraibano, de apenas 16 anos, é uma das esperanças de medalha nas Paralimpíadas Escolares, que começam amanhã, em São Paulo, e serão concluídas no dia 29 de novembro

Camilla Barbosa
acamillabarbosa@gmail.com

O paraibano Guilherme Soares começou a praticar natação aos seis anos, por orientação médica, como forma de melhorar as condições respiratórias. Hoje, aos 16 anos e cursando o 2º ano do Ensino Médio, ele concilia os estudos com os treinos da modalidade esportiva, sendo um dos principais nomes dela em nível local. Ele é também uma das esperanças de medalhas para a delegação estadual que participará das Paralimpíadas Escolares 2025, a partir de amanhã, em São Paulo. Ele já conquistou 78 medalhas no paradesporto, sendo um dos mais laureados nas disputas representando a Paraíba. Ele compete na classe S6, categoria C, com maior comprometimento físico.

Quase uma década já se passou desde que o garoto entrou pela primeira vez na piscina. De lá para cá, muito conhecimento e experiência foram acumulados, o que propiciou sua evolução dentro e fora d'água.

“No começo, minha técnica na natação não era das melhores, porque eu tentava imitar os atletas da natação convencional, fazer as braçadas e pernadas, só que aí, quando Mazinho, meu professor, começou a ser meu treinador, sugeriu que eu parasse de tentar imitar, fazer braçada, e só continuasse a perna, porque era algo que me cansava e que não estava tendo muita eficiência. Então essa foi a primeira melhora que eu tive”, explica.

Ao falar sobre sua trajetória e a forma como encara os desafios do dia a dia, o atleta relembra como se deu seu processo de adaptação. Ele conta como aprendeu, aos poucos, a lidar com os desafios do dia a dia e a conquistar sua independência.

“Desde pequeno, sempre precisei da ajuda dos meus pais, mas, com o tempo em que fui crescendo, fui criando adaptações para conseguir vestir a roupa, tomar banho, coisas do tipo. Eu consegui me adaptar a isso e fazer as coisas sozinho. Tanto é que a maioria das coisas, hoje, eu faço sozinho. Mas são obstáculos que cada pessoa vai ultrapassando. Não só o pessoal com deficiência, mas também as pessoas sem deficiência”, destaca.

Mesmo ainda dando seus primeiros passos na carreira, o jovem paratleta já projeta os próximos passos dentro e fora das piscinas. Além de seguir competindo, ele pretende ampliar sua atuação no esporte por meio da formação acadêmica.

“Quero continuar no esporte até onde eu puder, competindo, mas, para ficar ainda mais perto disso, eu quero cursar Educação Física, para me tornar técnico também e ajudar outras pessoas com deficiência a ingressar, não só na natação, mas para ajudar em outros esportes”, pontua o paraibano.

Para Mazinho, técnico de Guilherme há quase quatro anos, o esforço do esportista é

fundamental para seu desempenho notável. “Nós nadamos todos os dias. O Guilherme é uma pessoa assídua. Ele é dedicado. Ele é um grande atleta. Você passa o exercício, pode sair que ele faz. Isso é bom para o técnico, isso é bom para todo mundo. Geralmente, nos paraescolares são cinco provas e ele participa de todas as cinco; isso é muito importante”, afirma.

Paradesporto

O professor ainda faz uma avaliação positiva sobre o momento do paradesporto paraibano. Segundo ele, o esforço coletivo, entre famílias e entidades públicas, é fundamental para que as modalidades se fortaleçam no cenário estadual.

“Tem melhorado muito. Eu posso dizer assim, sem erro, já que estou desde o início. Agora, tem que ter ajuda. Desde a família, até a ajuda de uma maneira geral, como o Estado tem ajudado muito. O lado



Guilherme, ao lado do técnico Mazinho, já conquistou diversas medalhas nos Jogos Paraescolares e vai em busca de ampliar a sua coleção, em São Paulo

empresarial não despertou ainda. Mas temos boas perspectivas, sobretudo no paraescolar, porque, na região do Nordeste, nós estamos entre os três primeiros”, afirma.

Paralimpíadas Escolares 2025

A Paraíba terá a chance de melhorar ainda mais sua performance no paradesporto por meio das Paralimpíadas Escolares 2025, que começam no dia 17, no Centro de Treinamento Paralímpico, em São Paulo. A competição, organizada pelo Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) e pelo Ministério do Esporte, contará com a participação de pessoas com deficiência física, visual e intelectual, com idade mínima de 11 anos (nascidos em 2014) e máxima de 18 anos (nascidos em 2007), das 27 unidades da Federação.

A programação, que conta com 15 modalidades esportivas, será dividida em dois períodos: no primeiro bloco, de 17 a 22 de novembro, serão realizadas as provas de atletismo, basquete 3x3 em cadeira de rodas, futebol de cegos, golbol, halterofilismo, taekwondo, tênis em cadeira de rodas e rúgbi em cadeira de rodas; já de 24 a 29 de novembro, será a vez do badminton, bocha, futebol PC, judô, natação, tênis de mesa e voleibol sentado.

Na edição de 2024, o evento recebeu mais de dois mil atletas em idade escolar, dos 26 estados e do Distrito Federal, em competições de 13 modalidades. Na ocasião, a delegação paraibana conquistou 104 medalhas, sendo 60 de ouro, 24 de prata e 20 de bronze. Desta vez, o grupo estadual contará com 154 pessoas (considerando atletas, estafes, dirigentes, enfermeira e fisioterapeuta), sendo o nadador Guilherme Soares, que compete na categoria S6, uma das esperanças de medalhas.



COPA DE 2026

França vai em busca da terceira final

Seleção garante-se na maior competição pela oitava vez consecutiva, sendo a primeira vez em solo americano

A França está a caminho da América do Norte. Ausente da Copa do Mundo Fifa de 1994, realizada em solo americano, Les Bleus não perderam a oportunidade de cruzar o Atlântico desta vez.

Graças à vitória sobre a Ucrânia por 4 a 0 no Parc des Princes, em Paris, na última quinta-feira (13), eles garantiram sua vaga em 2026, que será realizada no Canadá, nos Estados Unidos e no México. Campeã na Rússia em 2018 e vice no Catar em 2022, a França competirá na competição mais prestigiosa do mundo pela oitava vez consecutiva e pela 17ª vez no geral.

Para garantir sua vaga na competição mundial do ano que vem, os Bleus dominaram o Grupo D e se classificaram com uma rodada de antecedência. Eles venceram quatro dos cinco jogos, marcando nove gols e sofrendo apenas três, com o único ponto perdido vindo de um empate em 2 a 2 fora de casa contra a Islândia.

Os comandados de Didier Deschamps puderam contar com um Kylian Mbappé em grande fase para garantir a classificação. Depois de marcar contra a Islândia em 9 de setembro, o capitão da França ultrapassou Thierry Henry (51 gols) no ranking dos maiores artilheiros da história dos Bleus. Com 55 gols, ele agora está em próximo do recorde de 57 gols de Olivier Giroud e pode até mesmo superá-lo se tiver mantiver seu excepcional rendimento em Copas do Mundo.

A campanha de classificação também contou com o de Florian Thauvin à Seleção Francesa. O campeão da Copa do Mundo de 2018 fez um retorno bem-sucedido após uma ausência recorde de 77 jogos, marcando um gol magnífico contra o Azerbaijão em 10 de outubro. Na mesma partida, outro jogador se destacou: Hugo Ekitike teve uma atuação muito promissora em sua primeira partida como titular pela seleção.

A Copa do Mundo de 2026 verá a Seleção Francesa competir no prestigioso torneio pela 17ª vez em sua história. Sonhando em jogar a final do Mundial pela terceira edição seguida, o igualaria um recorde firmado pela Alemanha na década de 1980.

Os Bleus voltaram ao topo do mundo na Rússia 2018, depois de vencerem a Croácia com tranquilidade na final, 20 anos após seu primeiro triunfo em casa.

Além de vivenciar a emoção de sucessos triunfantes, a Seleção Francesa também desfruta de grandes momentos desde sua primeira participação em 1930. Na Suécia 1958, ela chegou ao pódio, carregada por um estratosférico Just Fontaine: o atacante do Stade de Reims marcou 13 gols naquela edição, um recorde que permanece até hoje.

A França de Michel Platini também deixou sua marca ao terminar em quarto lugar na Espanha em 1982 e em terceiro no Brasil em 1986. Em 2006, sob a influência de um Zinedine Zidane no auge de sua forma, mas expulso nos minutos finais do torneio na Alemanha, os Bleus foram à final, sendo derrotados pela Itália no final da noite.



Foto: Divulgação/Fifa

Jogadores franceses comemoram mais um gol na vitória de 4 a 0 sobre a Ucrânia, na última quinta-feira (13), no Parc des Princes, pelas Eliminatórias da Copa

FLAMENGO X PALMEIRAS

Mais de 80% dos ingressos vendidos para a decisão

Agência Estado

Uma partida histórica. É dessa maneira que Alejandro Domínguez, presidente da Conmebol, está classificando a atual decisão da Copa Libertadores, que vai apontar o primeiro time brasileiro a vencer o principal torneio sul-americano quatro vezes. O troféu, que vai estar em disputa em Lima, na capital do Peru, será disputado por Palmeiras e Flamengo no dia 29 deste mês.

Em entrevista ao programa peruano La rotativa del Aire Domínguez comentou que existe interesse de outros continentes em sediar as próximas finais do principal torneio da América do Sul

‘É verdade que existe demanda internacional, porque muitos países querem sediar esta partida. Existe o interesse, mais ainda não se iniciou uma discussão séria (sobre o tema), comentou o mandatário.

Satisfeito pelo sucesso da edição atual, Domínguez garantiu que a distância da capital peruana para o Brasil não deverá ser empecilho para que o estádio Monumental fique esvaziado.

NEYMAR

Edmilson não vê o jogador como titular, se for à Copa

Agência Estado

Sem uma vaga confirmada na Copa do Mundo de 2026, a falta de uma convocação de Neymar para a competição mundial continua nos holofotes do futebol. Desde que Carlo



Foto: Adriano Fontes/Flamengo

Flamengo e Palmeiras vão fazer, pela segunda vez, a final da Copa Libertadores, no dia 29 de novembro, agora no Peru

lho para que o estádio Monumental fique esvaziado. “Hoje temos mais de 80% dos ingressos vendidos para o estádio. Isso significa que teremos pelo

menos 60 mil pessoas presentes. Vai ser uma partida histórica”, comentou. Esta não vai ser a primeira vez que o estádio peruano será palco de uma

decisão em jogo único da Libertadores. Em 2019, na primeira edição com este novo formato, o Flamengo ficou com a taça ao derrotar o River Plate pelo placar

de 2 a 1. Na ocasião, a equipe carioca obteve a virada com dois gols de Gabigol, que foram assinalados aos 44 e aos 47 minutos do segundo tempo.

Anelotti assumiu o comando da Seleção Brasileira, o atacante do Santos não foi chamado. Durante um evento realizado na última quarta-feira (12), o ex-jogador Edmilson elogiou o camisa 10 do Santos, mas afirmou à TNT Sports que ele terá

que “ser humilde e reconhecer que possivelmente vai ficar no banco, não vai entrar direto nos jogos e até ficar de fora de uma ou duas partidas”. O pentacampeão garantiu que se o atacante mantiver a mentalidade de pensar

no melhor “para o grupo”, sua presença será decisiva na conquista de mais uma Copa do Mundo. “O Neymar é um jogador raro de encontrar. Se você olha para o mercado, é difícil encontrar jogadores com o per-

fil dele, mas ele já tem certa idade e teve suas lesões”, opinou o pentacampeão. Edmilson ainda declarou que a imprensa não deve pedir a entrada do titular do Santos se “o jogador que estiver na posição dele for melhor”.

ESTATÍSTICA

Denílson é recorde como substituto

Levantamento feito pela Fifa, em Copas, mostra que o jogador fez 12 partidas, sendo 11 depois de a bola rolar

O relógio se aproximava dos 45 minutos do segundo tempo quando Denílson recebeu a bola pelo lado direito do ataque brasileiro. Acostumado a entrar nos momentos finais da partida, o habilidoso ponta até tinha um caminho para tentar o gol que sacramentaria a vitória. Em vez disso, porém, decidiu dar meia volta depois do primeiro drible.

O que se seguiu foi uma das cenas mais emblemáticas da conquista do pentacampeonato mundial do Brasil na Copa do Mundo da Fifa Coreia do Sul e Japão 2002.

Perseguido por quatro defensores turcos, Denílson arrancou em direção a bandeira

de escanteio, sofreu uma falta e conseguiu segundos preciosos para a Seleção Brasileira avançar para a final. Aquela foi a participação mais marcante de um jogador que se acostumou a sempre ser acionado durante as partidas das duas Copas do Mundo que ele disputou com o Brasil.

Ao todo, Denílson esteve em 12 jogos de Copa do Mundo. Em 11 deles, entrou em campo depois da bola rolar. Esse é o recorde absoluto da estatística.

A única vez que Denílson foi titular em um jogo de Copa do Mundo foi na terceira rodada da fase de grupos de 1998. Já classificado, o Brasil foi a campo com um time

bastante modificado para enfrentar a Noruega. A Seleção acabou superada por 2 a 1, de virada, pelos noruegueses, mas Denílson deu a assistência para o gol de Bebeto.

Aquela foi a primeira das duas participações em gol do atacante em Copas. A outra veio no jogo seguinte, contra o Chile, pelas oitavas de final. Aos 20 do segundo tempo, Denílson entrou no lugar de Bebeto e levou apenas cinco minutos para dar o passe para o gol de Ronaldo, que sacramentou a vitória por 4 a 1.

Essa era uma das principais cartas na manga do técnico Mario Zagallo durante a campanha que terminou no vice-campeonato. Em quatro

dos seis jogos em que Denílson saiu do banco na França, foi Bebeto quem cedeu o lugar a ele.

Em 2002, Luís Felipe Scolari era menos previsível em suas mexidas. Depois de substituir Ronaldinho no decorrer das duas primeiras partidas, contra Turquia e China, Denílson foi acionado outras três vezes para entrar no lugar de outros três jogadores diferentes. Um deles foi muito especial.

Aos 45 minutos do segundo tempo da final da Copa do Mundo, Denílson entrou no gramado do Estádio de Yokohama para a saída de Ronaldo, herói da decisão com dois gols marcados.

Pedro Alves

pedroalvesjp@yahoo.com.br

De Cartaxo para Félix, com carinho

A mim não causa nenhuma estranheza que um quadro do Partido dos Trabalhadores (PT), seja de expressão local, seja de dimensão nacional, tenha boas relações ou até simpatias com grandes empresários brasileiros. Até porque o partido criado por grandes figuras brasileiras foi fundado a partir de uma miscelânea nacional que envolvia clero, intelectuais, trabalhadores, dentre tantos outros grupos importantes do país. Seu líder agora — e há um certo tempo já — maior é Lula, que, na época da fundação do partido, era um sindicalista, acostumado a sentar com empresários para negociar, após greves históricas que o colocaram como um dos protagonistas de um Brasil que buscava novamente a democracia.

Então não há aqui debate moral algum sobre essa relação entre trabalhador e empresário no PT na coluna de hoje, que vai relar no partido de algum modo. Mas o debate aqui não vai ser sobre política. As páginas dessa editoria são da amiga Amanda Gabriel e, pelo menos por hoje, eu não vou me meter lá por aqui. Mas achei um tanto curioso o projeto de lei apresentado pelo deputado estadual novamente petista Luciano Cartaxo que concede o título de cidadão paraibano para o empresário, aparentemente bem-sucedido, Fillipe Félix, atual dono da SAF de um dos clubes de coração do parlamentar, o Botafogo-PB. A proposta foi apresentada e aprovada na semana passada na Assembleia Legislativa da Paraíba.

A surpresa não se dá, como já dito, pela questão política. De o trabalhador Cartaxo propor uma honraria para o empresário Félix. A surpresa é de que, pelo ponto de vista esportivo, a SAF do Belo, comandada pelo mineiro de Caeté — com um “S” no fim seria a cidade pernambucana em que Lula nasceu —, ainda não entregou muito ao estado. Nem à cidade. Nem ao Botafogo-PB. Pelo menos ainda. Até porque, é justo lembrar, o “novo” Belo ainda não tem nem um ano. Félix não estava na formação original da SAF e chegou durante a temporada de 2025. De modo que vai para o seu primeiro ano, de fato, inteiro, caso não perca a vontade, em 2026.

Tudo muito cedo para entregar resultados consistentes e importantes. Assim como me parece cedo para a concessão do título. Mas, claro, isso no tempo de Pedro. No tempo das casas legislativas municipais e estadual da Paraíba, todo tempo é tempo. Para especialistas que são de conceder honrarias que afagam egos muito mais do que homenageiam trajetórias que se envolvem na geografia e no seu povo, talvez seja até tarde a concessão do título para alguém que decidiu investir na Paraíba com seus negócios, e no Botafogo-PB. Talvez seja tudo isso um favor que devemos agradecer diariamente a Félix.

Obrigado, Félix, por gerar vários empregos com a sua empresa no estado. Obrigado, Félix, por investir no Belo. Talvez seja isso que temos que oferecer. Acho, no entanto, tudo isso muito estranho: macaco — praia não —, carro, jornal, tobogã, algumas concessões de títulos de cidadania... eu acho tudo isso um saco. Talvez seja um papo de... trabalhador. Toca Raul!

Foto: João Neto/Botafogo



O empresário Fillipe Félix comanda a SAF do Belo



Denílson era uma das principais cartas na manga do técnico Zagallo durante a campanha do vice-campeonato em 1998

JOGADORES COM MAIS PARTIDAS

■ 1) Denílson – 11 jogos como substituto

■ 2) Oliver Neuville – 9

■ 2) Marcus Rashford – 9

■ 4) Cesc Fabregas – 8

■ 4) Pierre Littbarski – 8

■ 4) Ramires – 8

■ 7) Alessandro Del Piero – 7

■ 7) Mario Gomez – 7

■ 7) Javier Hernandez – 7

■ 7) Klaas-Jan Huntelaar – 7

■ 7) Cobi Jones – 7

■ 7) Roger Milla – 7

■ 7) Haris Seferovic – 7

GEORGE WEAH

Ex-jogador faz apelo à Fifa contra o racismo

Agência Estado

O ex-atacante George Weah fez um apelo para acabar com o racismo no futebol. O ex-atleta realizou a declaração durante sessão de dois dias do Painel da Voz dos Jogadores (PVP) da Fifa, em Rabat, no Marrocos.

George Weah, ex-presidente da República da Libéria, lidera o Painel da Voz dos Jogadores, que é composto por 16 lendas do esporte. O grupo é totalmente comprometido para acabar com o racismo no futebol mundial.

“O que vim fazer aqui é para que o mundo saiba que não há necessidade de racismo. Devemos desfrutar do jogo bonito, caminhar juntos no estádio, cantar juntos e, quando somos derrotados, tentamos novamente. É disso que se trata o jogo, aproveitem”, afirmou o ex-atacante da seleção da Libéria.

“Acho que o importante é esquecermos de xingar uns aos outros, nos abraçarmos e fazermos amigos. É disso que o mundo se trata. Guerra não é boa coisa. O racismo

é uma doença. Não podemos continuar a tolerar o racismo nos espaços públicos, especialmente em campo, onde todos deveriam estar trabalhando juntos, se divertindo juntos. Divirtam-se, aproveitem o que o jogo tem de bom”, prosseguiu Weah.

O evento da Fifa foi presidido por George Weah e contou com a presença do mandatário da entidade, Gianni Infantino. O Secretário Geral da Fifa, Mattias Grafström, a Diretora de Futebol, Jill Ellis, e o Vice-Diretor de Associações Membros, Gelson Fernandes,

juntamente com outros membros da Administração da Fifa, também estiveram presentes no Marrocos.

“Quero agradecer ao presidente da Fifa, Gianni Infantino, por me colocar nesta equipe. Acho importante para o papel que exerço na sociedade. Como ex-jogador de futebol e ex-líder da República da Libéria, minha voz é crucial porque joguei, vivenciei o racismo durante a minha carreira. Então, acho que sou um dos jogadores que estaria em posição de dizer ‘não’ ao racismo”, disse Weah.

“A causa que nos reúne aqui é definitivamente a causa mais importante pela qual precisamos lutar e atacar da maneira certa. E só podemos fazer isso se trabalharmos todos juntos, só em equipe podemos vencer”, acrescentou o presidente da Fifa, Gianni Infantino.

George Weah vestiu na carreira as camisas de Monaco, PSG, Milan, Chelsea, Manchester City e Olympique de Marselha. Ele conquistou o prêmio de Melhor do Mundo da Fifa e a Bola de Ouro no ano de 1995.



Foto: Reprodução/Instagram @george_weah_oficial

George vestiu camisas importantes no futebol mundial

SALTOS ORNAMENTAIS

Atletas disputam duas competições

Doze meninas e um menino paraibanos marcam presença na Copinha Brasil e no Brasileiro Infantil, em Brasília

Camilla Barbosa
facamillabarbosa@gmail.com

A Copinha Brasil e o Campeonato Brasileiro Infantil, que serão realizados de 19 a 23 de novembro, em Brasília, estão sendo aguardados sob rotina intensa de treinamentos por parte dos atletas de saltos ornamentais da Vila Olímpica Parahyba. O grupo, composto por 13 paraibanos (12 meninas e um menino), está na reta final de preparação para os eventos.

O treinador Edmundo Vergara explica que esses são os principais eventos do calendário anual da Confederação Brasileira de Saltos Ornamentais (CBSO), para os quais ele tem treinado o grupo desde o início do ano.

“A gente iniciou todos os treinamentos para as competições do ano inteiro em janeiro. Durante o ano, nós tivemos duas competições: o Campeonato Brasileiro e a Copinha Brasil de Inverno, e agora teremos as mesmas novamente, sendo de verão, as mais importantes. Estamos indo com 13 atletas, na faixa de 7 a 13 anos. Desses 13 atletas, três são do Campeonato Brasileiro C e D, que são categorias que vão até 13 anos; e as outras dez crianças são da Copinha, que vai também até 13 anos, só que numa categoria mais iniciante”, explica ele.

“A gente está no momento de finalizar os treinamentos, haja vista que nós vamos viajar daqui a dois dias. Então, estamos em um período de polimento dos atletas, melhorando um pouco a qualidade técnica deles, mas se a competição, por exemplo, fosse hoje, eles já estariam preparados; ou seja, nós estamos num ritmo muito bom, bastante preparados”, acrescenta o técnico.

Na edição de inverno da Copinha Brasil, realizada em maio, o time paraibano conquistou 38 medalhas, sendo 21 de ouro, nas 24 provas disputadas. A expectativa de Vergara é que o desempenho na edição de verão seja ainda melhor.

“Hoje, nós somos a terceira equipe no Brasil. Ficamos em terceiro lugar no pódio geral no começo do ano, na competição de inverno, e esperamos repetir ou até superar essa marca agora. Até porque, como eu já falei, nós estamos, tecnicamente, bem melhores do que no começo do ano”, afirma ele.

Desempenho anual

Os eventos serão responsáveis por finalizarem a temporada 2025 da modalidade. Vergara analisa positivamente o desempenho anual do grupo até aqui, sobretudo a conquista de um pódio internacional por meio da atleta Maria Emília Gomes Vaz, de 11 anos.

“Em 2025 nós tivemos o Campeonato Pan-Americano Infantil na Colômbia e ainda o Sul-Americano, em setembro, no Rio de Janeiro, onde eu estive com uma atleta e como técnico da seleção. A Emília se tornou campeã Sul-Americana e isso é um motivo de muito orgulho pra gente, porque é uma colocação que nos deixa bastante esperançosos em relação ao nosso trabalho e ao futuro desses atletas”, afirma o treinador.



A delegação paraibana (com os assistentes técnicos), que viaja para Brasília, na próxima terça-feira, para as disputas das duas competições

NATAÇÃO

Feap define as últimas competições da temporada

Da Redação

A cidade de Campina Grande sediará as duas últimas competições paraibanas de natação do ano (o Festival Feapinho e a etapa final do Circuito Paraibano Master de Natação), no dia 6 de dezembro. A novidade foi confirmada pela Federação dos Esportes Aquáticos (Feap) na última quarta-feira (13).

O Festival Feapinho é voltado para nadadores iniciantes, escolinhas e atletas em formação, oferecendo provas de 25 metros em cada estilo, com o objetivo principal de incentivar a base da natação paraibana. Já o circuito Master 2025 reúne atletas adultos e masters de diversas idades.

A Rainha da Borborema vem sendo o cenário de várias competições da entidade durante o ano. No último sábado (8), por exemplo, a cidade sediou o 1º Troféu Kaio Márcio, nova denominação do Campeonato Paraibano Absoluto de Piscina Curta, em homenagem ao grande nadador paraibano homônimo.

A competição, realizada na piscina do Sesi, entrou para a história ao reunir quase 400 atletas, tornando-se a maior competição da natação paraibana nos últimos cinco anos. Para a presidente da Feap, Luciana Rabay, encerrar a temporada lá é também valorizar o município que tem acolhido a modalidade.

“Campina Grande nos entregou o maior campeonato da história recente e segue recebendo nossos eventos até o último dia do calendário. Isso demonstra o quanto a cidade abraça o esporte e fortalece a natação paraibana”, disse ela.

Copa Pacífico

Desde a última segunda-feira (10), a cidade de Cochabamba, na Bolívia, tem sediado a Copa Pacífico,

uma das competições internacionais mais tradicionais da natação sul-americana, realizada anualmente.

A Seleção Brasileira montada exclusivamente para o evento conta com sete paraibanos. Da Vila Olímpica Parahyba, Dayalo Xavier, Levi Diniz, Giordano Macagnan, Luis Vieira, Bruno Paiva, Raycca Marielly Ribeiro; já do COPM, Ana Clara Menezes. Até a

última quinta-feira, Dayalo Xavier, Levi Diniz e Ana Clara Menezes já tinham conseguido subir ao pódio.

Os atletas convocados são escolhidos a partir do desempenho nos eventos seletivos do Norte e Nordeste, que seguem até o Troféu Milton Medeiros, realizado em julho. Os resultados geram um ranking regional, e os melhores nadadores são chamados para integrar a equipe nacional.

■ Campina Grande vai sediar os dois últimos eventos do calendário da Federação de Esportes Aquáticos da Paraíba



Na última quinta-feira, Dayalo Xavier, da Vila Parahyba, conquistou o ouro na prova de 1.500 m, em Cochabamba

MÊS DA CONSCIÊNCIA NEGRA

Fuga pelos caminhos da resistência

Conheça a história do escravizado que virou manchete nos jornais paraibanos da segunda metade do século 19

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojr@gmail.com



CONSCIÊNCIA NEGRA

Marcelino ganhou as páginas dos jornais da Paraíba da segunda metade do século 19 pelos informes de suas fugas, prisão e julgamento. Sem um sobrenome, o escravizado era identificado pelo senhor ao qual “pertencia”, primeiro o proprietário do Engenho da Graça, que o vendeu ao dono do Engenho Gargaú. No Mês da Consciência Negra, a sua trajetória e seus passos estão sendo recuperados em um roteiro turístico que percorre locais representativos da cultura afro-brasileira em João Pessoa, como forma de lançar novos olhares sobre a historiografia paraibana.

As principais informações sobre Marcelino são das crônicas policiais do jornal *O Tempo*. Na edição de 8 de maio de 1865, era noticiada a sua fuga, assim como o conflito com a polícia, ocorrido 45 dias antes, após ele ter esfaqueado um de seus parceiros. Escondido na Rua da Matinha, na mesma noite do incidente, Marcelino enfrentaria os encarregados de capturá-lo, de quem conseguiu se desvencilhar. O jornal comentava ainda a existência de um boato: “Dizem-nos também que ameaça tentar contra seu antigo senhor, José Luiz Pereira Lima, morador no Engenho da Graça, perto desta cidade”. Era essa suspeita que o tornava ainda mais temido, por colocar “em risco a existência de um cidadão considerado”, conforme relata a mesma matéria.

A professora do Departamento de História da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Solange Rocha, foi uma das pesquisadoras que analisou os relatos sobre Marcelino. Segundo a historiadora, é possível que ele tenha deixado questões pessoais não solucionadas pelos lados de sua antiga moradia, o Engenho da Graça, localizado nas imediações onde hoje é o bairro de Cruz das Armas, na capital paraibana.

A mudança de dono e de moradia é outro aspecto que provavelmente impactou o cotidiano de Marcelino. Diante do novo senhor, algumas conquistas obtidas ao longo da vida eram anuladas, obrigando-o a iniciar novas negociações.

“Esse processo poderia ser longo, e, ao que parece, Marcelino era impaciente, tendia a resolver as questões de forma mais direta, na base da violência física. As privações podiam ser também de diversas ordens, tais como: econômica, com a perda de autonomia para realizar a comercialização de produtos ou para realizar algum trabalho extra na capital ou nas propriedades vizinhas; afetiva, como a separação de parentes e de parceiros de cativeiro; e/ou pessoal, com a limitação para deslocamentos e restrição à vida social com pessoas escravizadas e livres”, explica a historiadora. As descrições dos jornais sobre Marcelino também a levam a supor que ele possuía alguma autonomia para circular pela então Cidade da Parahyba, inclusive para desfrutar momentos de lazer e manter amizades com pessoas não escravizadas.

A historiadora e professora da rede pública Elaine Dias também pesquisou o perfil da população escravizada nos anúncios de periódicos paraibanos oitocentista. Ela destaca que a permanência de Marcelino em liberdade e o su-

cesso de sua fuga podem ser atribuídos a uma possível rede de apoio. No jornal *O Publicador*, a pesquisadora encontrou relatos de que Marcelino era “acoutado” pelos moradores da Rua da Matinha, reforçando essa suspeita. Ao mesmo tempo, a divulgação na imprensa dos lugares por onde ele passava parece indicar também que existiam pessoas dispostas a denunciá-lo e ajudar na sua captura, inclusive porque oferecia-se uma gratificação de 100 mil réis pela sua prisão. Numa outra matéria, o motivo alegado de Marcelino ter ferido seu parceiro seria a suspeita de ele ter denunciado o local onde se escondia.

“Marcelino permaneceu fugido por aproximadamente oito meses [de março a outubro de 1865]. Sua fuga, para a sociedade escravista do Brasil e, consequentemente, da Paraíba oitocentista, representou não apenas uma ameaça à ordem social e econômica naquele período, mas também uma ameaça simbólica, um instrumento de poder, uma vez que, ao fugir, Marcelino afirmou sua resistência, sua recusa e a insubordinação da sua condição desumana, que desafiou constantemente a escravidão em busca de sua liberdade e autonomia”, afirma Elaine Dias.

Marcelino foi preso em 23 de outubro daquele mesmo ano e levado a julgamento dois meses depois pelo crime de ferimentos graves. Ainda que contasse com um advogado para realizar a sua defesa, foi condenado a oito anos de prisão e multa, penas convertidas pelo juiz em 200 açoites. Elaine Dias ressalta que, no contexto da sociedade da época, o dono do escravizado preferia a pena em açoites em vez da reclusão, pois esta última o impediria de trabalhar.

Nos passos do fugitivo

Felipe Coutinho, idealizador e guia da agência de afroturismo Apuama, mapeou os locais onde Marcelino se escondia durante as fugas para montar o roteiro intitulado *Marcelino: Caminhos de Resistência, Liberdade e Encruzilhadas*. Os estudos e pesquisas sobre sua história foram fundamentais para montar o trajeto que será realizado pela primeira vez na próxima quinta-feira (20), o Dia da Consciência Negra.

“No trabalho de pesquisa, a gente descobriu que ele se escondia e era visto na região da Matinha, que é justamente onde, hoje, se situa o Cemitério Senhor da Boa Sentença e toda a região do entorno do

Cordão Encarnado, uma parte do bairro Varadouro. No roteiro, a gente vai passando por esses territórios, que hoje são pontos de memória, como a Praça da Pedra, local de encontros de coco de roda e samba, e contextualizando como as pessoas que conseguiam comprar sua liberdade residiam naquele entorno, em casas de barro, palha e taipa”, explica Coutinho.

O guia faz questão de ressaltar a participação de Marcelino nesses espaços culturais como forma também de humanizar uma pessoa que foi representada nas páginas dos jornais como uma figura animalizada. Desconsideram-se aspectos importantes de sua vida, como o fato de se tratar de um homem que estava resistindo e buscando se situar com os negros e as negras que já tinham encontrado sua liberdade.

“Marcelino fugia justamente em horários noturnos, que era quando a senzala se encontrava aberta e seu senhor ia descansar. A gente imagina que ele ia para a região da Matinha a fim de se encontrar com os seus e participar também das manifestações culturais, se divertir, encontrar com os colegas. Foi a partir daí que a gente foi montando um roteiro, revisitando esses lugares”, acrescenta.

O roteiro prevê ainda paradas na Ponte do Baralho e um passeio de canoa margeando o Rio Paraíba até o Porto do Capim, espaço de povos originários e atualmente habitado por famílias de pescadores, onde será servido um almoço com culinária local e realizada uma vivência conduzida por guias da própria comunidade. O novo roteiro será incorporado à programação da Apuama Turismo, tornando-se o quarto passeio conduzido

pela agência no Centro Histórico de João Pessoa, que já realiza a *Caminhada Jam - pa Negra*, a rota *Sankofa Paraíba* e a rota *Raízes do Catolicismo Negro*.

Além dos moradores locais e turistas, Felipe Coutinho reforça também a importância de apresentar essas narrativas a estudantes do ensino básico, atendendo ao

que propõe a Lei nº 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas. Ele acredita que a educação antirracista, trabalhada por meio do turismo pedagógico, consegue aliar conhecimento científico e histórico com vivência de questões locais e atrair as novas gerações para redescobrir a história dos povos negros e originários na Paraíba.

“Resgatar e humanizar a memória de um escravizado como Marcelino e de tantos outros que passaram no nosso território é reconhecer que eles se manifestaram e influenciaram na cultura e culinária local, nas construções de todos os bens coloniais e do período imperial que temos até hoje; que contribuíram na arquitetura de tudo que a gente vê nessa cidade histórica, que é a terceira capital mais antiga do nosso país. É como dar um novo sentido à nossa historiografia, quebrar um pouco o olhar eurocêntrico das narrativas, que passam a ser vistas sob a ótica da população negra e da população indígena. Isso ajuda também a dar sentido de vida a pessoas que estão em áreas periféricas sendo subjugadas, ainda hoje”, defende Coutinho.

Para mais informações e inscrições da rota, basta acessar o site oficial do projeto (www.apuamaturismo.com.br).

Sem Marcelino ter direito nem a um sobrenome, a partida para a sua liberdade representou a afirmação da sua recusa e a insubordinação da sua condição desumana



Ilustração: Bruno Chiossi

Risoleta Córdula

Embaixadora das artes plásticas da Paraíba

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Para que as artes ganhem o mundo, há um trabalho não necessariamente artístico, mas igualmente necessário de seleção, organização, avaliação e mediação das obras e dos recursos necessários para que elas ganhem espaço e relevância. Foi nessa atividade de representação ou, mais precisamente, como embaixadora das artes paraibanas no exterior, que Risoleta Córdula descobriu-se e tomou como a sua verdadeira missão.

Risoleta era a mais velha dos cinco filhos do professor Raul Córdula e sua esposa Elizabete Trevas Córdula. Nascida em 1936, na cidade de Pesqueira, em Pernambuco, seguiu ainda criança com a família para o Rio de Janeiro. O irmão, o artista plástico Raul Córdula Filho, conta que, quando o pai retornou ao Nordeste, em 1955, chamado para assumir a direção do Colégio Estadual de Campina Grande, Risoleta também o acompanhou, mas não permaneceu por muito tempo.

Ainda jovem, ela integrou o Teatro do Estudante da Paraíba, ao lado da irmã, Leda Córdula, e de nomes como Elpidio Navarro, Nonato Batista, Lindaura Pedrosa e Pereira Nascimento. Apresentando-se no Festival de Santos, em 1959, esteve na lista das melhores atrizes do evento, com a peça *João Gabriel Borkman*.

Retornando para o Rio, formou-se em Serviço Social, casou-se e teve um casal de filhos: Cláudio, já falecido, e Cristina Córdula.

“Riso, como sempre a chamamos por sua beleza e alegria, descaçou-se e mudou-se para o Centro-Oeste, para ensinar na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Cristina, já uma modelo de passarela conhecida, mudou-se para Paris. Riso foi então convidada para a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), mas o sucesso de Cristina em Paris promoveu sua ida para a ‘Cidade Luz’, como a chamávamos na época”, explica Raul, com quem Risoleta compartilhou o amor pelas artes, ainda que de modo distinto.

Risoleta não era pintora. Buscava, segundo o irmão, o sentido mais profundo da arte pela crítica e, posteriormente, da curadoria. Foi com essas atividades que se firmou como uma conceituada crítica de arte internacional, carreira que se consolidou depois que foi morar na França, para fazer o doutorado em Sociologia.

“Em Paris, aonde fui algumas vezes a seu convite, levei-a a fazer visitas técnicas a museus e galerias. Com isso, aprimoramos seu olhar em todos os acontecimentos artísticos que se multiplicavam constantemente na cidade que, na época, ainda era o centro mundial das artes visuais. Fiz questão de fazê-la conhecer a arte contemporânea, que ainda era um tabu, mesmo entre os críticos de arte, tradicionais por suposto”, relata o irmão.

Risoleta Córdula residiu por mais de 20 anos na Cidade Luz, onde prestou assessoria do Departamento Cultural da Embaixada do Brasil, imprimindo uma marca de contemporaneidade aos eventos culturais brasileiros por lá realizados. Esteve responsável pela curadoria do 23º Festival Internacional da Pintura, realizado na cidade de Cagnes-sur-Mer,

com o patrocínio do Ministério de Cultura da França e da Unesco, criado para expor a jovem pintura contemporânea internacional e premiar os artistas. Trabalhou incansavelmente para divulgar a arte brasileira, inclusive de artistas da Paraíba, como seu irmão, Raul Córdula, Flávio Tavares, Heloísa Maia, entre outros.

“Paris trouxe coisas valiosas para mim, aliás, inúmeras. Tudo começou pela minha formação de crítica de arte internacional, depois escrevi uns típicos de um dicionário de arte e também a oportunidade que tive de escrever para vários catálogos de artistas franceses, espanhóis e portugueses”, comentou Risoleta, em sua última entrevista.

No currículo constam ainda participações em congressos internacionais promovidos pela Associação Internacional de Críticos de Arte, em Pequim, Moscou, Dubrovnik, Paris e Londres, assim como seminários, cursos e mesas-redondas na Fundação Cartier de Arte Contemporânea, Escola do Louvre, Galeria Nacional Jeu de Paume e Centro de Arte Contemporânea George Pompidou (Beaubourg), em Paris.

O pintor paraibano Flávio Tavares foi aluno de Raul Córdula e já conhecia Risoleta, mas aproximou-se dela por acaso, quando participava de uma exposição em Berlim, na Alemanha. Daí por diante, estreitaram os laços de amizade e Risoleta chegou, inclusive, a organizar uma de suas mostras na Galeria Mansart, na capital francesa.

“Risoleta era uma figura muito larga dentro das ações culturais na área da pintura. A presença dela lá em casa sempre foi uma coisa festiva, porque ela sempre levava novidades e a gente gostava de ouvir com atenção as epopeias vindas do continente europeu”, relata Tavares. Ele destaca, ainda, a abertura da curadora para promover pontes entre a arte brasileira, inclusive de artistas populares, e o cenário internacional.

Mesmo morando em Paris, Risoleta não esquecia as raízes e sempre retornava às terras paraibanas para visitar familiares e rever os amigos. Reconhecida como grande personalidade das artes, aproveitava do acesso livre às autoridades públicas para buscar apoio cultural aos projetos e eventos que envolviam a Paraíba. “Ela transitava sem preconceito nas artes, pegava da vanguarda extrema à arte popular, pois tinha uma visão de que a arte era uma coisa só”, ressalta Flávio Tavares.

Arte contemporânea mais acessível

Mesmo deixando o trabalho na embaixada, Risoleta Córdula permaneceu na França. Por lá, ela montou seu escritório de arte, o RC Bureau d’Art, onde começou a desenvolver atividades profissionais representando artistas internacionais, a maioria brasileiros, para expor em importantes galerias parisienses, mas também em espaços da Espanha, Itália, Alemanha e Portugal.

Numa das suas vindas ao Brasil, participou, em 2003, do seminário *Arte Contemporânea – Antecedentes históricos e atuais*, no qual proferiu palestras em Salvador, São Paulo e Rio. Defendia a possibilidade de tornar a arte contemporânea mais acessível por meio de informações simples e precisas sobre os contextos histórico, político e social, como as guerras, catástrofes, terrorismo e violência. “A arte de hoje é reflexo da vivência dos artistas face a tais acontecimentos e seus sentimentos de emoção e de protesto diante do mundo em que vivemos”, expressou-se numa entrevista.

Argumentava que os curadores e críticos de arte possuem uma função importante como mediadores entre o público e a produção de arte, cabendo-lhes desenvolver um trabalho teórico-prático capaz de simplificar o entendimento da obra e torná-la mais acessível. Apesar de reconhecer o papel contestador e intransigente das instalações, *performances*, fotografias e videoartes, apostava no retorno da pintura como forma de expressão para o futuro, valendo-se de novos suportes e materiais. “As três mostras mais visitadas, atualmente, em Paris, são de pintores”, exemplificou, na época.

“Boa de conversa, Riso tinha muitos amigos no mundo – franceses, ingleses, italianos, paulistas e paraibanos –, que ela recebia na Europa, onde era conhecida como ‘embaixadora’”, escreveu o jornalista paraiba-

no, Kubitschek Pinheiro.

Na memória, Flávio Tavares guarda os encontros que Risoleta promovia em sua residência para acolher os amigos, como direito a pianista e boas conversas, num verdadeiro encontro franco-brasileiro.

Segundo o artista, a mesma abertura que Risoleta tinha para as artes tinha também para renovar a “flora de amigos”. O carinho e afeto, traços marcantes de sua personalidade, não a impedia, no entanto, de avaliar com precisão a qualidade dos trabalhos artísticos, inclusive os dos amigos.

“O grande perigo dos amigos é a tendência ao elogio, mas como ela era uma pessoa de formação rigorosa e crítica, jamais aceitaria escrever sobre uma obra que não gostasse. Ela escrevia, por exemplo, sobre a minha pintura e sobre a do irmão, que é muito mais do que um amigo, de forma isenta. Quando ela não gostava, fazia críticas negativas também e dava algumas pinçadas com elegância, apontando um prumo para os jovens artistas”, revela Tavares.

Risoleta Córdula faleceu na noite do domingo, dia 28 de junho de 2009, em Recife, Pernambuco, aos 72 anos. Planejava voltar a morar no Brasil e lançar um projeto para apoiar novos artistas paraibanos desejosos de expor na França, fazendo valer, até o fim, o título que lhe foi dado de “embaixadora das artes plásticas paraibanas em Paris”.

Ilustração: Tábata

Conceituada crítica de arte internacional, Risoleta prestou assessoria na França, escrevia para catálogos de franceses, espanhóis e portugueses, além de divulgar os artistas paraibanos para o mundo

Angélica Lúcio

Elas deixaram o jornalismo, mas a raiz continua lá: rendendo frutos

Conheci as jornalistas Ellyka Gomes e Maria Livia Cunha quando nós três fazíamos parte da Rede Paraíba de Comunicação. O tempo passou, e cada uma de nós seguimos caminhos diversos: hoje sou jornalista concursada da Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (Ebserh), mas atuando em outro órgão federal, enquanto Ellyka e Livia deixaram a área de origem.

Minto: elas largaram o jornalismo, mas a raiz continua lá: rendendo frutos. Ellyka e Livia estão à frente da empresa Soé Paraíba, marca de acessórios contemporâneos. São peças autorais, com qualidade e propósito. A mais nova coleção, inspirada no Movimento Armorial idealizado e criado pelo célebre escritor paraibano Ariano Suassuna, foi lançada recentemente.

Mas por que estou aqui a falar sobre a Soé Paraíba, se esta coluna é sobre comunicação e que tais? Explico: o trabalho das antigas repórteres do *Jornal da Paraíba*, onde convivemos, tem muito da lida jornalística. Envolve apuração, pesquisa, entrevista e outras coisas mais. Ou seja, o aprendizado que elas tiveram na universidade e nas redações (que, sim, ensinam muito) continua lá.

Antes do lançamento das novas peças da *startup*, houve mais de dois anos de entrevistas, pesquisas e viagens por diversas cidades do estado, incluindo Taperoá, Aparecida, Ingá e Campina Grande, além



Maria Livia Cunha (E) e Ellyka Gomes (D) são empresárias da Soé Paraíba que “beberam” do jornalismo

de Recife (PE). Não bastava criar uma nova coleção baseada apenas no tema da cultura nordestina e armorial. Era necessário mergulhar na proposta!

E isso tem tudo, tudo a ver com o trabalho jornalístico! Muitas vezes, há quem imagine que, para fazer uma matéria, registrar personagens ou um evento, é necessário somente elaborar perguntas

aleatórias, fazer cliques aqui e ali, sem pesquisa alguma. Que balela!

Claro que o trabalho jornalístico pode ser feito dessa forma, sem um aprofundamento prévio do tema, mas o produto final será mais do mesmo. Ou melhor, será menos. Terá pouco ou nenhum impacto do ponto de vista de criatividade, inovação e conexão com o leitor.

Sobre isso, recordo-me de uma aula que tive com o querido professor Hildeberto Barbosa Filho, durante o mestrado. Ele deu uma bela bronca na turma, porque praticamente nenhum dos alunos tinha feito algo que deveria ser essencial: pesquisar sobre o autor do artigo que estávamos lendo. Como interpretar, criticar, questionar pontos do texto, ou mesmo compreender melhor o contexto e o cenário em que foi escrito, se nem sequer tivemos curiosidade em saber mais sobre o autor em questão?

Isso vale para academia, vale para o jornalismo... e para a vida. E o atual momento das jornalistas, e hoje empresárias, Ellyka Gomes e Maria Livia Cunha reforça isso: elas foram a fundo no objeto de pesquisa! E conseguiram produzir uma coleção linda, maravilhosa mesmo, feita a partir do que elas investigaram, refletiram e aprenderam com as suas viagens e as suas entrevistas.

Não sei se as duas profissionais têm a devida percepção do quanto o jornalismo — suas práticas e códigos deontológicos — influencia no trabalho que fazem hoje. Mas eu vejo bem isso. Identifico mais: o talento só cresce (desde quando a empresa foi criada, em 2019) e evoluiu porque ambas estão dispostas a aprender mais e mais. E a busca do conhecimento, cá entre nós, precisa ser prática constante de todo jornalista.

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

Do caipira ao sertanejo de raiz — VI

As que acompanham as nossas andanças da música caipira à sertaneja de raiz, não nos custa repetir que temos procurado enaltecer aqueles que, em duplas ou mesmo em trabalho solo, dedicaram suas vidas artísticas a esses estilos.

São inúmeros os personagens dessa galeria que sempre buscaram colocar em evidência uma maneira muito objetiva de preservação das nossas raízes musicais. Não será demasiado repetir a longa estrada por eles percorrida, mesmo sabendo que ainda há muito a fazer. Assim, nunca será demais se repetirem nomes como João Pacifico, Cornélio Pires, Raul Torres, Inezita Barroso, Rolando Boldrin, as duplas Alva-renga e Ranchinho, Cascatinha & Inhana, Tonico & Tinoco, entre tantos outros, inclusive os mais recentes sobre os quais iremos falando em colunas posteriores.

Importante é dizer que, em alguns casos, a criação musical propriamente dita enditece ainda mais os seus intérpretes. E o caso dos irmãos José Ramiro Sobrinho e Ramullo Ramiro da Silva, a conhecida dupla Pena Branca (Igarapava-SP 1939–São Paulo – SP 2010) & Xavantinho (Uberlândia-MG, 1942–São Paulo-SP 1999).

Iniciaram a carreira em 1961, com o nome de Xavante & Xavantinho, adotando o nome definitivo em 1970, quando, já na capital paulista, venceram um festival de música sertaneja, vindo a conquistar o seu espaço na mídia, em 1980, já obtendo classificação no Festival MPB-Shell (Rede Globo), com a música “Que terreiro é este” (Joel Amarel) que lhes deu um pouco mais de visibilidade.

Foram, então, levados pelo produtor Roberto Oliveira a gravar, ainda sem grande sucesso, “Velha Morada” (João Luiz Corrêa). O “grande salto” somente veio a



Imagem: Reprodução/Veias

Capa do álbum “Pingo d’água”, lançado pela dupla Pena Branca & Xavantinho em 1996

acontecer em 1981, quando, levados por Rolando Boldrin, apareceram no televisor Som Brasil (TV Globo), iniciando-se uma série de apresentações em outras praças. Foi Boldrin o produtor do álbum deles, em 1982 — “Uma Dupla Brasileira”.

Daí em diante, a música abriu-lhes as portas do sucesso. Vieram gravações que consagraram a dupla, que, em paralelo, apresentava-se para um público diversificado, mas caracterizando-se por uma postura com a qual se destacavam

pela humildade e simplicidade do *mise-en-scène*. Vieram então os *hits* que os consagraram: “Cio da Terra” (Chico Buarque e Milton Nascimento), “Cálix Bento” (tema do folclore mineiro, resgatado por Milton Nascimento), “Sodade, meu bem, sodade” (Zé do Norte), “Vaca Estrela, Boi Fubá” (Patativa do Assaré), “Luar do Sertão” (Catulo da Paixão Cearense e João Pernambuco), “Chalana” (Mário Zan e Arlindo Pinto), “Vida de Viajante” (Luiz Gonzaga e Hervé Cordovil), “Tristeza do

Jeca” (Angelino de Oliveira), “Romaria” (Renato Teixeira), “Urupuru” (Murilo Latini e Jacobina), “Tuverava” (Ivan Lins e Vitor Martins), “Flor do Cafezal” (Luiz Carlos Paraná), “De papo pro ar” (Joubert de Carvalho e Olegário Mariano)... Como se nota, ao lado de criações mais recentes, tem-se aí uma *playlist* da mais autêntica música sertaneja de raiz.

Além da já citada classificação no Festival MPB-Shell, a dupla conquistou outros prêmios, como o Sharp e o APCA, além de haver se apresentado em shows nos EUA, no início dos anos 1990.

Com a morte de Xavantinho, ocorrida em 1999, Pena Branca continuou na estrada, em trabalho solo, sem fugir do estilo que consagrou a dupla, com os ritmos cateretê, toada, moda de viola e similares, sem nunca arrefecer do caminho que a música lhe traçou, mas unindo tradição e modernidade.

O crítico e produtor musical Tavinho Moura faz rasgados elogios ao caminho musical seguindo pela dupla: “Pena Branca e Xavantinho são só carinho. Vozes alegremente masculinas que fazem a gente pensar que Deus é passarinho [...], já cantavam um repertório bem diferente das demais duplas sertanejas. Eles sabem o que querem, o que gostam de cantar”.

Após a morte do irmão, Pena Branca lhe dedicou o álbum *Semente Caipira*, para cuja gravação contou com a participação de vários amigos, em álbum que foi registrado pela escritora, especialista no assunto Rosa Nepomuceno (*Música Caipira — da Roça ao Rodeio*, Editora 34, 1999). E ela quem afirma: [Este] “é um dos mais belos discos da temporada. Com músicas inéditas e clássicos caipiras, Pena Branca mostra fôlego e inspiração para tocar sozinho”.

REDES SOCIAIS

Nova série mergulha nos bastidores da fama digital

“Má Influencer” é uma produção sul-africana entre as mais vistas da Netflix

Laysa Zanetti
Agência Estado

Em *Má Influencer*, nova série original sul-africana da Netflix, uma mãe solo, BK (Jo-Anne Reyneke), une-se a uma influenciadora, Pinky (Cindy Mahlangu), para vender bolsas de luxo falsificadas *on-line*. Mas o golpe chama a atenção tanto de uma gangue de falsificadores quanto das autoridades, e elas precisam ser mais espertas do que a polícia e os criminosos caso queiram ganhar dinheiro e não ir para a cadeia.

Em sete episódios, a nova atração aborda temas como a fama nas redes sociais, a cultura — por vezes tóxica — dos influenciadores digitais, além de lealdade e a busca por sobrevivência. A série foi criada e escrita por Kudi Maradzika, com direção de Ari Kruger e Keitumetse Qhali. Atualmente, a produção está entre as mais vistas da Netflix.

Definida pela edição sul-africana da revista *Glamour* como “parte da nova onda de talentos africanos que estão redefinindo a forma de contar as histórias do continente, e quem pode contá-las”, Kudi oferece um ponto de vista particular sobre temas como cultura digital e cultura de influência. Afinal, ela mesma tentou se tornar uma influenciadora em períodos anteriores de sua carreira, e fala de uma perspectiva própria. “Cheguei até mesmo a ser convidada para eventos de marca”, declarou à



Foto: Divulgação/Netflix

Mãe solo com dificuldades para criar o filho une-se a influenciadora para vender bolsas falsificadas

revista. “Mas, como jornalista de formação, comecei a perceber um mundo muito mais complexo do que as pessoas imaginam”.

Depois disso, ela fez parte de um laboratório do Instituto Realness, uma incubadora de projetos de onde a Netflix selecionou filmes e séries de países como Quênia, África do Sul e Nigéria, contratou roteiristas e passou um ano e meio desenvolvendo a história. “*Má Influencer* explora o quanto as mídias sociais moldam nossa identidade, nossas ambições e nossa bússola moral, especialmente em uma sociedade obcecada por imagem”.

Tecnologia e crime

Além da fama das redes sociais, *Má Influencer* também aborda a relação entre

tecnologia e crime, sobretudo quando consumidores podem ser enganados por influenciadores em quem confiam ou estratégias de *marketing* enganosas.

A série também aborda as questões morais em torno da origem e do destino do dinheiro das falsifi-

cações — tudo isso sob um viés local. “Os ritmos culturais, o humor e as contradições sul-africanas conduzem a história”, declarou Maradzika ao portal nigeriano *Nollywood Reporter*. “A equipe fixou a história em um mundo que é reconhecidamente nosso”.

Charada

Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br

Resposta anterior: Acusadas (1) = rés + feijão liquefeito (2) = caldo. **Solução:** resfriamento (3) = rescaldo.

Charada de hoje: Falou (2) que, junto a um depósito subterrâneo de minério (2), ele entrega de graça (1) sua riqueza dispersa e espalhada (5).



Ilustração: Bruno Chioffi

Tiras

O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)



Filmes preferidos do papa

Antes do encontro com grandes atores e diretores do cinema no Vaticano, que aconteceu neste fim de semana, o papa Leão XIV revelou seus quatro filmes preferidos. Na audiência, estrelas como Cate Blanchett, Chris Pine, Alison Brie, Dave Franco, Viggo Mortensen e Adam Scott, além dos realizadores vencedores do Oscar, como Spike Lee, George Miller e Gus Van Sant, e outros como Joanna Hogg, Tony Kaye e Julie Taymor. Veja a seguir quais são as produções prediletas do pontífice da Igreja Católica. Entre os filmes escolhidos pelo papa, destacam-se temas como família, amizade e companheirismo, mesmo nas piores situações (com informações da Agência Estado).

A Felicidade Não Se Compra (1946)

O clássico de Frank Capra mostra a história de um homem (vivido por James Stewart) que desistiu de seus sonhos para ajudar os outros, cujo suicídio iminente na véspera de Natal provoca a intervenção de seu anjo da guarda (encarnado por Henry Travers). Assim, o protagonista vê como as vidas de todos ao seu redor teriam sido mudadas para pior se ele não tivesse existido. Foi indicado em cinco categorias do Oscar, incluindo Melhor Filme e Direção, e foi reconhecido pelo American Film Institute como um dos 100 melhores filmes norte-americanos já feitos.

A Noviça Rebelde (1965)

Com Julie Andrews e Christopher Plummer nos papéis principais, o longa-metragem dirigido por Robert Wise conta a jornada da família austríaca Von Trapp para sobreviver à Segunda Guerra Mundial. No Oscar, o musical com toques biográficos foi um dos destaques, com cinco vitórias: Melhor Filme, Montagem, Diretor, Trilha Sonora Original e Mixagem de Som, além de outras cinco indicações.

Gente Como a Gente (1980)

Grande vencedor do Oscar na sua época, o primeiro filme dirigido pelo ator Robert Redford fala sobre o trauma de uma família após o acidente que vitimou um dos filhos. Com roteiro baseado no romance homônimo de Judith Guest, publicado originalmente em 1976, o longa levou as estatuetas nas categorias de Melhor Filme, Diretor, Ator Coadjuvante (Timothy Hutton) e Roteiro Adaptado.

A Vida é Bela (1997)

Com três estatuetas da Academia de Hollywood, Melhor Filme Estrangeiro (atualmente Melhor Filme Internacional), Ator (para o também diretor Roberto Benigni) e Trilha Sonora Original, a produção italiana relata a jornada de um pai judeu para tentar proteger seu filho pequeno dos horrores dos campos de concentração nazistas, afirmando que tudo aquilo era um jogo. Benigni chegou a dizer que o título do filme é baseado em uma citação de Léon Trotsky.

9diferenças

Antonio Sá (Tônio)



Solução

1 – cauda do corvo; 2 – olho da coruja; 3 – fumaça; 4 – remendo da roupa; 5 – bico do corvo; 6 – colher de pau; 7 – boca da fumaça; 8 – espinha; 9 – dente.